Gideon Cahill, 1507

por Rick Riordan

Damien Vesper não planejava matar ninguém naquele dia.

Era uma agradável manhã de outono. Um vento fresco tinha varrido a neblina dali. O sol brilhava sobre o mar Celta.

Ao longe, a costa da Irlanda se estendia fértil e verde. Toda aquela terra, até onde os olhos de Damien alcançavam, era controlada pela família Vesper havia séculos. Da ilha onde estava, a um quilômetro e meio da costa, Damien não podia ver a propriedade ancestral dele, um castelo que não visitava havia um ano. Não podia ver os camponeses dele morrendo nem ouvi-los lamentando a imundície e a miséria em que viviam. Não sentia o cheiro repugnante da morte. Distante, na direção nordeste, uma coluna de fumaça serpenteava pelo céu azul: provavelmente outro vilarejo em chamas. Fora isso, no entanto, tudo parecia pacífico e belo. Nenhum sinal da peste negra.

Damien bebeu um gole de vinho quente, deliciando-se com o aroma de cravo e noz-moscada. Achava ridículo que em plena era moderna, no ano de 1507, ainda fosse obrigado a fugir da peste, a mesma doença que havia amaldiçoado a Irlanda dos tempos de seu tataravô. Tantos avanços conquistados pelas ciências desde então, tantas descobertas espantosas, e a peste ainda atrapalhava seus planos.

Mas não tinha importância. A peste negra não podia alcançá-lo ali. Ele simplesmente encarregava seus empregados no continente de recolher os impostos. Ignorava os relatos nervosos deles sobre centenas de pessoas que morriam todas as semanas, os irritantes pedidos de ajuda de seus camponeses. Continuava seu trabalho em paz, desfrutando as aquisições que seus representantes lhe mandavam de todas as partes da Europa.

Olhou para o mapa em xilogravura que agora enfeitava sua parede, um trabalho belíssimo que acabara de chegar da França. Relatórios e desenhos vindos da Itália cobriam sua escrivaninha. Damien vasculhava o mundo em busca de tesouros raros e segredos poderosos. No entanto, uma mensagem sussurrada em seu ouvido naquela manhã pela governanta dos vizinhos talvez fosse a mais importante que ele já havia recebido.

Seria possível que o segredo mais poderoso do mundo, a informação que poderia ajudar Damien a alcançar suas mais desvairadas ambições, estivesse escondido bem debaixo de seu nariz?

Pois era o que ele pretendia descobrir naquela manhã.

Seus olhos se desviaram para o novo mosaico no teto: um círculo de 1,5 metro de diâmetro representava o brasão dos Vesper. Mas não era mera decoração. Ele tinha instalado a armadilha havia pouco tempo, para sua diversão. Tinha pensado em testá-la com algum criado preguiçoso ou com a próxima sentinela que adormecesse em serviço. Agora, porém, ela iria servir para um objetivo muito mais importante. Ele iria testar sua teoria. Se estivesse certo, Damien Vesper poderia se tornar o homem mais poderoso do mundo.

Uma batida na porta. Seu criado Balthazar entrou, fazendo uma profunda reverência.

— Meu senhor, Gideon Cahill está aqui.

Damien sorriu. Não planejava matar ninguém naquele dia. Mas ele não via mal em ser flexível.

— Mande-o entrar — ordenou.

***

Gideon vestia suas habituais roupas de camponês, nada apropriadas para um homem com seus talentos.

Seu cabelo era uma confusão de tufos grisalhos revoltos que pareciam nuvens de tempestade. O rosto áspero estava escurecido por anos passados num laboratório esfumaçado preparando suas misturas. As substâncias químicas tinham transformado seu avental numa paleta de manchas e seus antebraços estavam cobertos de anotações em latim: lembretes que Gideon escrevia em si mesmo quando não queria dar-se ao trabalho de encontrar um pedaço de pergaminho.

Apenas seu anel de ouro, uma herança de família preciosa demais para um camponês, indicava que ele era um homem de valor. E também seus olhos, ainda vivos, e como sempre radiantes, debaixo das grossas sobrancelhas grisalhas.

Aqueles olhos tinham chamado a atenção de Damien pela primeira vez uma década antes, quando Gideon Cahill tinha se levantado num banquete de Natal, à mesa do próprio Damien, e ousara corrigi-lo sobre alguma questão de astronomia, citando o novo trabalho de um cientista chamado Copérnico.

Damien não estava acostumado a ser corrigido. Ele poderia ter mandado açoitar Gideon por sua grosseria, mas o brilho inteligente em seus olhos o fez pensar duas vezes.

Ele se lembrava de ter pensado: *Eis alguém que eu poderia usar. Não é um simplório. É um homem de intelecto.*

Depois do banquete os dois vararam a noite conversando, discutindo assuntos eruditos que ninguém mais poderia entender naquele fim de mundo atrasado que eram as terras do lorde Vesper. Tinha sido o começo de uma amizade rara.

É verdade que a amizade havia se desgastado desde que os Cahill e o Vesper, com seus criados e acompanhantes, tinham fugido juntos para aquela ilha. Às vezes Gideon passava semanas encerrado em seu laboratório, apenas mandando bilhetes à mansão de Vesper quando precisava de suprimentos ou dinheiro. Não fosse Maria, a governanta dos Cahill, Damien teria ficado inaceitavelmente desinformado sobre as atividades de Gideon. Maria, porém, estava longe de ser uma espiã perfeita.

A última vez que Damien encontrara Gideon, cerca de uma semana antes, tinha se espantado e até se preocupado ao ver como o amigo envelhecera. Pobre Gideon, de espírito tão nobre, que encarava a peste como um assunto pessoal, trabalhando como Hércules em busca de uma cura. Ele não parecera em melhor estado que os alquebrados servos do Vesper depois de anos de trabalho árduo nos campos.

Mas então... Exatamente como a governanta tinha contado, alguma coisa em Gideon Cahill havia mudado de forma drástica. Ele estava mais ereto. Seus ombros pareciam mais largos. O cabelo estava realmente mais escuro? Parecia impossível, mas Gideon Cahill dava a impressão de estar mais saudável, mas jovem.

Ele fez alguma coisa naquele laboratório sinistro, meu senhor, Maria tinha cochichado, nervosa. *Passou um tempo doente, sim. Mas agora mudou: está mais forte, mas ágil. Até a audição dele é espantosa! Eu o ouvi falando sozinho sobre uma fórmula, uma mistura. Aderiu à bruxaria, é o que temo. Meu senhor, não são naturais as coisas que o vi fazer!*

Damien não acreditava em bruxaria, mas o tom de Maria fora suficientemente alarmante para capturar sua atenção. Ela espionava a família Cahill para ele havia anos, mas nunca o procurara em tal estado de pânico. Agora, vendo Gideon com seus próprios olhos, as suspeitas de Damien cresceram.

— Meu caro Gideon — Damien apertou as mãos calejadas do amigo. — Venha, você precisa ver minhas novas aquisições!

Gideon examinou a sala com olhos cautelosos antes de entrar. Damien sentiu uma pontada de irritação. Outra mudança ocorrida nos últimos meses: Gideon parecia cada vez mais desconfiado, evitando *deliberadamente* a companhia de Damien.

Damien não suportava a ideia de que Gideon pudesse estar ocultando algo.

Disfarçou a raiva com um sorriso largo e conduziu o amigo para dentro da sala de estudos, até que Gideon estivesse exatamente embaixo do brasão de mosaicos no teto.

— Está vendo? — Damien se inclinou sobre a mesa e espalhou meia dúzia de esboços feitos a carvão. — São apenas estudos preliminares, é claro, mas meu representante em Florença me disse que esse artista, Leonardo, é um mestre e também um inventor e tanto de aparelhos mecânicos, que, como você sabe, são minha paixão. Leonardo acaba de concluir um retrato de Lisa deu Giocondo. Ele chama o quadro de Mona Lisa. Pensei em encomendar a ele um retrato meu e, enquanto estivesse aqui, eu poderia sondá-lo sobre alguns de seus segredos mecânicos. O que lhe parece?

— Caro — murmurou Gideon.

Vesper deu uma risadinha. Gideon não era alguém fácil de impressionar, o que apenas fazia Damien se sentir mais determinado a impressioná-lo. Mesmo que hoje fosse a última vez.

Damien afastou os esboços de Leonardo.

— Talvez tenha razão. Mas certamente você há de admitir que isto aqui valeu o preço que custou. — Damien fez um gesto grandioso em direção a seu novo mapa de parede, uma série de 12 painéis em xilogravura formando o mapa-múndi pintado em tons fortes de azul e verde. — É o mapa mais novo e mais preciso que existe, Gideon. Uma réplica perfeita de um que acabou de ser encomendado no ducado de Lorena. Um sujeito chamado Waldessemuller o criou. Está notando alguma coisa?

Os olhos argutos de Gideon estudaram o mapa por não mais que um instante.

— Os novos continentes. Ele os rotulou... América?

— Sim, em homenagem ao explorador Américo Vespúcio. Me parece um nome tolo, mas que importa? Nosso mundo oficialmente cresceu, Gideon! Não acha instigante? Pense em todas aquelas terras a conquistar, em todos aqueles reinos de selvagens com riquezas além da imaginação. A Espanha, você sabe, está ficando rica, voltando com todos os seus navios carregados de ouro e prata. Estou lhe dizendo: se um homem tivesse poder suficiente, poderia se constituir imperador do Novo Mundo. Poderia muito bem ser chamado de Vesperia, não acha?

Gideon franziu o cenho.

— Me parece, Damien, que temos problemas suficientes só cuidando da terra que já possuímos. Mais 43 de nossos aldeões morreram esta semana. Precisamos encontrar uma cura para a peste negra, e duvido que a resposta esteja nessa... *América*.

Damien controlou mais uma vez a irritação. Gideon era o único que ousava falar com ele com tamanha audácia. No passado, Vesper tinha achado sua franqueza estimulante. Tinha até permitido que Gideon se dirigisse a ele pelo primeiro nome.

Mas agora Damien se perguntava se não teria deixado Gideon excessivamente à vontade.

Nossos aldeões? As terras pertenciam a Vesper e a mais ninguém. E quando foi que a mentalidade de seu amigo se tornara tão estreita? Vesper tinha lhe mostrado novos continentes repletos de milhares de potenciais súditos, um mundo a ser conquistado, e Gideon se preocupava com 43 camponeses mortos pela peste.

— Bem — disse Damien em tom despreocupado — uma cura seria de fato admirável, e é por isso que venho lhe oferecendo um financiamento substancial. Como anda sua pesquisa?

De novo aquela leve hesitação. Gideon escondia alguma coisa, não havia dúvida. Seus olhos tinham uma expressão de quase medo. No entanto, fisicamente ele parecia pleno de energia, alto, aprumado. Definitivamente, irradiava saúde.

Uma fórmula, uma mistura, tinha dito a governanta. Interessante...

— Está caminhando muito devagar — disse Gideon por fim. — O mercúrio é tóxico demais. A solução de ferro não equilibra os humores do corpo como eu esperava. — Olhou para cima, como se só então tivesse notado o brasão de mosaicos no alto. — Um novo trabalho artístico?

Damien ignorou a pergunta, embora estivesse consciente do botão que acionava a armadilha, embutido no piso a apenas alguns centímetros de sua bota esquerda. Se as coisas dessem errado, Gideon estava na posição perfeita.

— Se você usasse cobaias vivas — sugeriu Damien — voluntários humanos, como eu propus...

— Não, Damien.

— Temos gente mais que o bastante. Isso aceleraria seu trabalho.

— Nunca.

Damien comprimiu os lábios. Depois de todos aqueles anos, Gideon Cahill ainda o deixava perplexo. Tão dedicado à busca de uma cura, e ainda assim recusava a opção mais lógica: fazer experimentos com os camponeses. A não ser, claro, que já tivesse testado sua cura de alguma outra maneira...

— Então você não fez progressos? — perguntou Damien.

Gideon hesitou.

— Não encontrei a cura.

— Ah. Mas encontrou alguma coisa.

Gideon girou seu anel de ouro.

— Meu senhor?

Agora ele se dirige a mim de modo adequado, pensou Damien.

— Eu o conheço há dez anos, meu amigo — disse Damien. — Você é um homem de muitos talentos, mas enganar não é um deles. É um péssimo mentiroso. Você descobriu alguma coisa importante usando a minha fortuna, usando equipamentos e ingredientes que eu mandei trazer dos quatro cantos do globo, usando esta ilha do meu território como refúgio.

— Esta ilha é terra da família Cahill, meu senhor — corrigiu Gideon. — Ela nos foi dada há séculos pelos reis gaélicos. Nós os convidamos a vir para cá, lhes demos o usufruto deste solar...

— Sim, sim. — Damien fez pouco-caso dos detalhes técnicos. — Mas, ainda assim, fica na *minha* baronia, e você me deve lealdade. No mínimo, me deve a verdade. O que você descobriu?

Os olhares de Gideon e Damien se enfrentaram, e Damien deu um passo involuntário para trás. Gideon parecia apavorado, mas Damien percebeu que não era medo dele. Gideon Cahill estava com medo daquilo que tinha descoberto.

— Eu lhe diria, meu senhor — assegurou Gideon — se tivesse descoberto alguma coisa que lhe fizesse bem. Acredite em mim: não descobri.

— Entendo — Damien sentiu seu coração batendo mais devagar, o que sempre acontecia quando se via obrigado a recorrer à força. A antecipação da violência exercia um efeito relaxante sobre ele, como uma prece. — Infelizmente, meu amigo, devo admitir que não tenho a mesma habilidade que você para a alquimia. Mas, como sabe, faço minhas pesquisas com mecânica. E, diferentemente de você, não vejo problema em testar minhas invenções em cobaias vivas. Permita que eu lhe demonstre.

Damien pisou no botão disparador e o teto acima de Gideon desabou.

Era uma das criações mais simples de Damien, mas, ainda assim, impressionante. No sótão acima do brasão dos Vesper, havia três colunas de calcário que se erguiam lado a lado com apenas dez centímetros de distância uma da outra, tão grossas e pesadas quanto o mastro de um navio, mas de tal modo equilibradas que apenas um minúsculo pino era suficiente para mantê-las em posição. Uma vez acionado o botão disparador, engrenagens giravam, uma haste de ferro se retraía e o brasão dos Vesper se desintegrava. As colunas desabaram como a mão pesada de Deus.

O barulho foi tremendo. As colunas se espatifaram. Estilhaços voaram para todos os lados, fazendo a mansão inteira estremecer. Debaixo de tudo isso, Gideon deveria estar esmagado.

No entanto, quando a poeira assentou, Damien viu Gideon Cahill em pé, há cerca de um metro dos escombros, ileso a não ser pelos nós dos dedos arranhados e ensanguentados de sua mão direita.

Meu Deus, pensou Damien. *Então é verdade.* Sem se conter, riu de júbilo.

Ele percebeu seu erro tarde demais. Gideon se moveu com uma rapidez que os olhos de Damien não conseguiram captar. Em um instante, tinha Damien preso contra a parede e os dedos em volta de seu pescoço. Damien não era leve, mas Gideon o segurava como se não passasse de um espantalho.

— O senhor tentou me matar, meu senhor? — Os olhos de Gideon brilhavam de fúria. — E depois riu disso?

Por um instante, Damien ficou tão chocado que não conseguiu falar. Colocar as mãos em um nobre era um crime punível com a morte, porém Gideon, o homem mais gentil que Damien já conhecera, parecia disposto a quebrar seu pescoço. Os dedos de Gideon o pressionavam debaixo do maxilar. A pulsação de Damien acelerou. Sua visão começou a escurecer. Com um leve movimento de pulso, conseguiu fazer deslizar um punhal da manga da camisa, onde sempre o guardava.

— Será que isso vale... o preço... Gideon? — perguntou Damien, ofegante, mas podendo falar, com a traqueia comprimida. Ele pressionou a ponta do punhal de leve nas costelas de Gideon. — Pense bem.

Gideon apertou mais. Seus olhos estavam cheios de uma raiva assassina.

— Vamos morrer juntos — sussurrou Damien com a voz rouca. — Mas não vai acabar assim. Sua mãe em Milão. Seu irmão em Dublin. Sua mulher e seus filhos...

Damien olhou fixamente para o rosto de Gideon enquanto este absorvia o significado de suas palavras. Era arriscado ameaçar um homem enfurecido, mas Damien precisava lembrá-lo com quem estava lidando. Sua rede de espiões e assassinos se estendia para muito além da Irlanda. Ele tinha muitos amigos e numerosos lacaios bem pagos que não reagiriam bem à morte de seu patrono. Gideon sabia disso. Se matasse Damien Vesper, toda a família Cahill seria varrida da face da Terra.

Ouviram-se batidas urgentes na porta. Balthazar entrou de supetão, a espada em riste.

— Meu senhor, está tudo...

— Parado aí! — gritou Damien. Ele olhou fixamente para Gideon. — Está tudo bem, não é verdade, Gideon? Um pequeno desentendimento, nada mais.

Damien contou até cinco, pensando, a cada batida do coração, se ela seria a última. Por fim, a expressão de fúria de Gideon se transformou em asco. Soltou Damien e deu um passo para trás.

Damien recolocou o punhal na bainha e engoliu em seco, procurando se recompor.

— Está vendo, Balthazar? Agora nos deixe.

Balthazar olhou incrédulo para seu senhor, depois para o rombo aberto no teto e para a tonelada de pedra despedaçada no chão, sem dúvida se perguntando como aquilo podia ser apenas um pequeno desentendimento.

— S-sim, meu senhor — respondeu, gaguejando. Recuou rapidamente, fechando a porta ao sair.

Gideon chutou os escombros, espalhando ladrilhos do mosaico do brasão dos Vesper.

— Houve época em que tive opinião melhor de você, Damien. Pensei que fôssemos amigos.

— Mas nós somos amigos — Damien falou com mais despreocupação do que sentia, ciente de que precisava reverter a situação rapidamente. — As colunas foram apenas um teste. Eu sabia que você se sairia bem. Me conte, como escapou delas?

Gideon cerrou os punhos.

— Se você ameaçar a minha família de novo, se encostar um dedo neles...

— Não, não, é claro que não — Damien desconversou rapidamente. — Disse aquilo em um momento de raiva! Mas, voltando ao que interessa: ninguém é tão ágil assim. Seus dedos estão sangrando. Você chegou mesmo a *empurrar* uma das pedras para o lado?

Gideon ainda parecia pronto a atacar, mas, como Damien esperava, sua natureza civilizada dava a impressão de estar se reafirmando. Se pudesse optar, Gideon Cahill quase sempre escolheria o diálogo em vez da violência.

— Eu desviei uma coluna um pouquinho — reconheceu Gideon. — Senão, ela teria me esmagado.

Damien assentiu com a cabeça, assombrado.

— Você fez cálculos instantâneos de como a pedra estava caindo: sua massa, a velocidade da queda, a melhor maneira de aplicar força para mudar sua trajetória...

— Um cálculo simples — resmungou Gideon. — Você saberia fazê-lo tão bem quanto eu.

— Mas não tão rapidamente — disse Damien. — Não em uma fração de segundo. Você mostrou uma rapidez, um força, uma argúcia mental fora do comum... O que o fez mudar, Gideon? Que mistura você criou?

Gideon empalideceu.

— Como... — Sua expressão endureceu quando se deu conta da verdade. — É claro, foi Maria.

— Não fique muito zangado com ela — disse Damien. — Maria precisava da prata. E o marido dela... Bem, há anos ele vive como convidado em minha masmorra. Ela realmente não teve escolha.

Gideon limpou a poeira dos ombros.

— Eu deveria saber — comentou em tom amargo. — Mesmo comigo, você recorre a espiões.

— Sua mente é ágil — observou Damien. — E parece que você encontrou uma maneira de aumentar sua percepção. Mas nem mesmo isso vai mudar sua natureza, meu amigo. Você confia demais. Vê o que existe de melhor nas pessoas. Essa é a sua maior fraqueza. Agora me diga, que segredo você descobriu?

Gideon o olhou com fúria.

— Houve um tempo em que eu acreditei que você apoiava meu trabalho porque buscava a cura da peste, porque queria ajudar seu povo e construir um mundo melhor.

— Eu quero, *sim*, a cura — assegurou Damien. — Antes de mais nada, ela serviria para garantir minha própria vida. Além disso, seria uma coisa valiosa para se vender. Mas agora está claro que a sua descoberta tem uma importância ainda maior. Quanto a ajudar

os aldeões por pura bondade, poupe-me! Se a peste negra nos ensinou alguma coisa, foi que a vida não vale nada.

— Ela tem nos ensinado que a vida é preciosa!

— Bobagem. Não estou interessado em combater a morte, apenas em... direcioná-la. Essa cura a que você se refere... Ela era potencialmente valiosa, mas agora você parece ter encontrado alguma coisa de fato assombrosa, algo que poderia me ajudar imensamente. Estou interessado em armas, meu amigo. Em poder! É assim que vou construir um mundo melhor.

O rosto de Gideon foi empalidecendo de horror. Damien já tinha visto aquela expressão no rosto de suas “cobaias”, quando elas se davam conta de que nunca mais iriam sair de sua oficina.

— Você é realmente demoníaco.

— Isso já é ir longe demais, Gideon. Mesmo se tratando de você. Essa alquimia que descobriu, o processo de fortalecer a mente e o corpo, isso poderia me dar um exército poderoso o suficiente para finalmente expulsar os ingleses da Irlanda. O rei Henrique está velho e fraco. Seus bajuladores em Dublin estão impotentes há anos. Com sua fórmula e com a arma na qual estou trabalhando, eu poderia invadir a Inglaterra. E depois... — Fez um gesto com a mão, passando-a sobre o mapa recém-adquirido. — Um mundo inteiro nos espera.

Silêncio mortal.

Gideon enrolou a bainha da camisa em volta dos dedos ensanguentados. Suas mãos começavam a tremer. Damien anotou aquilo, como faria com uma cobaia. Seria um efeito colateral da fórmula de Gideon? Ele teria que descobrir.

— Damien, vou para casa agora — disse Gideon. — Acho que você deveria voltar ao continente pela manhã. Você não é mais bem-vindo nas terras da minha família.

Damien sentiu uma pontada de tristeza. Então era essa a sensação de perder um amigo. Nos bons tempos, eles haviam tido conversas tão instigantes! Jantares excelentes! Camponeses eram fáceis de substituir. Gideon Cahill não seria.

— Você me conhece há dez anos, Gideon — disse. — Alguma vez eu deixei de conseguir o que queria?

— Adeus, lorde Vesper.

— Antes de eu terminar, você vai desejar que essas pedras o tivessem esmagado — avisou Damien.

Gideon o olhou nos olhos uma última vez, mas sua expressão já não revelava raiva; apenas decepção, como se ousasse pensar que o rompimento tivesse sido culpa de Damien.

Foi embora sem mais uma palavra.

Damien gritou palavrões e derrubou a mesa com um soco. Relatórios secretos e desenhos de Leonardo da Vinci voaram pelo ar, indo pousar lentamente sobre os escombros da armadilha de calcário.

Ele tentara. De verdade, tentara ser razoável. Mas às vezes até os melhores planos precisam ser modificados. Talvez Balthazar, afinal, tivesse que usar sua espada naquela noite.

***

Gideon chamou a si mesmo de tolo.

Ele conhecia muito bem o caráter impiedoso de Damien; mesmo assim não conseguia acreditar que seu velho amigo tinha tentado matá-lo. Pior: Damien o havia enganado, levando-o a revelar seus poderes recém-descobertos. Gideon já tivera trabalho

suficiente controlando Damien nos últimos dez anos, frustrando seus esforços para conquistar poder, usando sua influência para acalmar os acessos de fúria de Damien contra os camponeses, poupando-os do pior de sua ira. Agora a descoberta de Gideon vinha perturbar esse equilíbrio. Longe de ser uma dádiva, o soro poderia arruinar tudo.

Gideon tinha atravessado metade da praia quando quase foi derrubado por uma onda de náusea pior que a anterior. Os efeitos colaterais do soro mestre se intensificavam a cada hora. Ergueu uma mão, com os nós dos dedos ainda sangrando. Minutos antes, tinha tido força suficiente para esmagar pedras. Agora seus dedos tremiam como os de um idoso. Quanto mais utilizava suas novas habilidades, mas seu corpo deteriorava.

Ele precisava de mais 24 horas para concluir a nova versão do soro. Quem sabe dessa vez encontraria o equilíbrio correto dos humores e poderia reverter o mal que fizera a seu corpo. Isso se pudesse dispor de tantas horas.

Por que Damien não poderia ter esperado mais um dia para confrontá-lo?

O enjoo foi passando; Gideon respirou fundo em tentou organizar seus pensamentos. Era uma manhã agradável, tão agradável que não combinava com a época do ano. As ondas batiam nas pedras. Gideon podia ver o continente perfeitamente bem, mas sabia que a ilha não era visível de lá.

Não suportava pensar que aquele reduto ancestral, que tinha sido um refúgio para gerações de Cahill, poderia em breve ser seu túmulo.

Com uma área de 2,5 quilômetros quadrados, ilha tinha o formato de uma mão se curvando para segurar algo. A palma era formada por campos, à frente, e, ao fundo, uma curva protetora de penhascos íngremes de calcário parecia formar os dedos.

A despeito do tamanho da ilha e da altura de seus penhascos, uma combinação rara de fatores tornava quase impossível enxergá-la de longe: uma ilusão provocada pela luz, o modo como a areia e sombras se misturavam, a cor do mar refletida nos penhascos. A trisavó de Gideon, Madeleine, uma das últimas famosas aristocratas guerreiras celtas, tinha descoberto o lugar por acaso, e, embora desde então seus descendentes tivessem estudado ciências por muitas gerações, nenhum deles nunca entendeu que ilusão de óptica fazia a ilha desaparecer.

Infelizmente, Gideon tinha dividido o local secreto com lorde Vesper, seu velho amigo. Na época, pareceu um risco que valia a pena...

Olhou para trás, na direção do solar de Damien, em frente ao mar. Não era tão majestoso quanto o castelo da família Vesper no continente, mas, ainda assim, era uma residência esplêndida feita de pedra calcária dourada e vigas de carvalho. No passado, tinha sido uma casa simples, a primeira residência dos Cahill na ilha, porém Vesper se apressara a reformá-la. Tinha acrescentado uma casa de bascos, dependências de empregados, um armazém e uma ferraria. No cais, embarcações pequenas aguardavam para zarpar, ao bel-prazer do barão. Carregamentos misteriosos chegavam conforme as marés permitiam, inquietando Gideon.

Ele se voltou em direção ao fundo da ilha, à sua casa. A residência atual dos Cahill se aninhava perto da base dos penhascos, uma estrutura de carvalho de dois andares, simples mas sólida, construída pelo avô de Gideon. Três gerações de Cahill viveram ali. No momento, a casa abrigava tudo o que Gideon tinha de mais precioso: sua mulher, Olivia, seus filhos, seu laboratório de alquimia, suas pesquisas.

Uma trilha simples, com menos de um quilômetro e meio, separava os Cahill de lorde Vesper, mas a trilha estava recoberta de mato. Cada vez que Gideon percorria aquele caminho, ele lhe parecia mais longo. Cada vez achava mais difícil fingir amizade pelo homem que tinha admirado no passado.

Gideon mexeu em seu anel de ouro, lembrança da única viagem que fizera ao exterior, muitos anos antes, para visitar seu pai, que estava morrendo em Milão. Damien

pensou que se tratasse de uma relíquia de família. E de certo modo era. O pai de Gideon confiara o anel a ele no leito de morte. Mas Gideon duvidava que até mesmo seu pai, um verdadeiro gênio, tivesse entendido quão terrível era o segredo escondido nele.

***

Vinte e quatro horas... As pernas de Gideon começaram a tremer. Ele precisava tentar terminar a nova versão do soro. E ainda tinha outras questões maiores: proteger sua família, proteger a fórmula secreta. Contudo, convencer Olivia e as crianças seria quase tão difícil quanto ludibriar Damien Vesper. Gideon respirou fundo e se pôs a caminho de casa.

***

A mesa de jantar estava no jardim. Fazia semanas que Olivia vinha resmungando sobre a necessidade de limpá-la. Aparentemente, aproveitara a manhã de sol para cuidar dessa tarefa. Ela convocara as crianças para ajudá-la. Gideon ficou parado à beira do pomar de macieiras, feliz por apreciar a visão de sua família e receando aquilo que tinha para lhes contar.

Luke e Thomas deviam ter acabado de carregar a mesa de madeira maciça para fora. Suas roupas estavam encharcadas de suor.

Luke, pouco feito a trabalhos braçais, fez uma careta ao puxar uma lasca da mãos. Era o mais alto e mais velho dos filhos de Gideon e Olivia: tinha 23 anos, um adulto já, como não cansava de lembrá-los. A maioria dos rapazes de sua idade já estava casada, com crianças a caminho, mas Luke não se interessava pelos prazeres domésticos. Ele se queixava constantemente dos sacrifícios que tinha feito ao deixar seus estudos em Oxford para vir ajudar os pais, mas a verdade era que ele não tinha se saído tão bem assim na universidade. Pessoas que não eram da família costumavam achá-lo... perturbador.

Luke tinha os cabelos negros de Olivia; de Gideon, herdara o cenho franzido e a expressão preocupada. Seu corpo era comprido e magro, um pouco como o de uma cobra, e, de fato, quando irritava seus irmãos (coisa que acontecia com frequência), eles o chamavam de “a última serpente da Irlanda”. Gideon repreendia os filhos menores quando eles diziam coisas do gênero, mas, por mias que amasse seu primogênito, era obrigado a admitir que havia algo de inquietante nele. Luke tinha o hábito de esgueirar-se sorrateiramente até lugares onde não deveria estar, silencioso e com o olhar frio, sempre vigilante, pronto para reagir se fosse atacado.

Thomas, o filho mais jovem de Gideon, tinha uma constituição mais semelhante à de um fabricante de barris ou a de um barril propriamente dito: robusto, sólido, atarracado. Gideon não duvidava que Thomas teria sido capaz de carregar a mesa de jantar sozinho, apesar de ela pesar mais de cem quilos e medir uns bons 2,5 metros de comprimento. Thomas tinha apenas 13 anos, mas já havia derrotado homens adultos em quedas de braço e uma vez, em um acesso de raiva, quebrara uma porta com a cabeça. Seus irmãos diziam, brincando, que aquilo tinha deixado a cabeça dele confusa, porém Gideon discordava. Thomas raramente falava, e podia não ser o mais ágil dos pensadores, mas *pensava*. Desde que tivesse o tempo necessário, era capaz de solucionar praticamente qualquer problema. Naquele instante ele olhava com desgosto para um monte de panos gordurosos que sua mãe lhe entregara.

— Vá lá — comandou Olivia. — Você também, Luke. A mesa não vai se lustrar sozinha. E, meninos, pelo amor de Deus! Venha para cá, Jane. Katherine, o que você está fazendo?

As meninas estavam distraídas, como sempre. A mais jovem, Jane, de 10 anos, perseguia uma borboleta em meio aos crisântemos. Já era uma época de outono pouco propícia para caçar borboletas, pensou Gideon, mas Jane sempre encontrava uma.

Ela era uma menina magra e delicada, com longos cabelos cor de palha e olhos que pareciam absorver tudo o que viam. As mãos e o vestido estavam manchados de tinta. Gideon não pôde deixar de sorrir ao reparar nisso, pois Jane compartilhava seu hábito de rabiscar anotações e desenhos em todo lugar, até mesmo nos braços e nas roupas.

Katherine, 15 anos, era outra história. Ela estava sentada de pernas cruzadas no meio do canteiro de repolhos, mexendo na peça que ficava no centro da mesa de jantar: um globo astrológico de bronze que o pai de Gideon lhes enviara da Itália anos antes. Como sempre, Katherine trajava uma blusa bem larga e calção, como um garoto. Seus cabelos escuros estavam cortados curtos. Ela entretinha-se desmontando o globo; seus dedos trabalhavam nas juntas e dobradiças. Gideon talvez devesse estar enfurecido por vê-la destruir uma relíquia da família, mas na realidade estava surpreso por Katherine ter resistido tanto tempo. Ela desmontava tudo, e Gideon entendia. Ele costumava fazer o mesmo na idade dela.

Ele saiu da sombra das macieiras e Olivia foi a primeira a vê-lo. Como sempre, Gideon ficou sem ar quando seus olhos se encontraram.

Não importava que eles já estivessem casados há 25 anos. Ela continuava linda e formidável como sempre fora: cabelos compridos, cacheados e ainda negros como a meia-noite, olhos verdes ainda penetrantes. Gideon muitas vezes achava que as crianças tinham herdado de Olivia suas melhores qualidades. Ela via valor e beleza nas mínimas coisas, como Jane. Era capaz de consertar quase qualquer coisa, como Katherine. Se sua família fosse ameaçada, poderia se mostrar tão perigosa como uma víbora, igual a Luke. E, como Thomas, era obstinada e determinada o suficiente para derrubar qualquer porta, ainda que não precisasse fazê-lo à força de cabeçadas. Normalmente, bastava um de seus olhares de repreensão.

Olivia soprou alguns fios de cabelo para fora do rosto e pôs as mãos nos quadris.

— Muito bem, Gideon Cahill. Se já terminou de tagarelar com Sua Excelência, quem sabe possa me ajudar com esta turba de rebeldes.

— Papai! — disse Jane sorrindo e erguendo as mãos que unira em concha para prender a borboleta. — Veja o que encontrei! Posso pintar as asas dela?

— Não, minha filha. — Gideon tentou reprimir um sorriso. — Você machucaria a pobre borboleta.

Jane fez beicinho.

— Mas eu posso deixá-la muito mais colorida.

Afastando o olhar de sua relíquia de família desmontada, Katherine disse em tom de deboche:

— Não seja boba, Jane. Você e sua “arte” ainda vão destruir o mundo.

— Não vamos! E não sou boba, sou, Luke?

Gideon estranhava a adoração que Jane nutria pelo irmão mais velho, mas a verdade é que ela tinha mesmo a capacidade de enxergar a menor virtude nos lugares mais improváveis. Apesar de seu evidente desagrado por estar ali, debaixo de um sol radiante, às voltas com um trabalho físico, Luke fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não, Jane, querida. Pelo menos sua arte nunca deixou uma coisa valiosa em pedaços.

As orelhas de Katherine ficaram vermelhas.

— Vou remontar tudo!

— Como você fez com a roda do moleiro no ano passado? — perguntou Luke. — Passamos um mês sem farinha de trigo.

Thomas deu um passo em direção ao irmão, arregaçando as mangas da camisa. O fato de ter dez anos menos que Luke nunca o impedira de brigar.

— Deixe-a em paz, Luke.

— Parem com isso! — ordenou Olivia. — Não vou permitir discussões à mesa de jantar!

Um comentário absurdo, já que a mesa de jantar estava no jardim. Mas as crianças silenciaram. Já estavam acostumadas com a regra de ouro de sua mãe: nada de brigas à mesa. Era o terreno neutro deles, seu único lugar de paz.

— Agora — prosseguiu Olivia — precisamos limpar esta mesa. E chega de brigas.

Olhou para Gideon, buscando apoio.

— A mãe de vocês tem razão — disse ele. — Mas primeiro... venham para cá, crianças. Tenho uma coisa importante para dizer a vocês.

Seu tom de voz devia estar mais grave do que ele havia notado, porque ninguém discutiu. Jane soltou a borboleta. Katherine pôs o globo no chão. Thomas e Luke se afastaram um do outro com cautela. Todos se aproximaram da mesa, instintivamente posicionando-se nos lugares que costumavam ocupar quando faziam as refeições.

— Marido? — Olivia franziu o cenho. — O que é?

— Meus filhos — falou Gideon — pode haver problemas pela frente. Vocês sabem do meu trabalho alquímico, da minha procura pela cura da peste negra.

— Algum de nós está com a peste? — perguntou Thomas, alarmado.

Jane inclinou a cabeça, perplexa.

— Não, eu teria percebido. A cor da pele muda, a cor dos olhos também. Você encontrou a cura, pai?

— Não, é outra coisa — adivinhou Luke. — Ele encontrou algo mais importante.

Gideon olhou surpreso para o filho mais velho.

— Como você sabia disso?

Luke mexeu os pés.

— Especulação apenas. Eu estava só...

— Ele estava bisbilhotando por aí ontem à noite — resmungou Katherine. — Eu o vi saindo de seu laboratório, pai. Ele *vive* pelos cantos.

— Mentirosa! — retrucou Luke com voz agressiva.

Thomas tentou agarrar o irmão, mas Gideon gritou:

— Parem! Vocês todos!

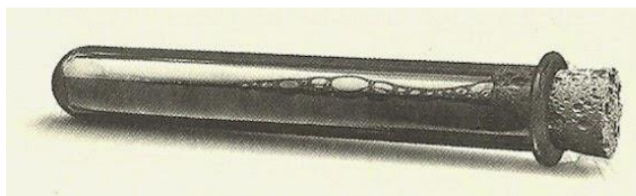
Ele se esforçou para controlar o tremor na voz.

— Luke, você não pode entrar no meu laboratório. É errado e perigoso. Mas agora isso não é o mais importante. Você acertou. Encontrei uma coisa, e vou precisar da ajuda de vocês. De todos vocês.

Gideon tateou a borda a mesa de jantar e encontrou a alavanca secreta. O trinco se soltou e quatro gavetas pequenas se abriram de repente, uma em cada lugar onde seus filhos costumavam se sentar.

— Pai! — exclamou Katherine, alegre. Ela ignorou o conteúdo da gaveta, embora uma luz verde e fraca brilhasse lá dentro. Em vez disso, examinou a gaveta em si. — Um trinco de pressão? Um gatilho oculto? Isto é brilhante!

Jane pegou com hesitação seu embrulho, um pacote do tamanho de um vestido dobrado, envolto em veludo e amarrado com um cordão. Sob o cordão havia um tubo de vidro com uma rolha e uma alça de couro. Jane pegou o tubo nas mãos. Mesmo sob a luz forte do sol, o líquido em seu interior reluzia, manchando seus dedos de verde-esmeralda.



— É lindo — murmurou.

— Tenha cuidado, minha querida — disse Gideon. — Esse é o seu futuro.

— Marido! — alertou Olivia. — Isto é muito perigoso. Você prometeu...

— Prometi apenas como último recurso, Olivia. Acredite em mim, se houvesse outro jeito...

— Pai, o que é *isto*? — indagou Luke.

Ele segurava seu próprio embrulho, semelhante ao de Jane.

Thomas também levantou seu presente, um saco mais volumoso de objetos amarrados com um cordão de couro. Seu frasco de vidro parecia minúsculo e frágil em suas mãos enormes.

— Está brilhando — anunciou.

Com mãos trêmulas, Gideon percorreu a superfície cheia de cicatrizes da mesa de jantar. Ele tinha um pressentimento horrível de que aquela era a última vez que estariam juntos ali. Gideon viu o buraco feito pela faca de Thomas na última Páscoa. Viu a mancha vermelha de queimado na mesa, quando Luke misturara ervas, vinho e substâncias químicas raras roubadas do laboratório para inventar sua própria "cura da peste" aos 10 anos. Em outro canto da mesa, Katherine tinha esculpido algo que lembrava um dragão. Gideon ainda se recordava da conversa: *Querida, não existem dragões.* Katherine o olhara com expressão desafiadora. *Pois deveria haver. Talvez eu construa um algum dia.* Mesmo a pequena Jane tinha deixado sua marca. O lugar dela na mesa já possuía cicatrizes deixadas por gerações anteriores de Cahill, mas ela pintara com diferentes tintas, como se as cores fossem curativas, e criara uma teia de linhas belíssimas.

Em volta dessa mesa, Olivia e Gideon tinham festejado o nascimento de cada um de seus filhos. E pensar que talvez nunca mais voltassem a se reunir... ele engoliu em seco e preparou-se para o que devia fazer.

— Meus filhos, preciso da ajuda de vocês. Estamos correndo um grande perigo. Como bem sabem, venho trabalhando há anos para tentar encontrar uma cura para a peste. No início procurei uma maneira de impedir o contágio. Depois me ocorreu que talvez a resposta estivesse no fortalecimento do corpo. Se fosse possível tornar o homem mais resistente, saudável, com uma mente, um corpo e um espírito mais fortes, talvez a peste negra não o atingisse. Porém minha abordagem teve... consequências inesperadas.

Katherine ergueu o frasco dela, demonstrando um novo interesse.

— Um soro de algum tipo? Para fortalecer quem o recebe?

Gideon olhou para Olivia de relance. Os olhos dela continham uma expressão de alerta, pediam cautela, mas era tarde demais para voltar atrás.

— Descobri a fórmula por mero acidente — prosseguiu Gideon. — Em sua forma combinada, ela é altamente potente.

Jane arregalou os olhos.

— Você a tomou! Experimentou em você mesmo! No mês passado, quando ficou doente, não era uma doença, não é mesmo?

Gideon assentiu com a cabeça.

— Isso mesmo, fui terrivelmente tolo, Jane. Aquilo quase me matou. E... — Ele interrompeu a frase para concluí-la em pensamento: *ainda é possível que me mate*. —

Mas quando deixei a cama, descobri que eu tinha mudado. Estava mais forte, mais ágil. Minha mente tinha adquirido uma capacidade maior de trabalhar com números. Minha memória se multiplicou por cem.

— Excelente — Luke ergueu o frasco entre os dedos, com uma luz de cobiça nos olhos. — E este é o soro? Como podemos estar correndo perigo, pai, se você nos está dando um poder como esse?

— Eu não estou dando esse poder a vocês — respondeu Gideon. — O que vocês têm nas mãos não é o soro completo. Ele ainda não está aperfeiçoado.

Ainda é fatal, pensou Gideon com amargura, mas tentou conservar um tom mais calmo.

— Ainda estou trabalhando na versão final da fórmula — disse. — Por enquanto, o soro mestre é perigoso demais, especialmente se cair em mãos erradas.

— Como as de Luke — resmungou Thomas.

— Cale a boca, imbecil! — respondeu Luke, cortante.

— Meus filhos! — suplicou Gideon. — Lorde Vesper sabe sobre o soro. Ele não recuará diante de nada para pôr as mãos nele, e não podemos permitir que isso aconteça. Resta-nos pouquíssimo tempo.

Jane franziu o cenho.

— Mas lorde Vesper é seu amigo.

— Que irmãzinha tola — comentou Katherine. — Sua Excelência não é amigo de ninguém. Ele tolera as pessoas enquanto lhe são úteis. E papai lhe é muito útil.

Foi doloroso ouvir isso de uma menina de 15 anos, doloroso pensar que ela tinha um ponto de vista tão cínico.

— Infelizmente, Katherine tem razão — admitiu Gideon. — Damien, lorde Vesper, tornou-se sedento demais de poder. Não se pode mais confiar nele e tampouco mantê-lo à distância. Sua mãe e eu temíamos que isso pudesse acontecer, e é por essa razão que eu dividi minha pesquisa. Cada um de vocês precisa proteger os tesouros que eu lhes entreguei: ingredientes, ferramentas, pedaços da fórmula. Sozinhas, as partes de vocês não fazem sentido. Eu propositalmente tornei confusos os meios de recriação da fórmula inteira. Mas, uma vez somados e remontados corretamente com todos os 39 ingredientes, esses tesouros revelarão o segredo do soro mestre. Enquanto não estivermos fora do alcance de lorde Vesper...

— Espere — falou Thomas. — E esses tubos brilhantes?

Gideon hesitou. Seu trabalho era tão complexo que poucos adultos seriam capazes de entendê-lo, quanto mais crianças. Mas, olhando agora para os membros de sua família, percebeu que lhes devia honestidade total. Mais que isso, Gideon se deu conta, com um sentimento de orgulho inebriante, de que todos eles seriam capazes de compreender. Por mais diferentes que fossem entre si, todos os seus filhos eram brilhantes, cada um à sua maneira. Todos eram *no mínimo* tão inteligentes quanto ele.

— Cada frasco contém uma versão incompleta do soro — explicou. — Foram vocês, meus filhos, sendo tão diferentes e ainda assim tão talentosos, que me inspiraram a tentar o método das quatro partes. Embora o soro mestre ainda seja imperfeito, perigoso demais para ser ingerido, as quatro variações são seguras separadamente. Juntos, seus quatro tubos recriariam o soro mestre, mas, em uma emergência, meus filhos, vocês podem recorrer a seus soros individuais para serem dotados de força, conforme seus talentos naturais.

— Dê-nos o soro mestre — pediu Luke. — Você enfrentou o risco e sobreviveu! Juntos, seríamos invencíveis. Poderíamos facilmente derrotar lorde Vesper.

Gideon estremeceu. O tom de voz de seu filho lembrava demais o de Damien. Ele não podia revelar a Luke como lhe custara caro a decisão insensata de experimentar o

soro. O novo surto de peste tinha feito nascer em Gideon um sentimento de urgência, fazendo-o passar por cima da cautela e acelerar suas pesquisas.

Se eu pudesse salvar mais vidas, o risco terá valido a pena, ele tinha pensado. Agora estava pagando o preço.

— Não, Luke — insistiu Gideon. — Como eu lhe disse, o soro mestre é perigoso demais. É uma tentação enorme para qualquer pessoa.

— Menos para você — retrucou Luke.

— Luke! — Olivia o repreendeu. — Seu pai está tentando salvar nossa família e também o trabalho dele.

— Mas ele não confia seus segredos a nós — reclamou Luke. — Você nos pôs em perigo. Você quer nossa ajuda. Você nos deve o poder pleno do seu soro.

Gideon podia ver a tensão dos outros três enquanto assistiam àquele cabo de guerra. Eles nunca tinham visto Luke se rebelar de maneira tão ostensiva. Mas Gideon não sentia raiva, apenas tristeza. Luke era desconfiado, ambicioso, possivelmente um pouco parecido demais com lorde Vesper. E isso apenas porque Gideon não esteve ao seu lado. Passara a vida tão absorto em seu trabalho que não tinha sido um pai de verdade.

Seus filhos podiam ser brilhantes, mas, ainda assim, eram crianças, inclusive Luke. Estavam assustados. Gideon precisava mostrar-se confiante, pelo bem deles. Não podia lhes contar sobre as consequências involuntárias do soro mestre, sobre suas próprias chances de sobrevivência, que reduziam rapidamente. A não ser que dispusesse de 24 horas para finalizar a variação seguinte...

— É claro — ele concordou. — Crianças, confio totalmente em vocês. Trabalhando em conjunto, os quatro poderão fazer mais do que eu jamais consegui sozinho. Vocês vão aperfeiçoar o soro e garantir que ele só seja usado para o bem. Quando a hora certa chegar e vocês estiverem longe daqui, poderão unir seus recursos e...

— Para onde vamos? — interrompeu Katherine. — E por que você está falando como se não viesse conosco?

Gideon obrigou-se a sorrir.

— É claro que eu vou com vocês. Mas antes quero que todos partam em segurança. Thomas, os barcos ainda estão na enseada?

Thomas assentiu com a cabeça, claramente confuso. Desde os tempos de Madeleine, que havia descoberto a ilha, os Cahill eram praticamente navegantes natos. Aprendiam a nadar e a navegar assim que começavam a andar. A família mantinha três embarcações pequenas do outro lado da ilha, para todos os efeitos destinadas a pescaria e diversão, mas Gideon se tranquilizava em saber que contavam com uma rota particular de fuga, distante das docas de lorde Vesper.

— Façam as malas esta noite — disse. — Peguem apenas o essencial, coisas que puderem carregar com facilidade, e é claro: escondam bem na bagagem o soro que dei a cada um. Vou reforçar a segurança do laboratório para garantir que nada da minha pesquisa caia nas mãos de Vesper.

— Você quer dizer que vai *destruir* suas pesquisas? — perguntou Luke, incrédulo.

— Prestem atenção! — insistiu Gideon. — Não devemos deixar transparecer que vamos fugir. Iremos jantar e passar a noite como sempre, para que lorde Vesper não desconfie de nada.

— Mas por que não partimos agora mesmo? — indagou Jane.

Gideon olhou de relance para a casa e viu o rosto de Maria, a governanta, observando-os da janela do andar superior, como um fantasma pálido. Ela só iria embora ao anoitecer, quando retornaria à sua cabana perto da residência de lorde Vesper. Por cinco anos ela estivera com os Cahill... Cinco anos na folha de pagamento dos espiões de Damien.

— Não podemos dar a lorde Vesper nenhuma razão para suspeitar que vamos fugir — repetiu Gideon. — Os guardas dele na ilha são mais do que capazes de nos impedir. E no continente também. A influência dele é grande. Precisamos estar o mais longe possível antes que ele descubra nosso plano.

— Um pouco antes do amanhecer, então — disse Thomas. — É a hora mais próxima em que as marés nos deixarão partir em segurança.

Gideon concordou com a cabeça, agradecido pela praticidade de Thomas.

Ele não mencionou a última razão que o fazia necessitar de mais tempo: tinha que fazer sua derradeira tentativa de aprimorar o soro. Talvez não conseguisse, mas tinha a obrigação de tentar. E isso significava ter de permanecer mais tempo na ilha do que sua família.

— De manhã — disse ele — logo antes da primeira luz do dia, vocês irão até os barcos e partirão para o continente. Eu ficarei aqui e ganharei o máximo de tempo possível para vocês. Na primeira oportunidade, darei alguma desculpa para visitar o continente e os encontrarei na estrada para Cork. Quando Vesper descobrir que fomos embora, já estaremos fora de seu alcance.

— Mas e se não der certo? — A voz de Jane tremeu. — E se lorde Vesper não deixar você partir? E se lorde Vesper nos deter e nos revistar?

— Vai dar certo, minha querida — Gideon tentou soar tranquilizador. — Estou lhes dando os elementos da fórmula por uma razão. Mesmo que Vesper encontrasse vocês, jamais pensaria em revistá-los. Ele não tem filhos e não leva crianças em consideração. Creio que jamais passaria pela cabeça dele que vocês pudessem estar carregando algo de valor.

Ninguém discordou dessa observação. Em todos aqueles anos em que Vesper tinha sido “amigo” da família, ele nunca pareceu se lembrar do nome das crianças. Para ele, elas eram como gatos: seres com algum valor limitado que deviam ser tolerados, mas que não mereciam ser notados, e muito menos ser chamados pelo nome.

Olivia pousou a mão no braço de Gideon.

— Sim, marido. Faremos como você diz. Faremos isso, não é mesmo, crianças?

Todos concordaram com a cabeça, apesar de nenhum deles parecer satisfeito com o plano. Nem mesmo Olivia.

— Não posso dizer mais nada por enquanto — repetiu Gideon. — Vão para seus quartos. Preparem-se para partir, mas, pelo amor de Deus, meus filhos, tomem cuidado. Só façam as malas à noite, depois que Maria for embora. Não façam nem digam nada que possa despertar as suspeitas dela.

— Mas por quê? — perguntou Jane.

Gideon pigarreou.

— Maria... ela ficaria preocupada, se soubesse. Agora vão. E protejam estes pacotes com suas vidas.

Para seu alívio, as crianças obedeceram. Nervosos e agarrando seus tesouros recém-descobertos, os quatro entraram juntos na casa, e pelo menos uma vez na vida pareciam ter um objetivo comum.

Olivia voltou-se para Gideon assim que os dois se viram sozinhos.

— Gideon, não estou gostando deste plano.

— Mas nós concordamos em...

— E eu o apoiarei, mas *deve* haver outro jeito — Olivia esfregou a barriga, como se tivesse começado a doer. — Além disso, há... há outros fatores que ainda não discutimos.

Alguma coisa na voz dela o preocupou.

— O que você quer dizer?

— É apenas... — Seja lá o que Olivia pretendia dizer, pareceu mudar de ideia. — Não podemos simplesmente ir embora desta ilha e deixar que Vesper se aposse dela. É o nosso lar. É o lar da *sua família* há gerações. E o anel. Eu sei que você me disse para nunca falar dele, mas...

— Eu o mandarei para o continente com você — prometeu Gideon, embora a ideia fizesse seu sangue gelar. Olivia era a única pessoa a quem ele tinha contado sobre o segredo pavoroso do anel, mas pedir a ela que carregasse esse peso parecia arriscado demais.

— Você precisa levar as crianças embora — disse ele. — Vesper nunca vai desistir. Mesmo com minha nova força, não posso combater uma baronia inteira. Nossa melhor chance está em irmos para muito longe dele e convencê-lo de que minha pesquisa foi destruída em um incêndio e ficou fora do seu alcance para sempre.

— Mas a pesquisa está na sua cabeça, Gideon. Como você vai escapar...

Gideon inclinou-se e beijou a esposa. Ela cheirava a coisas boas: luz do sol, lã limpa, pão recém-saído do forno, pétalas de rosas. Gideon não lhe contara quão doente estava de fato. Ele fazia um grande esforço simplesmente para se manter em pé, para controlar o tremor de seus membros. Mesmo que conseguisse finalizar o soro, duvidava que o fizesse a tempo. Seu coração estava prestes a se partir, mas ele conseguiu dar um sorriso.

— Confie em mim, meu amor. Estaremos todos juntos outra vez.

Antes que perdesse a coragem, Gideon se virou e caminhou em direção a casa, onde seu laboratório o aguardava.

***

Era quase meia-noite quando Gideon se deu conta de que poderia não estar vivo para ver o nascer do sol.

Ele tinha passado o dia inteiro reunindo seus equipamentos, verificando cada fragmento da pesquisa. Trabalhava apenas com os béqueres essenciais e com o equipamento de destilação, para a versão final do soro. De quando em quando, ele se voltava para acompanhar a passagem dolorosamente lenta do fluido pelos tubos de vidro. Gideon queria poder acelerar o processo, mas simplesmente não havia como.

Enquanto isso, tinha preparado sua derradeira linha de defesa. Misturara salitre, carvão e enxofre, piche e ácido, usando todos os seus conhecimentos alquímicos e sua rapidez recém-descoberta para criar um composto final e mortífero. Agora, tonéis fechados com os explosivos estavam distribuídos em vários pontos do laboratório, unidos por um estopim formado por um cordão revestido de pólvora. Sobre a mesa, sua lâmpada de óleo ardia com uma chama azul baixa. Um cronômetro no qual ele dera corda girava engrenagens que controlavam a ponta do estopim, levando-a cada vez mais para perto do fogo.

Pela manhã, Gideon iria mais uma vez ao solar de Damien. Com sorte, o soro já teria ficado pronto e Gideon estaria mais saudável, preparado para enfrentar seu velho amigo. Procuraria mantê-lo ocupado em negociações por pelo menos uma hora, tempo suficiente para sua família ganhar uma dianteira importante no trajeto até o continente. Damien acabaria se mostrando impaciente e exigiria ir até o laboratório. Gideon tentaria evitar isso ao máximo, até concordar, a contragosto. Se tudo ocorresse como planejava, eles estariam quase chegando ao laboratório quando o estopim controlado pelo cronômetro pegasse fogo. Vinte tonéis explosivos entrariam em erupção simultânea, convertendo a casa em um inferno em chamas e reduzindo o laboratório a um monte de cinzas. Não sobraria nada para Damien ver.

Talvez Gideon conseguisse escapar de alguma maneira mais tarde; quem sabe pudesse esperar o momento certo fingindo trabalhar para Vesper. Ele poderia descobrir uma maneira de se reencontrar com sua família algum dia. Ou senão... ele faria o que fosse preciso para impedir que Damien tivesse acesso ao soro.

E o anel. Gideon se amaldiçoou. Ele havia se esquecido de dar o anel a Olivia, um objeto quase tão importante, quase tão perigoso quanto o soro mestre.

Ele revelara o segredo do anel a Olivia muito tempo atrás e a avisara de que Damien Vesper jamais deveria tê-lo. Olivia tinha argumentado muitas vezes que, sendo assim, o anel não poderia ficar onde Vesper pudesse vê-lo, mas para Gideon não havia outra escolha. Não podia deixar algo não perigoso longe da própria vista. Gideon tinha recomendado a Olivia que, se Damien algum dia lhe perguntasse sobre o anel, ela minimizasse a importância do objeto.

Diga a ele que o anel tem valor sentimental, ele tinha sugerido. *Diga, talvez, que é uma relíquia da sua família, que você me deu como símbolo do nosso casamento.*

Agora ele teria que entregar o anel a Olivia e torcer para que ela pudesse levá-lo a um lugar seguro.

Gideon olhou em volta mais uma vez, avaliando o lugar onde trabalhara por tantos anos. O laboratório ocupava metade do piso térreo da casa, mas era como se fosse uma construção à parte. Uma pequena porte lateral levava à casa propriamente dita, contudo Gideon em geral ia e vinha pela porta dos fundos, que dava diretamente na campina. Olivia e Maria mantinham toda a casa limpa e arrumada, porém não podiam entrar no laboratório. Por motivos de segurança, Gideon proibia a entrada de qualquer pessoa exceto ele próprio. Felizmente ele conservava as portas trancadas. Se Maria tivesse uma chave do laboratório, poderia ter dado muito mais informações a lorde Vesper.

O teto com vigas de carvalho era baixo, escurecido pelos anos de fumaça e vapores. Prateleiras de substâncias químicas e instrumentos cobriam cada pedacinho de parede. As mesas de trabalho, da altura de sua cintura, estavam cobertas de recipientes e frascos, e não havia cadeiras no local. Gideon nunca se sentava para trabalhar. Seu espírito era por demais inquieto. Ele caminhava entre um projeto e outro, verificando o andamento de vários tonéis fervilhantes ao mesmo tempo. Olivia costumava brincar com ele dizendo que, embora Gideon cozinhasse seis vezes mais que ela, não era capaz de preparar um guisado decente.

Gideon estava prestes a reiniciar o cronômetro, apagar o queimador de óleo e fechar o laboratório, quando uma voz atrás dele falou:

— Pai.

Luke havia entrado pela porta interna, algo que deveria ser impossível. De alguma maneira, conseguira desarmar o sistema de trincos de Gideon, à prova de erros. Agora, ali estava ele, totalmente vestido e parecendo agitado.

— Luke? — balbuciou Gideon. — O que você...

— Eles estão vindo, pai!

— Como assim? Por que você não está na cama?

Luke fez pouco-caso da pergunta.

— Não consegui dormir, é claro. Eles estão vindo! Vesper e os homens dele. Você precisa...

Luke percorreu o laboratório com os olhos. Observou os recipientes selados, os estopins, o cronômetro, o queimador, e, com uma rapidez assustadora, pareceu compreender o plano de seu pai.

— Uma explosão cronometrada — disse, assombrado. — Você vai destruir a casa, a fórmula, tudo. Mas não há tempo para isso agora! O inimigo está quase...

Um punho esmurrou a porta externa do laboratório. O coração de Gideon foi parar na boca. Seus sentidos aprimorados deveriam ter registrado o perigo muito antes, mas o mesmo soro que o tornava temível agora o traía, fazendo sua mente perder a nitidez. Claro, ele deveria ter percebido: lorde Vesper havia farejado sua presa. Não iria esperar até o dia seguinte. Atacaria enquanto Gideon estivesse desprevenido.

— Luke, saia daqui — ordenou Gideon. — Acorde os outros e saiam escondidos. Agora!

— Me dê o soro completo! — suplicou Luke. — Posso ajudar você a lutar!

Luke já bebeu a parte dele do soro, Gideon se deu conta. Isso explicava como o filho tinha se esquivado das medidas de segurança com tanta facilidade. Explicava seu novo olhar, astuto, ágil, o modo como notara detalhes em um cômodo escuro e imediatamente reconstruíra o plano do pai. Luke sempre tinha sido impetuoso, mas tomar o soro? Um risco imperdoável.

Naquele momento, porém, Gideon se alegrou com a insensatez do filho. Quem sabe ela o ajudasse a salvar o resto da família.

A porta externa voltou a tremer sob os socos dos punhos adornados de metal.

— Luke, ouça — Gideon o segurou pelos ombros. — Mesmo juntos, não vamos conseguir derrotar Vesper e seus homens. Ele tem assassinos por toda a parte. Eu sei do que estou falando. Sua única esperança está em partir agora. Acorde a família e deixe este lugar!

— Mas os outros não vão confiar em mim! — disse Luke. — Nunca confiam. E como você vão escapar?

Gideon não respondeu.

O rosto de Luke ficou branco. Gideon podia ver a compreensão chegando aos poucos à sua mente.

— Pai, o soro mestre... Você disse que era perigoso demais. Você quis dizer *fatal*, não é? Você está morrendo?

— Agora é você quem precisa proteger a família.

— Mas...

— Vá, Luke.

A porta tremeu e as dobradiças rangeram.

— Eu amo você, pai — disse Luke com a voz trêmula. Em seguida, esgueirou-se para dentro da casa.

Gideon colocou uma trava na porta e fechou os trincos novamente. Podia ouvir Luke empurrando móveis pesados para bloquear o outro lado daquela entrada.

Então a porta externa se despedaçou e dois guardas de Vesper invadiram o laboratório.

Eles vestiam uma brigandina – uma armadura de aço e couro. O tenente de Vesper, Balthazar, estava à direita, com a espada desembainhada. À esquerda estava o carrasco e capanga do barão, um homem conhecido como Craven, embora o apelido, que significava "covarde", não combinasse com sua aparência: seus olhos eram de um branco leitoso assustador; os braços, grossos como mourões de uma cerca. A machadinha que empunhava estava cheia de lascas de madeira da porta despedaçada.

Lorde Vesper foi o próximo a entrar, trajando vestes negras e cota de malhas de ferro. Damien era pelo menos cinco anos mais velho que Gideon, mas não havia nele nenhum sinal de cabelos grisalhos ou uma ruga sequer. O povo jurava que lorde Vesper tinha feito um pacto com o diabo para permanecer jovem. Se Gideon fosse supersticioso, teria concordado. A juba negra e cacheada do barão, seu rosto bonito e seus olhos escuros e ansiosos não haviam mudado nada em dez anos.

— Boa noite, Gideon — Damien tirou as luvas e varreu o laboratório com os olhos. Seu olhar fixou-se na mesa de trabalho mais próxima, onde a destilação de Gideon estava em andamento e seus textos empilhados de modo organizado. — Obrigado por compilar suas pesquisas para nós. Isso facilita muito as coisas. E essa seria a misteriosa poção? Excelente, Balthazar, por favor...

Antes que o tenente pudesse dar um passo à frente, Gideon agarrou a ponta da corda do estopim, segurando-a a um centímetro da chama do queimador.

— Ousem chegar mais perto e vocês todos morrerão — avisou.

Balthazar resmungou com impaciência e começou a avançar.

— Espere — ordenou lorde Vesper.

Os olhos argutos de Damien examinaram a cena mais atentamente: as cargas incendiárias, os fios que as interligavam, o cronômetro, o queimador. Apenas Katherine, a filha de Gideon, poderia ter rivalizado com Damien em genialidade mecânica. Os lábios do barão se curvaram em um sorriso irônico ao apreciar a armadilha criada por Gideon.

Balthazar aguardava inquieto, sem dúvida se perguntando por que estava sendo impedido de agir por um velho alquimista maluco com um pedaço de corda nas mãos.

Damien fez um som de desaprovação.

— Realmente, Gideon, você está disposto a destruir a si mesmo, sua família e sua preciosa pesquisa? Sacrificaria tudo em que vem trabalhando apenas para me frustrar? Não há necessidade disso.

— Não posso permitir que você se apodere da fórmula, Damien. Ela morrerá comigo.

Damien tentou decifrar a expressão de Gideon. Este já o vira fazer isso com muitas pessoas ao longo dos anos. Ninguém em sã consciência entraria numa aposta com lorde Vesper e, com certeza, ninguém tentaria blefar com ele. Gideon não estava blefando, mas Vesper tinha dificuldade em acreditar nisso. O autossacrifício era um conceito inexistente para o barão.

— Coopere comigo — disse Vesper. — Nós dois poderemos nos beneficiar. Quando eu for o homem mais poderoso do mundo, você terá todos os recursos para seus projetos à sua disposição. Poderá erradicar a peste negra, como sempre sonhou fazer.

— E ver o mundo pisoteado sob suas botas? Não, obrigado.

— Sua família... Posso garantir a segurança dela, Gideon. Mas se você se opuser a mim...

— Não os ameace novamente — rosnou Gideon. — Eles nada sabem sobre o meu trabalho, e eu jamais deixarei você usá-los como reféns para obter minha cooperação. Prefiro morrer.

— Não acredito em você — disse Vesper com frieza. — Vamos pegar sua pesquisa. Fique de lado e o pouparemos.

Ele está mentindo, percebeu Gideon. Damien tinha chegado à mesma conclusão: eram agora arqui-inimigos. Um dos dois tinha que morrer. Se o laboratório não fosse destruído, Damien seria perfeitamente capaz de entender as anotações sobre o soro. Ele não precisava de Gideon. Simplesmente se apossaria do que quisesse.

O que quer que acontecesse, Gideon estava acabado. Mesmo que sobrevivesse àquela noite, não teria tempo para aprimorar o soro mestre. A mistura falha que corria em suas veias já o estava destruindo. A única coisa que lhe restava era fazer com que sua morte valesse a pena, comprar para sua família uma chance de sobrevivência e frustrar os planos de Damien Vesper.

Ele rezou para que Luke tivesse tirado a família da casa em segurança. Se eles conseguissem chegar até os barcos, teriam uma chance. Talvez algum dia pudessem retornar para reiniciar as pesquisas dele e concluir o soro mestre.

Tantas coisas inacabadas, tantas possibilidades sufocadas. Gideon não tornaria a ver seus filhos nesta vida nem poderia entregar o anel a Olivia. Podia apenas esperar que o anel fosse sepultado com ele e que sua família sobrevivesse.

— Já perdi tempo demais com você — rosnou Vesper. — Aguardarei lá fora. Balthazar, Craven, vou contar até sessenta. Depois disso, espero ver Gideon Cahill deitado a meus pés, morto ou vivo, não me importa. E não deixem que ele danifique nada neste laboratório.

Vesper saiu, imponente.

Balthazar e Craven deram um passo adiante.

— Não avancem — avisou Gideon. — Vesper saiu porque sabe que vocês podem morrer. Saiam agora. Não tenho nenhum desejo de matá-los.

Craven grunhiu como um porco, possivelmente sua maneira de rir. Balthazar deu um sorriso de escárnio e ergueu a espada.

Me perdoe, Olivia, pensou Gideon. *Que Deus proteja a minha família.*

Ele enfiou o estopim no queimador. Linhas de fogo correram céleres pelo laboratório escuro e o mundo explodia à sua volta.

***

Luke estava quase acreditando que eles conseguiriam fugir. Tinha acordado a mãe e os irmãos e os feito sair de casa dizendo que o pai o mandara não esperarem por ele. Seu tom de voz era tão sincero, tão insistente, que nem mesmo a mãe hesitou.

Eles seguiram Luke até a enseada, tropeçando no escuro, agarrados a seus embrulhos de segredos e a outros pertences que tinham conseguido carregar com facilidade.

Na metade do caminho até os barcos, ouviram a explosão.

Todos se viraram para trás, os rostos repentinamente iluminados pelo vermelho de uma bola de fogo distante. Olivia soltou um soluço de horror.

— Continuem andando! — gritou Luke.

Seu coração estava pesado como ferro. Ele sabia exatamente o que tinha acontecido, mas não podia deixar que o sacrifício do pai fosse em vão. Precisava salvar sua família.

— Pai! — gritou Katherine.

Ela largou o que carregava e tentou correr em direção à casa, mas Luke a segurou pelos braços.

— Pare! — gritou. — Você não pode ajudá-lo.

Olivia já estava correndo. Thomas, o estúpido, empurrou Luke para o lado e correu com Katherine atrás de mãe.

Apenas Jane ficou parada, olhando fixamente para as chamas distantes, como se tentasse entender quem as havia pintado.

— Luke... o-onde está o papai?

Naquele instante, o próprio Luke que sentiu com 10 anos de idade. Queria chorar. Queria gritar de raiva e frustração. Mas não tinha escolha. Era ele quem precisava ser o adulto agora.

— Vai ficar tudo bem — disse, pegando a mão de Jane. — Vou proteger você. Mas primeiro venha. Precisamos ajudar os outros. — Juntos seguiram a família de volta à casa.

O fogo era intenso demais para que pudessem se aproximar. Chamas esbranquiçadas percorriam as vigas e devoravam as paredes como se fossem casulos de seda. Thomas tentou entrar à força, mas Katherine e Olivia o detiveram.

— Temos que buscar ajuda! — gritou Katherine. — Thomas, vá procurar lorde Vesper correndo.

— Não! — gritou Luke. — Vesper esteve aqui, Katherine. Isto é obra dele!

Olivia caiu de joelhos e chorou. Jane se escondeu debaixo da mesa de jantar, que ainda estava no jardim, e se abraçou a uma perna da mesa como se fosse o mastro de um navio oscilante.

Thomas, furioso, avançou em direção a Luke. Seu rosto estava negro de fuligem e as lágrimas abriam riscos vermelhos em cada face, como uma pintura de guerreiros celtas da antiguidade. Ele podia ter apenas 13 anos, mas a expressão de seus olhos fez Luke recuar um passo. Luke se odiou por sentir medo, contudo seu irmão menor sempre o intimidara.

— Você está mentindo! — urrou Thomas. — Você nos tirou de casa. Sabia que isto ia acontecer.

— Não, eu... eu desconfiei — balbuciou Luke — mas as ordens do nosso pai...

Thomas o empurrou, jogando Luke ao chão.

— Nós poderíamos tê-lo ajudado! Você nos levou embora e deixou nosso pai morrer! Talvez tenha sido você quem ateou o fogo!

Luke sentia como se as chamas estivessem dentro dele agora, devorando sua pele, consumindo-o de ódio. O zunido em seus ouvidos, que tinha começado assim que ele bebeu sua parte do soro se intensificou.

— Eu salvei a vida de vocês, idiota! — ele rosnou. — Nosso pai já estava morrendo, será que você não entende? O soro mestre o deixou doente. Ele estava tentando impedir lorde Vesper de roubar nossos segredos. Morreu para que vocês tivessem tempo de escapar, e agora você fica aqui discutindo comigo, quando deveria estar correndo! Você nem é inteligente o suficiente para ser salvo!

Thomas investiu contra ele, mas dessa vez Luke estava preparado. Seu irmãozinho pareceu avançar em câmera lenta. Luke não podia competir com a força de Thomas, porém usou o ímpeto do irmão contra ele mesmo. Luke levantou os pés, plantou-os no peito de Thomas e rolou para trás, fazendo o irmão voar por cima dele e desabar sobre a mesa.

— Parem com isso! — gritou Olivia.

Jane começou a chorar. Katherine cobriu os ouvidos e, em choque, ficou observando os irmãos.

Thomas estava estatelado na mesa. Luke andou até ele, virou-o de frente e pôs o cotovelo na garganta do irmão.

— Não quero mais saber de você! — urrou.

Toda sua raiva aflorou: as chacotas que tinha suportado dos aldeões durante anos, o escárnio dos colegas de Oxford, os olhares de desconfiança de sua família. Ninguém nunca confiou nele. Ele sempre tinha sido diferente dos outros, a criança quieta e estranha de olhar evasivo. Luke tentara fazer a coisa certa. Obedeceu ao pai, falou com sinceridade e tentou salvar sua miserável família. E eles ainda o culpavam pelo desastre!

Os olhos de Thomas estavam esbugalhados. Respirou com dificuldade, fez um gesto fraco tentando agarrar o rosto de Luke, mas este era escorregadio demais.

Isso mesmo, pensou Luke. *Você me chama de serpente? Vou mostrar que sou tão perigoso quanto uma!*

— Pare! — Jane lançou um grito agudo. Luke percebeu que ela o socava com seus punhos pequeninos. — Pare com isso, Luke!

Atônico, ele soltou Thomas e deu um passo para trás. Katherine correu para ajudar o irmão menor. Olivia apenas olhava, paralisada de horror.

Por um longo instante, ninguém disse nada. Nada se ouviu senão o rugir do fogo. Luke olhou fixamente para suas mãos, dominado de repente pela vergonha e pela repulsa

por si mesmo. Quase tinha matado o irmão. Seria por causa do soro, ou esse mal estava dentro dele desde sempre?

Olhou para o rosto aterrorizado de sua mãe e de seus irmãos e entendeu que algo mais importante que a casa tinha sido destruído naquela noite: a confiança, o amor, ou qualquer laço mútuo que os tivesse mantido unidos por tantos anos em volta daquela mesa de jantar, morreram junto com seu pai.

As flores enegreceram, a horta ardeu em fogo lento e a casa da família desabou com um estrondo em meio ao calor intenso.

— Foi Vesper! — disse Luke obstinadamente, embora soubesse que isso não faria diferença.

Thomas esfregou a garganta. Seus olhos ainda estavam esbugalhados. Ele não disse nada, mas Luke leu sua expressão perfeitamente*: Foi culpa sua. Foi tudo culpa sua.*

Desta vez, Luke se controlou. O soro percorria seu corpo, lentamente intensificando seus sentidos e seu entendimento. Ele era capaz de enxergar cinco ou seis lances à frente, como se o mundo tivesse se transformado em uma partida de xadrez. Sabia que a raiva de nada lhe serviria agora. Discutir com Thomas adiantaria tanto quanto discutir com as chamas. Precisava se afastar, encontrar um refúgio seguro, analisar as pesquisas de seu pai. Não podia permanecer ali. E, com certeza, não podia mais confiar nem em Thomas nem em Katherine.

— Tentei salvar vocês — disse. — Tentei obedecer às ordens de nosso pai. Ninguém me escutou. Então vou embora.

— Vai embora? — Jane parecia prestes a chorar de novo.

Luke fraquejou por um instante. Ele não suportava ver a irmã sofrendo, mas não poderia correr o mundo com uma garota de dez anos a tiracolo.

— Talvez voltemos a nos ver um dia, Jane — disse Luke sem muita convicção. — mamãe vai cuidar de você...

A voz de Luke foi diminuindo. Bastou olhar para o rosto de Olivia para saber que ela não estava em condições de cuidar de ninguém, nem mesmo dela própria. Ele já vira aquele olhar várias vezes demais em sobreviventes da peste na Irlanda e na Inglaterra. Vira mulheres de olhos vazios que tinham perdido toda a família, todos de seu vilarejo. Olivia Cahill poderia muito bem ser ela mesma um fantasma.

Seu olhar encontrou o de Thomas e o de Katherine uma última vez, e, em silêncio, concordaram sobre uma coisa: seu ódio mútuo.

— Adeus, então — disse Luke. Virou-se e caminhou para a escuridão.

Ele ouviu Jane chorando e gritando seu nome. Esperou que os outros o chamassem de volta, que se dessem conta do erro que tinham cometido e lhe implorassem para ficar. Mas eles nada fizeram.

***

Olivia sofreu sozinha.

À luz da manhã, as ruínas da casa pareciam uma casca de ovo enegrecida, despedaçada. A fumaça ainda ardia em seus pulmões, mas seus olhos estavam tão dolorosamente secos que ela não conseguia chorar.

Olivia tinha envolvido Gideon num lençol de linho chamuscado e aninhado a cabeça dele em seu colo. Acariciou o cabelo do marido, desejando que ele abrisse os olhos. Mas ele não o fez, claro; já estava morto quando ela o encontrou. Não foram as chamas que o mataram, e sim o calor e a fumaça. Dois outros homens haviam morrido no incêndio. Seus corpos estavam muito queimados, no entanto Olivia os reconheceu: Balthazar e Craven, os guardas de Vesper. Isso a encheu de raiva, que ela contrapôs à sua

dor, e de força para arrastar os cadáveres. Seus corpos estavam caídos sobre Gideon, talvez porque tivessem tentado impedi-lo de escapar do laboratório. Ironicamente, eles tinha protegido o corpo de Gideon do efeito pior das chamas. Seu marido parecia estar em paz. O grisalho havia desaparecido de seu cabelo chamuscado e cheio de fuligem, fazendo-o parecer jovem outra vez.

Ela acariciou a testa dele com dedos trêmulos. Olivia queria gritar para o céu. Queria amaldiçoar Gideon por tê-la deixado. Mas nem mesmo agora podia culpá-lo. Ela já sabia quando se casara: o coração de Gideon era grande demais para ser aprisionado. Ele a amava profundamente, mas amava a humanidade inteira também. Jamais desistiria de sua missão de melhorar a sorte dos miseráveis e doentes, de derrotar a peste de uma vez por todas. Faria qualquer coisa para salvar seus semelhantes. Ele tinha morrido, aquele homem teimoso, irritante, gentil, porque acreditara que essa seria a única maneira de salvar seu trabalho e sua família.

— Gideon — disse Olivia, tentando evitar que a voz fraquejasse. — As crianças se foram. Não pude impedi-las.

Com certeza não tinha sido esse o desejo de Gideon.

Assim que Luke partiu, Jane correu atrás dele. Nenhum dos dois tinha voltado. Depois de finalmente se forçar a sair do estado de choque, Olivia mandou Katherine descobrir o que acontecera com eles. Katherine retornara meia hora mais tarde, contando que um barco havia sumido da enseada. Tudo indicava que Luke e Jane tinham cumprido sua ameaça e partido para o continente.

A dor de Thomas e Katherine rapidamente se converteu em raiva. Culparam o pai por não ter lhes contado tudo, por ter confiado em Vesper e em Luke. Culparam Olivia por não ter dissuadido Gideon de seu louco propósito. Luke e Jane tiveram a ideia certa, eles concluíram. Era hora de deixar aquela família amaldiçoada.

As palavras cruéis dos filhos feriram Olivia. Ela implorou que ficassem, mas em pouco tempo Thomas e Katherine também partiram. Olivia estava tão arrasada que nem sequer os seguiu. Voltou, trôpega, para os escombros da casa, esperando, contra todas as probabilidades, encontrar Gideon vivo. Precisava da força dele.

Agora Olivia estava absolutamente sozinha. Ou quase. Abraçou seu ventre, cujo inchaço mal se notava, rezando para que a criança por nascer estivesse a salvo.

Gideon e os filhos não sabiam. Ela estivera aguardando o momento certo, pressentindo que a tensão na família estava forte demais para o anúncio de uma notícia como aquela. Mas, se ela tivesse contado a Gideon, será que ele teria tomado mais cuidado? Será que ainda estaria vivo?

Uma nova onda de culpa a invadiu. Um quinto filho a caminho, e agora ela era viúva. Seus outros filhos tinha fugido. Olivia rezou para que eles retornassem quando a dor e a cólera se abrandassem. Não a abandonariam para sempre, com certeza.

Contudo, algo lhe dizia que sua família se esfacelara para sempre. Mais importante: que o futuro do mundo tinha se rompido. Juntos, seus filhos poderiam ter completado o trabalho do pai. Separados, eles haviam saído para o mundo com segredos dotados de poder suficiente para mudar o rumo da história. A julgar pela que Gideon lhe dissera, cada filho carregava um soro que iria alterar fundamentalmente a composição química deles, imbuindo-os de grandeza e de talentos, assim como a seus descendentes por gerações futuras. Eles poderiam se tornar santos ou monstros, reis ou vilões, mas Olivia temia que, separados, seus filhos jamais realizassem os sonhos de Gideon. Continuariam lutando entre si, enfrentando-se como sempre tinham feito, com a diferença de que a partir daquele momento seus desentendimentos moldariam o rumo da civilização. O mundo seria um campo de batalhas.

Vamos ficar juntos novamente, Gideon tinha dito. A última e dolorosa recordação de seu marido. Olivia olhou o corpo inerte e apertou os dedos da mão dele. O anel dourado de Gideon reluzia. Suas estranhas fileiras de símbolos gravados estavam ainda mais pronunciados, com fuligem preenchendo os vãos.



Muitas vezes Olivia suplicara que Gideon escondesse o anel ou o mandasse para longe, mas ele insistia que apenas guardando-o consigo poderia garantir sua segurança. Agora essa responsabilidade recaía sobre Olivia.

Sobretudo, lorde Vesper jamais pode ter o anel, Gideon lhe dissera certa vez. *Se ele perguntar, diga que o anel tem valor sentimental. Diga, talvez, que é uma relíquia da sua família, que você me deu como símbolo do nosso casamento. Que tal? Talvez isso o impeça de exigir o anel. Esse homem é como um corvo. Coisas brilhantes o atraem.*

Os olhos de Olivia estavam fixos no anel de ouro. O sangue corria em seus ouvidos, e ela estava tão dominada pelo medo e pelo pesar que não ouviu os passos se aproximando, até Damien Vesper dizer:

— Minha cara Olivia. Sinto muitíssimo.

***

Era tão raro Vesper se dirigir a ela que, num primeiro momento, Olivia ficou atônita, sem conseguir responder.

Ele vestia veludo negro, com botas de couro macio e uma corrente de prata no pescoço. Sua expressão era apropriadamente grave, mas seus olhos estavam vivos e cheios de ganância. *Como um corvo*, Gideon tinha notado.

A mão de Vesper repousava no punho de sua espada. Olivia notou suas sobrancelhas chamuscadas. Atrás dele, estavam dois guardas que ela nunca tinha visto. Ele já havia substituído os que perdera no incêndio.

— Seu demônio! — exclamou Olivia com ódio. — O senhor fez isso. Seus homens estão nas ruínas do incêndio, mortos. O senhor matou meu marido.

A expressão de Vesper endureceu.

— Posso lhe assegurar, madame, que não o fiz. Quanto a meus homens, estou certo de que vieram para cá no intuito de me ajudar. Estou tão entristecido quanto a senhora. Considero esse incêndio uma enorme tragédia.

Olivia percebeu que ele falava sério, mas por outras razões. Ele não se importava em nada com seus serviçais mortos. Mal olhava para o corpo do pobre Gideon. Vesper lamentava o laboratório arruinado, o desaparecimento de todos aqueles segredos valiosos.

— Gideon impediu que o senhor alcançasse seus intentos — disse Olivia. — Seja lá o que o senhor estivesse procurando, foi destruído. Mas suponho que vai querer vasculhar pessoalmente as ruínas.

Os olhos de Vesper encontraram os dela. Olivia não vacilou. Vesper era conhecido por saber interpretar rostos, mas Olivia era uma atriz talentosa. Crescera em uma família de irmãos mais velhos, todos inteligentes e fortes. Sabia mentir de acordo com a necessidade, e homens que ostentavam força, como lorde Vesper, não a intimidavam.

— A senhora tem conhecimento da pesquisa de Gideon, madame? — ele indagou.

— Sou mulher — respondeu Olivia com voz cansada. — O que eu poderia saber de tais coisas?

Vesper hesitou, depois assentiu com a cabeça. Olivia pensou, espantada, como os homens podiam ser cegos. Vesper podia ser um gênio, mas para ele mulheres e crianças ainda eram espécies estranhas. Gideon tinha razão. Esconder a fórmula com sua família a tornara praticamente invisível a lorde Vesper.

— Sua família está em segurança? — ele perguntou, embora não parecesse muito preocupado.

— Foi para o continente — respondeu Olivia. — Eles não suportariam a visão destas ruínas. Ou do senhor.

— É mesmo? Deixaram-na só?

— Estou certa de que voltarão em breve — mentiu Olivia — com o padre, os líderes da cidade e um bom número de moradores. Gideon era muito amado por seu povo.

Lorde Vesper ficou tenso, e Olivia percebeu que ele havia entendido a mensagem. Vesper tinha muitos criados e aliados pelo mundo, mas não era amado por seu povo. Se começasse a espalhar a notícia de que Vesper fora responsável pela morte de Gideon, um homem que os camponeses acreditavam ser um santo, que trabalhara para livrá-los da peste...

— Entendo.

Vesper recuou um passo. Olhou para o corpo de Gideon e franziu o nariz em um gesto de repulsa. Então congelou. Vesper tinha notado o anel.

— Um belo adorno — observou. — Ele parece diferente de alguma maneira.

— Um símbolo do meu amor por Gideon — disse Olivia tão distraidamente quanto conseguiu. — Relíquia da minha família.

— Ele será sepultado com o anel?

Olivia se deu conta da importância desse momento, como se o gume de uma faca pairasse sobre ela. Gerações de Cahill, o futuro do mundo poderiam ser moldados pelo que ela dissesse e fizesse a seguir.

Ela arrancou o anel do dedo de Gideon e o ofereceu a lorde Vesper.

— O senhor o quer? O presente de casamento que dei a Gideon? Quer me privar disso também? Que seja. Tome!

Os lábios de Vesper se curvaram em uma expressão de desdém. Ele se afastou, perdendo imediatamente o interesse por aquilo.

Era o que Olivia esperava: qualquer coisa dada espontaneamente não podia ser de muito valor para um homem como Damien Vesper. E o símbolo de um amor, então? Mais inútil ainda. Ele era um predador, um caçador por natureza.

— Não há necessidade de vasculhar as ruínas — ele concluiu. — Nada pode ter restado.

— Uma vez que o senhor estava aqui quando o laboratório explodiu — insinuou Olivia — viu com seus próprios olhos.

Vesper sorriu com frieza.

— Vamos deixá-la com sua dor, madame.

Olivia tirou delicadamente a cabeça de Gideon de seu colo e se pôs de pé, cerrando os punhos.

— O senhor fará mais que isso, meu senhor. Deixará esta ilha pra nunca mais retornar.

Os guardas franziram o cenho, evidentemente confusos. Uma mulher maltrapilha, coberta de fuligem, acabara de mandar lorde Vesper embora?

— Aqui é terra dos Cahill — declarou Olivia. — Doada por uma carta real. O senhor é um hóspede nosso, mas não mais. Parta agora, meu senhor. Preciso sepultar meu marido.

Vesper olhou fixamente para ela com os punhos cerrados, brancos, sobre o cabo da espada. Olivia sustentou o olhar, fazendo-o ver que ela, uma mulher, uma esposa que chorava a morte do marido, uma mãe, podia ser mais perigosa naquele instante do que qualquer arma que ele poderia vir a criar. Ela iria conseguir seu intento, ou o destruiria.

Um predador perigoso diante de outro. Lorde Vesper pareceu entendê-lo. Assentiu de leve com a cabeça, seus olhos gelados penetrando nos dela.

— Muito bem. De qualquer forma, nada restou aqui que seja digno da minha atenção. Contudo, madame, ainda sou o senhor destas terras. Ficarei atento à senhora e à sua família. Se eu descobrir que ocultaram qualquer coisa de mim...

— Uma viúva e seus filhos? — indagou Olivia, fingindo espanto. — Como poderíamos ocultar alguma coisa dos olhos de lorde Vesper?

Vesper hesitou, talvez captando um pouco de sarcasmo dela, mas seu orgulho acabou falando mais alto.

— Naturalmente — rosnou. — Lembre-se de mim, madame, pois eu me lembrarei da senhora.

Ele se virou e partir, seguido por seus guardas.

Oliva só relaxou quando eles chegaram às docas, ao longe. Ela ficou observando os guardas prepararem o barco de lorde Vesper para a travessia.

Olivia voltou-se então para as ruínas da casa de sua família, para o jardim queimado e a mesa de jantar plantada no meio do campo, a única parte de sua antiga vida que escapara ilesa do incêndio.

Olhou para baixo, para o rosto pálido de seu marido. Ninguém a ajudaria a sepultá-lo, mas ela daria conta. Ela o levaria para descansar no mesmo cemitério onde os Cahill vinham sendo enterrados havia gerações.

Olivia podia não ser uma mulher elegante, jovem ou bela. Podia não atrair um segundo olhar de um homem como lorde Vesper, mas ela era forte. Lidava tão bem com uma pá quanto com um punhal ou com um fogo de cozinha.

Ela pôs o anel dourado de Gideon em seu próprio dedo, embora fosse grande demais. Precisaria de uma corrente para pendurá-lo no pescoço, concluiu.

— Vou guardá-lo em segurança, Gideon — ela prometeu. — Vesper nunca o terá.

Fosse o que fosse que lorde Vesper procurava, ele não obteria. Pelo menos não enquanto Olivia Cahill estivesse viva. Além disso, um objetivo ainda mais importante a faria continuar lutando: precisava encontrar uma maneira de trazer seus filhos de volta.

— Algum dia, Gideon — ela jurou — nossa família vai se sentar outra vez em volta desta mesa de jantar. Vamos nos reunir de novo.

Ela olhou para o alto no momento em que o sol da manhã iluminava os penhascos. Perto do topo, ficava a caverna onde Gideon a pedira em casamento e onde a poderosa ancestral dele, Madeleine, a Matriarca, tinha examinado a ilha e a reivindicado para si.

Olivia pôs a mão na barriga, embora ainda não pudesse sentir a criança chutando.

— Vou dar a você o nome de Madeleine — disse ela. — Você e eu vamos preservar este lugar e reunir nossa família.

Olivia beijou o anel de ouro do marido. Ela o guardaria em segredo, junto a seu coração, pelo resto da vida.

Ela tinha que ser forte, e não precisava de soro para isso. Precisava apenas ter fé em sua família. Algum dia os Cahill voltariam a se unir. Ninguém, nem mesmo lorde Damien Vesper, a impediria de alcançar esse objetivo.

Olivia pegou uma pá do jardim e foi cavar a sepultura do marido.

Madeleine Cahill, 1526

por Peter Lerangis

Enquanto o último estudante caía desmaiado em cima da escrivaninha, Madeleine Babbitt refletia sobre a mentira.

Ela tinha passado a vida inteira convivendo com isso. Mentiras e segredos. Agora podia gritar a verdade que ninguém ouviria. Ela sorriu, puxando o lápis que estava sob o rosto de Flynn O'Halloran, esparramado sobre a mesa. A cabeça dele bateu na madeira e o som ecoou pelo Instituto de Alquimia Xenophilus, um nome grandioso para uma escola de uma sala só, feita de argila e turfa seca.

Maddy Medrosa, as pessoas a chamavam. Ela tinha representado esse papel praticamente o tempo todo dos seus 19 anos de vida. Para não chamar a atenção, para não ser notada. Ela quase acreditou que era realmente essa pessoa. A gagueira, os pedidos de desculpas se tornaram parte dela, até seu lado mais corajoso ter quase desaparecido. Hoje, quando Flynn roubava suas anotações de trabalho e as lera em voz alta, ela se encolheu. *Uma poção para fazer dormir... Você já faz a gente sentir sono,* ele dissera, atormentando Madeleine. Todo mundo a desafiara a demonstrar sua poção. Então ela tinha feito isso.

E a sensação era maravilhosa.

— Durmam bem, meus amigos — disse Madeleine, tampando um frasco com um líquido âmbar. Ela olhou para fora, ainda esperando ver o professor Xenophilus, que havia faltado naquele dia. Uma pena. Ele devia estar mergulhado em seus trabalhos de laboratório, misturando medicamentos e invenções fantásticas.

— Como vocês só inalaram a poção num lenço — ela explicou para a classe silenciosa — vão acordar daqui a cinco minutos sentindo-se renovados e cheios de energia. Se ela tivesse entrado diretamente no fluxo sanguíneo, vocês dormiriam por uma hora.

Sua gagueira tinha sumido. Era muito libertador falar com uma plateia entorpecida! Enquanto colocava o frasco na algibeira pendurada em seu pescoço, Madeleine se sentia prestes a explodir. Duas décadas de segredos reprimidos pulavam dentro dela como cachorrinhos desobedientes diante de uma porta que começava a se abrir.

— Outra coisa — ela falou sem pensar — meu nome não é Maddy Babbit. É Madeleine...

Vamos lá, diga!

Mas, por mais que ela tentasse, o nome *Cahill* ficava preso em sua garganta. O treinamento deixava raízes profundas em Madeleine.

O sol apareceu entre as nuvens, penetrou na sala e um minúsculo moinho de vento de pás pretas e brancas começou a girar sobre uma mesa. As pás derrubaram um pedrinha, que desceu por um escorregador de bateu em um gancho; este liberou uma roldana, que, por sua vez, içou um pequeno martelo preso a uma mola. O martelo bateu num gongo de bronze, assinalando o fim da aula de alquimia.

Em breve se ouviria a melodia distante de sua mãe chamando-a para que ela fosse ajudar na botica. Deixando os dorminhocos na sala, Madeleine correu para fora e desceu por um caminho em meio à urze e à vegetação rasteira. Nuvens baixas e compactas trazidas pelo vento

acumulavam-se sobre a charneca, lançando uma névoa verde acinzentada sobre o vilarejo de Scáth.

Enquanto corria, Madeleine olhou para o céu, para aquele verdadeiro teto macio. Pensou em seu pai, um homem que nunca conhecera. Sua mãe dizia que ele tinha sido o maior alquimista do mundo e um pai ainda melhor. Madeleine esperava que, onde quer que ele estivesse, pudesse olhar para baixo e ver os resultados dos estudos de alquimia dela. Mais ainda: esperava que estivesse orgulhoso dela.

Em um instante ela chegou às ruas de pedra da cidade e enveredou pelas vielas sinuosas onde ecoava o som distante, pungente e doce de uma flauta irlandesa de lata. Era mamãe tocando uma melodia chamada “Bhaile Anois”, que significava *para casa já*. Tinha sido composta por seu pai e se tornara tradicional canção de chamamento da família Cahill. Enquanto corria, Madeleine acenou para o padeiro de rosto corado, para o varredor de chaminés, preto de fuligem, para o açougueiro robusto e para o cansado acendedor de lâmpadas.

Transpôs correndo a esquina da rua Front. Carruagens subiam a colina com dificuldade, passando por uma mendiga idosa que dormia à sombra de um estábulo abandonado. Mais adiante, a rua descia em direção ao lago, onde seguia em trecho plano, acompanhando a curva suave de sua margem. A botica O. Babbit & Filha ficava ao pé da colina.

Madeleine reduziu o passo. Uma multidão estava reunida em frente a botica. Um grupo de homens esmurrava a porta da loja. Eles vestiam capa roxa e preta com capuz. Atrás deles estava uma carroça pesada puxada por cavalos de tração. Na carroça havia três homens deitados, gemendo, quase mortos. Amarrado ao veículo, com as roupas rasgadas e o rosto coberto de sangue, estava o professor Xenophilus.

Madeleine parou.

O velho professor ergueu lentamente os olhos para o alto da colina. Seu olhar apagado pousou sobre Madeleine. Ele fez um gesto débil com um dos braços, que pendia em um ângulo estranho, não natural. *Fuja,* dizia sua linguagem corporal.

Um dos homens encapuzados se voltou para Xenophilus e o acertou na cabeça. Os joelhos do professor se dobraram e ele caiu no chão de pedras.

— Velho tolo — berrou o homem — você tem certeza de que há algum Cahill aqui?

Madeleine recuou, trôpega, diante do nome que só ouvira ser pronunciado por sua mãe.

Como eles sabiam? Como Xenophilus podia...?

Na semana passada. Sob o olhar atento do professor, ela tinha bebido uma amostra de uma versão preliminar da fórmula. Apenas um pouquinho. Quando Madeleine despertou, Xenophilus a repreendeu, falando da dosagem correta. Forte demais, a poção induzia ao coma! Se a dosagem, no entanto, fosse muito fraca, a pessoa que a ingeria entrava em um estado de semiconsciência, e se punha a revelar seus pensamentos mais íntimos.

A expressão que Madeleine viu no rosto dele a surpreendeu. O olhar do professor, que normalmente transmitia paciência e bom humor, estava mudado. Ele parecia confuso, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Naquele dia eu devo ter lhe contado, ela pensou. *Sob a fórmula anterior, mais fraca, devo ter revelado meu nome.* Fazia sentido, já que ela pensava no pai com muita frequência. Com certeza Xenophilus tinha reconhecido o nome de um alquimista famoso como ele.

E agora o segredo havia sido arrancado dele à força. *E por minha causa,* ela pensou. Mas por quem? Quem eram aquelas pessoas?

Ouviu-se um estalido alto. Os homens agora usavam um aríete, e a porta da botica estava prestes a ceder.

— Sabemos que você está aí dentro, mulher! — urrou uma voz.

— Mãe! — gritou Madeleine, descendo a colina.

Quando ela passou pelo estábulo, a mendiga se mexeu. Pondo-se em pé de um salto, agarrou Madeleine pelo pescoço e a arrastou para as sombras.

***

O treinamento que Madeleine tinha recebido ao longo dos anos incluíra técnicas antigas de luta para dominar homens de grande força e estatura, e não para enfrentar velhinhas escondidas em vielas.

— Me solte, seu urubu velho! — gritou Madeleine, lutando contra as garras de ferro da mendiga.

Madeleine se debateu e golpeou, mas a idosa enfrentou cada movimento.

— Pelo amor de Deus, quer parar de fazer tanto barulho?! — ela acabou por gritar. — Vão nos ouvir!

Madeleine congelou no meio da briga. Caiu no chão e olhou para cima, para o rosto de sua adversária.

— Mãe?

Olivia Cahill puxou o capuz de lã para trás.

— Este urubu velho acaba de salvar a sua vida — disse.

— Me desculpe! — disse Madeleine.

Olivia pôs um dedo suave sobre os lábios da filha.

— Precisamos ficar quietas. Rápido...

Lá embaixo, na colina, uma voz se elevou, furiosa.

— *Abra em nome de lorde Vesper!*

Vesper.

O nome atingiu Madeleine como uma mudança na pressão atmosférica. Como se o mundo inteiro estivesse convergindo sobre ela, pressionando seu coração e seu cérebro. Durante toda a vida, Damien Vesper lhe parecera mais um fantasma que uma realidade: a sombra no armário, o monstro debaixo da cama. *Ele vai nos encontrar ou morrerá tentando,* tinha dito sua mãe. *E não hesitará diante de nada para descobrir os segredos das 39 pistas*.

Alguns monstros são reais, Olivia tinha avisado. E, para manter aquele monstro à distância, tudo o que Madeleine precisava fazer era ficar de boca calada ao longo dos anos.

Um pedido simples, e ela tinha falhada.

— É-é m-minha culpa, mamãe!

Sua gagueira retornara com força. Madeleine sentia o peso de sua traição. Não apenas colocara um risco a vida de Xenophilus como expusera Olivia e a si própria ao arqui-inimigo delas.

— Calma, filha querida. Era apenas uma questão de tempo. Eles estão tentando há quase duas décadas. — A voz de Olivia soava arranhada. Ela vasculhou as dobras de seu vestido maltrapilho e tirou de lá uma caixinha de couro. — Pense em como tivemos sorte. Conseguimos evitá-los por tempo suficiente, até você estar preparada.

Preparada?

Madeleine se sentia tudo menos isso. Sim, ela vinha aprendendo os segredos das 39 pistas havia anos, passando por treinamentos físicos e mentais, rastreando rumores sobre seus irmãos. Mas tudo sempre lhe pareceu tão abstrato! Ela tinha nascido depois da explosão que matara seu pai. Nunca conhecera seus irmãos. De algum modo, a saga dos Cahill parecia mais lenda que realidade, como a história do monstro Vesper.

Mais um estrondo, como o disparo de um canhão, ecoou na encosta lá embaixo.

Olivia se retraiu.

— Eu tinha tantas esperanças... Que vivêssemos mais tempo que ele, que você nunca precisasse enfrentá-lo em sua vida... Mas que assim seja. Vamos agir rapidamente, sem hesitar. Pegue esta caixa e, por favor, repita as promessas para eu ouvir.

Madeleine agarrou a caixa com dedos trêmulos. Sua mãe chamava aquilo de a Estratégia do Fim do Jogo. Ela odiava esse nome.

— M-mas você vem também, não vem?

— Ele não sabe que você existe, então você precisa partir sozinha, como planejamos. Seus irmãos estão cheios de raiva. Eles culpam uns aos outros pela morte de seu pai. Precisamos mudar isso. Tome cuidado e lembre-se: o mais inteligente sempre derrota o mais forte. Vou destruir o pouco que restou do trabalho de seu pai e depois seguirei você. Agora, por favor, quero ouvir *as promessas...*

As ideias se atropelavam na cabeça de Madeleine, que tentava se lembrar de tudo. Seu pai tinha um anel. Era feio, mas continha segredos. Segredos que Olivia nunca tinha revelado. Guarde o anel de seu pai em segurança. *Essa era a promessa número 1. A número 2 era...*

Mais um estalido doloroso rompeu o ar. Ouviu-se um tropel de vozes triunfantes. Os homens tinham entrado.

Olivia ficou rígida.

— Vou entrar pelos fundos e torcer para que não encontrem a porta secreta. Vá!

— Mas as promessas... — objetou Madeleine.

— Basta você se lembrar delas, Madeleine, e, faça o que fizer, mantenha-se viva. E outra coisa: *não olhe para trás.* — Com lágrimas nos olhos, Olivia segurou o rosto da filha entre as mãos e beijou sua face. — E que Deus a acompanhe sempre!

Antes que Madeleine pudesse dizer alguma coisa, sua mãe se foi. Sumiu nas sombras. Em seguida, entrou na botica pela porta secreta dos fundos.

Madeleine seguiu Olivia e avançou em direção à porta. Antes de alcançá-la, ouviu um zunido agudo próximo à sua orelha e sentiu um fio de sangue descer pelo pescoço. Uma flecha.

Mais um dedo para a esquerda e a flecha teria atingido sua cabeça.

— Ei, você aí! Saia das sombras! — gritou uma voz lá de baixo.

Ele não sabe que você existe.

Havia um trabalho a ser feito. O Fim do Jogo estava prestes a começar.

Madeleine deu as costas à voz. Vesper não podia ver seu rosto. Ela começou a correr, afastando-se do estábulo e subindo a colina. Ouviu gritos e zunido de flechas à sua volta. E também outra voz gritar lá embaixo:

— Seu imbecil, é uma mocinha! É jovem demais para ser a esposa. Poupe as flechas do meu senhor e venha ajudar a preparar a pólvora!

Madeleine virou a esquina seguinte, ajoelhou-se ao lado do muro de tijolinhos da padaria e acalmou a respiração. O sangue tinha formado uma poça da depressão de sua clavícula. Ela tocou o ferimento com cuidado, mas ele já parecia estar se curando.

A pólvora. O que ele quis dizer com isso?

Uma explosão repentina abalou as pedras sob seus pés. Dentro da padaria, as ondas de choque lançaram pães e tortas pelo chão.

Madeleine se adiantou para olhar ao redor. Em seguida ouviu um grito lancinante que se elevou num registro quase sobrenatural, terminando num som gutural, sofrido.

A botica e o estábulo desabaram num monte de tijolos e chamas, com Olivia Cahill lá dentro.

Madeleine não pôde fazer nada a não ser gritar.

***

1. Guarde o anel em segurança.

2. Nunca deixe ninguém fazer mau uso do poder das 39 pistas.

3. Una os Cahill quando a hora certa chegar.

As promessas estavam gravadas na mente de Madeleine. Ela não as repetira em voz alta, como sua mãe pedira, mas mesmo assim elas não lhes saíam da cabeça. Madeleine puxou o casaco para mais junto do corpo, a fim de se proteger do vento gelado da manhã. Escondida atrás de uma moita espessa, enxugou as lágrimas e olhou para baixo, através dos galhos retorcidos e cheios de espinhos.

No cemitério do vilarejo, um padre fazia orações sobre um túmulo recém-aberto.

De braços dados, os comerciantes locais choravam a morte de um deles. Os vizinhos, muitos dos quais deviam a vida às habilidades curadora de Olivia, soluçavam abertamente. Os

amigos de Madeleine davam-se as mãos. Seus colegas aprendizes, recuperados havia muito tempo da poção sonífera, também.

Lamento tanto, tanto, mamãe, pensou Madeleine. Mas as palavras não pronunciadas pareciam ocas e patéticas.

Ela recordou os dois derradeiros pedidos de Olivia: *mantenha-se viva. Não olhe para trás.* Madeleine já havia desrespeitado o segundo pedido. Se não tivesse olhado para trás, talvez não tivesse visto a explosão. E então tudo isto não doeria tanto.

Será que este vai ser meu destino?, pensou. *Ser alguém que descumpre promessas? Que revela segredos? Que trai as pessoas que mais ama? Que traz a morte?*

Madeleine não suportava ter de ficar escondida. A falsidade, o fracasso. A ideia de que treinara durante a vida inteira para... para quê? O que significava tudo aquilo, agora que sua mãe estava morta?

Ela se levantou com as pernas trêmulas. Correria colina abaixo, se jogaria sobre o túmulo da mãe, suplicaria a Deus que a devolvesse e a levasse no lugar dela.

Mas seu corpo gelou quando viu um homem à margem dos demais. Seus olhos não estavam concentrados na cerimônia; eles vasculhavam a paisagem em volta. Usava trajes de veludo espesso e estava diante de uma carruagem com detalhes opulentos e cavalos magníficos. Seu rosto era marcado por vincos e estava flácido devido à idade, porém ele tinha uma verdadeira juba de cabelos negros, exceto por uma mecha grisalha sinuosa que descia pelo lado direito. E sua expressão deixava claro que ele não se importava nem um pouco com a falecida.

Vesper.

Madeleine se recordou de algo que sua mãe lhe dissera: *Você reconhecerá Damien Vesper quando o vir, pois ele suga a luz do sol.* Ela se virou para o lado, sentindo-se enjoada. Vesper tinha provocado a morte de seu pai e de sua mãe. E ela se deu conta de uma verdade esmagadora: o destino dos Cahill, o destino do mundo, dependiam unicamente de Vesper e de...

De Maddy Medrosa.

Um absurdo. Impensável.

Lembre-se do treinamento, disse a si mesma. *A memorização, as técnicas de combate, a alquimia, os exercícios de sobrevivência. O Fim do Jogo.* Por mais que tentasse, Madeleine não conseguia se imaginar uma guerreira. Ela era apenas uma garota Irlandesa do campo que vivera uma vida protegida. Sozinha, não tinha chance alguma contra as forças de lorde Vesper.

Estava tudo acabado: a batalha pelas 39 pistas e tudo o que ela representava. O trabalho de seu pai tinha sido destruído. Mesmo que Madeleine encontrasse seus irmãos, nenhum deles conhecia o segredo completo da fórmula. Quanto ao anel... Bem, se sua mãe não tinha conseguido decifrar a mensagem dele depois de duas décadas, Vesper tampouco conseguiria. Fugir era tolice. Com seus lacaios, ele a caçaria como a uma lebre ferida. Melhor acabar logo com tudo.

Ela avançou um passo, saindo da sombra.

Lá embaixo, um músico começou a tocar a canção dos Cahill, “Bhaile Anois”, na gaita de foles. Madeleine sentia seu coração sendo machucado novamente, como se sua mãe estivesse se levantando diante dela. Ela enxergava o rosto de Olivia no céu gelado, sorrindo curiosamente. Madeleine queria muito poder falar com a mãe. Sua alma não poderia estar mais triste e abandonada. Deu um passo à frente, pedindo silenciosamente à mãe conselhos, perdão e carinho.

Como se em resposta, um sopro de brisa primaveril sussurrou pela charneca e pareceu acariciar o rosto de Madeleine, penetrando em sua mente e desobscurecendo sua memória. As palavras de sua mãe vieram tão nítidas como se as duas estivessem a centímetros de distância uma da outra. *A missão de seu pai era curar. A de Vesper é controlar. Ele procura a fórmula e suspeita do segredo do anel. Com a fórmula, ele criará uma raça de seres sobre-humanos a seu serviço. Se encontrar o anel... ai do mundo, que passará a ser dele.*

Madeleine mexeu num volume oculto sob seu blusão. Durante a noite, escondida no Instituto, ela tinha furtado do almoxarifado um cinto de couro com uma algibeira chata, onde colocara seu frasco de poção sonífera e o conteúdo da caixa de sua mãe: o misterioso anel de ouro de Gideon, as anotações manuscritas de Olivia sobre os possíveis paradeiros de Luke, Katherine, Thomas e Jane, uma faca pequena, um conjunto de anzóis, dardos ocos para caçar, uma cópia da música de "Bhaile Anois" e uma grande soma de dinheiro.

Mas não o anel. Madeleine o manuseara na noite anterior e o examinara, a fim de tentar entender seu desenho. Era um objeto tão curioso, com uma aparência tão esdrúxula, com arestas em toda a sua volta, como dentes de uma engrenagem. Ela o tinha colocado no polegar e ainda não o tirara! Madeleine deu as costas ao funeral, puxando o anel do dedo.

O sol se esforçou para abrir caminho por uma brecha entre as nuvens, e o anel brilhou por instantes. Madeleine o guardou depressa na algibeira e voltou para trás da moita. Em seguida se virou e saiu correndo.

Mais abaixo, Damien Vesper recuou diante do brilho repentino. Olhou para cima e viu uma figura desaparecendo nos arbustos.

***

— Bebê bonitinho, viscoso — disse o jovem Winthrop Cahill, falando baixinho para a salamandra de manchas vermelhas que tinha nas mãos.

— Lagartixa bonitinha, que morre de medo de lugares escuros...

Esgueirando-se pela feira apinhada de gente, ele tomou cuidado para evitar a multidão de compradores. Já tinha esmagado uma salamandra e um sapo.

A princesa Maria Tudor seguia logo à frente. Enquanto andava, seus horríveis cachos castanhos se mexiam, varrendo os ombros de seu vertido como vassourinhas dançantes. As pernas dela eram magras como dois palitos. Os ombros se erguiam quando ele fungava, o que fazia quase o tempo todo. O pai dele, Luke Cahill, disse que um dia Winthrop iria se casar com ela. Ai! Ele preferiria viver como um furúnculo no traseiro de um javali peludo. Para começo da conversa, Maria tinha apenas 10 anos, um a menos que ele. Além disso, era uma pateta de primeira grandeza. Seu nariz também escorria sem parar. E ela ainda tinha cheiro de baga de sabugueiro.

Sem falar que era feia.

Maria agarrava a mão cheia de verrugas da governanta deles, senhorita Kletsch. Com a outra mão a senhorita Kletsch apertava os frutos e legumes dos feirantes, reclamando dos preços altos. Como se a governanta do rei precisasse economizar.

Maria olhou por sobre o ombro, e Winthrop não hesitou: cutucou o nariz e limpou o dedo em uma groselha. Maria virou a cara, pôs a língua para for e envesgou os olhos para o outro lado, enojada.

Agora.

Avançando num salto, Winthrop puxou a gola de Maria para trás com uma mão e, com a outra, jogou a salamandra para dentro. Os olhinhos do bicho brilharam de medo antes de desaparecer entre as camadas de seda e renda finas.

O grito agudo da princesa Maria foi pura música.

Winthrop fingiu que estava examinado um figo especialmente interessante.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou com ar inocente.

Ver a governanta idosa se embaraçar com as dobras das roupas era ainda mais hilário que a dança desajeitada de Maria.

— *Winthrop Cahill, seu porco malnascido, meu pai vai cortar sua cabeça!* — berrou a princesa.

Mas as gargalhadas do garoto cessaram de repente quando a carroça de figos e groselha tombou, derramando as frutas em volta dele.

— Ladrão, ladrão! — gritou um feirante.

Os gritos da princesa Maria sumiram sob vozes que berravam *Aqui!* e *Pare, ladrão!*. Enquanto uma figura trajada de cinza corria entre as carroças, um braço robusto arremessou um melão no ar. Maçãs voaram para todo lado e as pessoas se afastaram, correndo do ladrão. Winthrop assistia a tudo, maravilhado. Maria humilhada, um bandido na feira... vida não poderia ser melhor!

Uma garra reptiliana se fechou sobre seu braço.

— Venha comigo, mocinho! — ordenou a senhorita Kletsch, puxando Winthrop junto com a princesa Maria, que estava parcialmente sem roupas e chorando. A governanta quase atirou os dois para dentro da carruagem, e em seguida entrou. — Vá, Edward! — gritou.

O cocheiro chicoteou os cavalos, e a carruagem partiu. Construído pelo mestre criador dos coches do rei Henrique VIII, o veiculo percorreu a paisagem inglesa rapidamente, afastando-se da feira. Maria e a governanta gritavam com Withrop, mas ele só queria olhar para a confusão lá fora.

A carruagem deu um solavanco repentino. O coração de Winthrop saltou de alegria. Será que tinham passado sobre um cadáver? Deixando Maria e a governanta com seus queixumes, olhou pela janela traseira. Não havia nada para ver, infelizmente, exceto a estrada poeirenta que sumia na distância.

Decepcionado, virou-se para frente outra vez, não sem antes vislumbrar um pedacinho de lã cinzenta logo abaixo do canto direito da janela.

Curioso, Winthrop tornou a subir no banco e olhou para baixo.

Dois olhos fixaram-se nele. O ladrão da feira estava agachado sobre o estribo da carruagem, vestido de cinza usando uma boina de lã com máscara que cobria tudo menos seus olhos. Agarrando-se a um gancho metálico, ele lançou um olhar de súplica e pânico a Winthrop.

Ele, não. *Ela*. O físico esguio e os olhos com cílios compridos deixavam isso claro.

Mais aventuras! Com certeza haveria uma recompensa por aquela bandida, e Edward, o cocheiro, teria prazer em capturá-la.

Winthrop sorriu para a ladra e deu uma piscadela. *Não se preocupe*, falou, sem emitir som. Então foi para a frente da carruagem.

Enquanto avançava na direção de Edward, fez questão de pisar no pé da princesa.

— Winthrop Verruguento! — ela gritou.

— Maria Maldita! — ele retrucou rápido.

A carruagem deu um novo solavanco. O jovem senhor Winthrop se virou ligeiro e olhou para a traseira do veículo a tempo de ver a ladra correndo pela estrada. Em seguida, observou atentamente enquanto ela enfiava alguma coisa na cavidade de um velho carvalho enrugado cujos ramos pareciam os braços de um dançarino selvagem.

***

— Criança malvada, malvada, *malvada!* — disse o velho Williams, arrastando o pequeno senhor Cahill pelo braço através dos corredores forrados de tapetes persas do Palácio de Placentia, do rei Henrique VIII.

— Da última vez, foram quatro *malvados* e um *desgraçado* — retrucou Winthrop alegremente. — E incorrigível também, seja lá o que isso quer dizer.

Williams fez sons de repreensão, arrastando o menino por uma área com colunas de mármore.

— O que, em nome do bom Deus, você fez para levar a tão gentil e bondosa senhorita Kletsch a pedir demissão? A quinta governanta em três meses! Como poderemos encontrar uma substituta para ela tão cedo? E *onde está Hargrove?* Ele prometeu vir nos encontrar com outra candidata para ser aprovada pelo rei.

— A senhorita Kletsch tem cheiro de peido de javali moribundo — respondeu Winthrop. — E isso depois de tomar banho!

— Garoto covarde, vil, odioso! — disse Williams, olhando em volta, nervoso, à procura de seu colega cortesão.

— Odioso... — ponderou Winthrop — gosto disso.

Ao passar pela porta do aposento do rei, Williams de repente ficou calmo e ereto. Segurou Winthrop com firmeza a seu lado arrumou suas feições em uma expressão neutra e pigarreou.

— Hum-hum.

Ao lado do rei Henrique, havia um homem de ombros maciços, olhos intensos e uma longa cabeleira negra. Ele andava de um lado para outro diante de uma fila de prisioneiros, e sua capa esvoaçava em volta de seus trajes cinza. Olhava fixamente para o primeiro homem da fila, um sujeito grandão de cabelos cacheados com poucos dentes e mãos sujas.

Winthrop gostava de ver seu pai trabalhando.

— Então você declara que não roubou as ovelhas de seu senhor? — perguntou Luke Cahill com um rosnado profundo e rouco. — Declara ser um Produtor de Legumes?

O homem tremeu ao responder.

— Sim, meu senhor. As raposas andavam causando danos no campo à noite. Elas têm devorado as ovelhas.

— É verdade, é verdade — Luke caminhou lentamente em volta do homem. — Sem dúvida você estava em casa no momento dos furtos, cuidando de suas aulas.

O jovem senhor Winthrop soltou uma gargalhada, sufocada pela mão enrugada e perfumada de talco de Williams.

Voltando-se de repente, Luke pegou a mão do prisioneiro e esfregou-a no próprio rosto.

— Se estas são as mãos de um lavrador que cultiva legumes — disse, estendendo a mão do homem em direção ao rei — como se explica o cheiro de gordura que eu tenho no rosto agora, um cheiro de gordura de lã de carneiro?

O queixo do lavrador caiu; seus olhos traíam seu desespero.

— Mas eu, mas eu...

— Ahá! Brilhante, Cahill! — exclamou o rei, aplaudindo com vigor. — Muito bem, cortem a cabeça do malfeitor.

O homem se ajoelhou, aos prantos.

— Meu Senhor, tenho família, cinco garotinhos, e minha mulher está grávida. A culpa é da fome, não da maldade! Tenha misericórdia, eu suplico!

— Cinco meninos?

O sorriso do rei Henrique se apagou em seus olhos umedeceram. O jovem senhor Winthrop já tinha visto essa reação outras vezes. O rei desejava um filho homem mais que tudo. Até agora, sua única descendente era Maria. De acordo com as conhecidas regras de sucessão, uma filha não tinha a garantia de herdar o trono, ao passo que o filho de um rei se tornava rei automaticamente. Henrique estava tão frustrado que tinha começado a culpar sua esposa, Catarina, filha do rei e da rainha da Espanha. Alegava que ela carregava uma maldição. Henrique tentava convencer o papa a anular seu casamento. Agora tinha os olhos voltados para uma mulher chamada Ana Bolena; se eles se casassem, talvez ela lhe desse um filho!

— Não apenas um filho homem, mais cinco... — disse o rei, baixinho, ao agricultor — você é um homem de sorte. E nós não somos destituídos de misericórdia. Sentencio-o a... três dias na prisão militar!

O rosto do homem se abriu em um sorriso de gratidão e ele foi gritando seu agradecimento enquanto os guardas o levavam embora.

— Acho que tenho um coração mole, Cahill — murmurou o rei. — Quisera eu que estes homens temessem a mim tanto quanto temem meu conselheiro!

— O que alguns chamam de fraqueza, outros reconhecem como sabedoria, meu senhor — responde Luke, fazendo uma reverência diante do rei — e agora, peço licença por um instante para atender meu filho.

— Sim, sim é claro. — O rei o dispensou com um aceno de mão e pegou algumas uvas de um prato folheado a ouro.

Luke se dirigiu rapidamente à porta e Williams começou a tremer de medo.

— Lorde Cahill — ele disse, estendendo a Luke um rolo de pergaminho — recebemos um pedido foral de demissão de mais uma...

Luke recusou o pergaminho.

— Será você, Williams, tão pouco capacitado para a tarefa de encontrar uma boa governanta entre a população inteira da Inglaterra?

Williams fez uma reverência, derramando-se em desculpas. Mas Luke puxou o filho para o corredor.

— O que é isso? — repreendeu-o. — Você deveria brilhar diante do rei!

— Para que eu possa me casar com a infeliz filha dele? — resmungou Winthrop.

— Que algum dia dará à luz um herdeiro — respondeu Luke — que então será o rei. Um rei Cahill! Será que você não entende? A filha não vai necessariamente conquistar o trono. Mas aquele com quem ela se casar será o rei!

— Isso lhe parece justo, meu pai? — indagou Winthrop.

— Justo? — Luke puxou o filho para mais perto de si, seu rosto se tornando vermelho. — É justo ver o próprio pai morrer queimado ao ser tido como responsável pelo assassinato dele? É justo a doença levar a nossa amada? É justo ser obrigado a percorrer o país com um filho recém-nascido? Eu conquistei um lugar nesta corte à custa de muita coragem e astúcia. Tive que pisar em cima de pessoas que não desejavam isso tanto quanto eu. A justiça não fez parte desses cálculos. Meu único desejo é redimir nossa família. A Casa de Lancaster, a Casa de York, a Casa de Tudor, que nada! Será o nascer da Era Lucian.

O jovem senhor Winthrop franziu o cenho. Ele já ouvirá aquela historia vezes demais. O que, afinal, havia de tão especial em ser rei? Melhor ser um bandido ou um cavaleiro que combatia em justas!

— Mas, pai, o rei quer se divorciar da rainha Catarina — ele insistiu. — Com isso Maria deixará de ser princesa, e eu terei me casado com aquela horrorosa...

— Maria vai continuar sendo princesa — retrucou seu pai, seco. — E você será o primeiro na linha de sucessão ao trono. Eu cuidarei para que seja assim.

— Mas há outros na linha de sucessão...

— Não se preocupe, Winthrop. Tenho planos para os outros.

O jovem Winthrop estremeceu. O tom de voz de seu pai insinuava algo muito pior que brincadeiras com salamandras.

Ele tentou não pensar na palavra assassinato.

— Meu senhor? — chamou uma voz atrás deles.

Os dois Cahill se voltaram. Hargrove, o criado pessoa do rei, estava no corredor com uma moça trajando vestido de camponesa e touca governanta. Ela tinha os olhos postos no chão.

— Eu gostaria de lhe apresentar uma candidata ao cargo de governanta, uma jovem excelente de grande...

— Sim, sim — respondeu Luke, impaciente. — Ela pode falar por si mesma, não? O chão está prestes a desabar, mocinha? É por isso que você está olhando para baixo? Você tem um nome?

Winthrop já estava acostumado com a reação das pessoas quando encontravam seu pai pela primeira vez. Algumas choravam. Outras se encolhiam e recuavam. Duas ou três pessoas haviam desmaiado, tão grande era a força de sua presença. Mas ele nunca tinha visto uma expressão como a desta moça. Os olhos dela fixaram-se intensamente nos de Luke, como se quisesse vará-los e enxergar o outro lado da cabeça dele. Então eles se abrandaram e se umedeceram, como se ela estivesse prestes a chorar, mas não exatamente de medo. Chorar de algum outro tipo de emoção que Winthrop não sabia identificar. Se não parecesse tão absurdo, ele teria imaginado algo como alegria.

— Sou M-M-Madeleine Babbitt, de Scáth — ela disse.

— Filha de Irlanda, portanto — grunhiu Luke, seu próprio sotaque irlandês transparecendo sorrateiramente. — Bom, esperemos que esta dure mais que uma semana.

Enquanto Luke voltava ao aposento do rei, Winthrop olhou para a nova governanta com frieza. Não gostava dela. Jovem demais, estranha demais. Não tinha verrugas nem pelos no bigode. E não cheirava mal. Como iria se divertir com ela?

— Vamos nos tornar amigos, tenho certeza — disse a moça Irlandesa.

Winthrop se fez de vesgo, disse “amigos” torcendo a língua e em seguida se afastou.

Mas não pôde deixar de perceber o quanto o rosto dela lhe parece familiar.

***

Madeleine Cahill estremeceu. Ela tinha passado dezenove invernos gelados à beira do lago, mas nada a prepara para a frieza de seu irmão Luke.

Percorreu a passos lentos seu quarto de dormir simples e levemente úmido – sete passos de uma ponta a outra do aposento. O poderio inglês vivia seu auge, e tudo o que lhe ofereciam eram quatro paredes de pedra, um piso de madeira empoeirado e uma cama com um colchão de crina de cavalo bastante afundado pelo uso.

Seus olhos se voltavam para a janela a todo instante. Cada vislumbre de algo branco a assustava.

Vesper estivera na feira. Ela tinha visto sua cabeleireira de texugo. Se Madeleine não tivesse provocado aquela confusão, derrubando a carroça de frutas, ele poderia tê-la capturado. Por quanto tempo ela conseguia continuar assim? Por quanto tempo poderia sobreviver sozinha? Teria que se confrontar com Luke e convencê-lo a unir-se a ela. De alguma maneira.

Chegara longe demais para fracassar. Nos dias seguintes ao funeral, tinha adoecido na floresta. Dominada pelo frio, pela chuva, pela tristeza e pelas dúvidas a seu próprio respeito, quase morrera. Mas, enquanto lia as anotações de sua mãe à luz de uma fogueira de turfa, uma linha tinha chamado sua atenção:

Luke, cavalariço, H VIII

H VIII significava rei Henrique VIII. O Palácio de Placentia ficava nos arredores de Londres. Uma viagem imensa, atravessando o mar da Irlanda, o País de Gales inteiro e a maios parte da Inglaterra! Mas Luke parecia ser sua melhor aposta. Ele era 23 anos mais velho que Madeleine. Devia, portanto, ser o irmão mais sábio. Assim, ela tinha aprendido a usar disfarces, viajado como clandestina num navio mercante, dormido em cavernas e árvores, conseguindo, de alguma maneira, deixar cada lugar exatamente no momento em que Vesper surgia à sua procura. Quando chegou a Londres, estava quase morta de fome. Ver o anúncio de PROCURA-SE GOVERNANTA REAL havia um golpe de sorte.



E agora? Até que ponto seu irmão era melhor que seu inimigo?

Certa vez Olivia descreveu Luke como um homem “grandioso” e “impetuoso”. Mas aquele homem também era frio, cruel e profundamente triste. Seus olhos ainda pareciam seguir Madeleine, demorando-se sobre ela, avaliando, condenando. Eram quase os mesmos olhos de sua mãe, penetrantes e inteligentes, porém destituídos de bondade. Como um quadro familiar que teve uma de suas cores removida.

Madeleine pensou na promessa número 3: *unir os Cahill quando a hora certa chegar.* Teria a hora certa chegado? Luke estaria preparado para abrir mão de sua posição na corte para ajudar a unir a família?

Seus olhos não pareciam indicar que sim.

De sua janela, ela podia ver cavaleiros treinando para uma justa. Eles galopavam num campo imenso, arremessando suas lanças contra alvos feitos de couro de porco e recheados de palha. Um dos cavaleiros, que cavalgava uma montaria parda e majestosa, era mais forte e ágil que os outros. Ela o observou fazer uma pausa para descansar e tirar seu elmo.

Madeleine não ficou de todo surpresa ao constatar que era o próprio rei Henrique VIII. Ele era um conhecido campeão de justas. Mas até mesmo ele, o homem mais poderoso da Grã-Bretanha, temia seu irmão Luke.

O jovem Winthrop chegaria em breve para sua primeira aula, e ela precisava se preparar. Williams tinha sugerido aulas de flauta irlandesa, “uma influência domesticadora para o pequeno selvagem”.

Madeleine ansiava por isso. Olivia a tinha ensinado a tocar. *Você tem muito de Jane*, ela disse a Madeleine após uma aula especialmente boa. Madeleine gostava de se lembrar desse comentário. Havia outros elogios também: *um quê de Katherine, um toque de Thomas, um pouquinho de Luke*, por suas habilidades técnicas, vitórias esportivas, pensamento estratégico. Madeleine tinha um pouco de todos eles, Olivia havia dito, mais uma qualidade toda sua. *Não deixe a humildade reprimi-la, Madeleine, para que um dia as pessoas possam enxergá-la como você é. Você é muito forte, mas tem alma de pacificadora. Você une as pessoas. Chame isso de a magnificência de Madeleine.*

No entanto, ela não andava se sentindo muito magnificente ultimamente. Mas agora, tendo um abrigo e a barriga cheia, já podia pensar com clareza. E planejar. Primeiro conquistaria Winthrop, para assim ganhar confiança de Luke. Então, quando se sentisse à vontade, revelaria sua identidade. Seria a "hora certa" para começar a realizar o sonho de Olivia.

Uma família Cahill unida.

Madeleine tocou um pouco de flauta. O instrumento estava enferrujado e soava como uma doninha moribunda. Ela desconfiou que houvesse algum furo e de fato o encontrou na parte inferior do instrumento. Procurou alguma coisa para tampar o buraco. Crina de cavalo? Muito fina. Um pedacinho de tecido? Volumoso demais.

Ela olhou o corredor. Vazio. Procurou debaixo de seu blusão, soltou a algibeira e olhou dentro dela. Ganchos e dardos? Não tinham o formato certo.

Então pegou o anel.

A flauta se estreitava até acabar numa extremidade suficientemente fina para que o anel passasse por ela. Com todo cuidado, Madeleine fez o anel correr pelo instrumento. Ele cobriu o buraco perfeitamente, como se tivesse sido feito para aquilo.

Madeleine tocou uma escala de dó maior que percorreu o aposento, doce e clara. Ela sorriu. Ah, se pudesse deixar o anel exposto desse modo, sem se preocupar! Seria impossível, claro. Ela iria quebrar a promessa feita a Olivia.

Será que iria mesmo?

O professos Xenophilus costumava dizer que os melhores esconderijos eram os que ficavam à vista de todos. Apenas Gideon e Olivia sabiam do anel. Vesper a estava perseguindo para obter a fórmula do soro; ele nada sabia sobre o anel. Se Madeleine fosse capturada, faria sentido ela não estar com o anel, de qualquer maneira.

Um arroto alto, à porta, a assustou. Madeleine se virou e topou com seu carrancudo aluno, que a olhava fixamente de braços cruzados.

Se você deixar que ele a controle, perderá este emprego e sua sanidade mental, Williams a prevenira.

— Você está sete minutos atrasado — disse Madeleine. — Espero que isso não se repita...

— Eu sei quem você é — o garoto interrompeu o coração de Madeleine começou a bater forte. Ela tinha sido guiada? Luke a tinha reconhecido?

— Você me... me co-conhece ? — ela balbuciou.

— Você é a ladra! — declarou Winthrop, triunfante — do mercado! Eu vi você na traseira da carruagem real, de máscara!

O alívio inundou Madeleine. Lidar com uma criança travessa era uma tarefa da qual ela tinha certeza que daria conta.

— Bem. Acho que você me arrancou da toca...

— Como um faisão! — Winthrop se gabou. Ele começou a andar em volta de Madeleine com as mãos nos quadris e a cabeça inclinada de um lado. — Mas não somos destituídos de misericórdia. Eu a pouparei, porém tenho algumas exigências em seus dedinhos. Só cinco minutos por semana de exercícios de memorização. Latim, apenas às terças-feiras. Nada de matemática, nunca. Três horas de almoço. Verduras ficam proibidas. Posso comer e beber o que eu quiser. E nada de palmatória.

— Você é um negociador bastante hábil — disse Madeleine.

— Sou filho de Luke Cahill — disse Winthrop, envaidecido, sentando-se na beira da cama. — E acabei de decidir que não receberei aula de nada hoje.

— É mesmo? Muito bem, então — concordou Madeleine.

Madeleine levou a flauta até a boca. Winthrop desviou os olhos, já entediado. Ao notar o anel, Madeleine se deu conta de que ele mais parecia um colarinho dentado. Com seu formato de engrenagem, poderia muito bem ter sido encontrado no chão de alguma ferraria. Ninguém poderia imaginar que ele continha um segredo valioso. E não havia dúvida de que fazia a flauta soar magnífica.

Ela tocou uma melodia camponesa, e a expressão de Winthrop se abrandou. Seu corpo oscilou, acompanhando a música, quando em seguida ela tocou uma balada triste. Em pouco tempo, ele e Madeleine dançavam ao som de uma animada música irlandesa, até que desabarem na cama, às gargalhadas.

— Bem — disse Madeleine por fim. — Vamos passar para a aula de história?

— Não! — respondeu Winthrop de imediato, agarrando a flauta. — Me ensine!

Ela ergueu uma sobrancelha.

Winthrop sorriu meigo.

— Por favor?

***

Quem poderia ter imaginado que o jovem senhor Winthrop tivesse muito de Jane?

Para a surpresa de Madeleine, ele era músico nato, maravilhoso, o que era perfeito para os seus planos. Ela iria organizar um recital. Luke não poderia deixar de se impressionar com os dotes de governanta dela!

Uma semana depois, Madeleine estava diante do rei, de Luke e de diversos cortesãos.

— P-por favor, s-senhoras e senhores, peço a atenção de todos.

A voz de Madeleine tremeu enquanto ela varria o salão de música com o olhar. Pousou os olhos também na flauta de lata e no anel de Gideon que cobria o buraco. Em um acesso de

nervosismo, ela tentara tira-lo de lá, mas Winthrop gritava com ela, dizendo que sem o anel a flauta soava “insuportável”. E o jovem senhor Winthrop não aceitava um “não”

— T-temos um instrumentista m-muito especial... — ela prosseguiu.

Winthrop bocejou alto, girando a flautinha nas mãos. Madeleine rezou para que o anel não saísse do lugar, jurando, porém, manter-se calma em relação a isso. Depois do recital, o rei certamente autorizaria a corte a comprar uma nova flauta. E ela teria o anel de volta.

— A-apresento o muito talentoso j-jovem senhor Winthrop Cahill! — ela anunciou.

O rei bateu palmas.

Quando Winthrop começou a tocar, Henrique VIII sorriu sonolento. Luke olhou para o filho com intensidade.

O que ele estará sentindo? Madeleine não tinha como saber. Luke olhava tudo do mesmo modo. Como uma víbora encarando a presa.

Quando o recital terminou, o rei gritou:

— Bravo, meu rapaz! Excelente!

Winthrop agradeceu os aplausos, depois agradeceu de novo e ainda mais uma vez.

Até mesmo Luke estava sorrindo. A expressão suavizou seu rosto e o fez parecer mais cahilliano do que nunca. Mas, enquanto toda a corte se acotovelava para elogiar o menino, ninguém disse uma palavra sequer a Madeleine. Nem mesmo um breve “obrigado”. Nem mesmo Luke.

Ela fez uma reverência, saiu da sala e sentou-se numa banqueta no corredor, à espera de Winthrop. Não era isso o que tinha planejado.

Ela não era ninguém ali. Para tentar se aproximar de seu irmão, precisava ser uma *presença*. Madeleine fechou os olhos, tentando visualizar o rosto de Olivia. *Me oriente*, pensou.

Um momento depois, um rapaz desengonçado e com o rosto sujo de fuligem veio correndo pelo corredor e curvou-se diante de Madeleine, ofegante. Seu hálito cheirava a fígado de ganso.

— Babbitt? — perguntou, soltando um bafo podre que quase a fez vomitar.

— Guarde uma distância cavalheiresca, por favor — respondeu Madeleine. — Sim, sou Babbitt.

— Está bem. — Ele avançou e tomou-a pelo braço.

— Mas o que é isso?! — gritou Madeleine. — Solte-me ou mandarei chamar Luke Cahill.

O homem deu um sorriso malicioso e a segurou com mais força.

— Pois foi lorde Luke quem me mandou! Recebi ordens de escoltar Madeleine Babbitt pessoalmente!

— Escoltar? — indagou Madeleine. — Para onde?

— Para onde você está pensando, madame? Para a casa de contabilidade real? — O rapaz deu uma risada histérica. — Venha! Você está presa!

***

Madeleine não pensou que a prisão do rei Henrique fosse tão parecida com seus aposentos de empregada. A grande diferença estava na grade de metal, no fedor insuportável e no banco de granito que deixava seu traseiro entorpecido.

Por quê?

Ninguém tinha lhe explicado por que estava ali. Ela mal conseguia entender o sotaque do guarda. Teria sido alguma coisa que o jovem senhor Winthrop havia dito a eles? Alguma mentira pavorosa?

Madeleine levou horas para adormecer, encostada na pedra gelada. Sonhou que se deliciava em sua cama de crina de cavalo.

A voz de Luke Cahill a acordou de repente.

— Bem, quem poderia ter imaginado que meu garoto tivesse um dom musical tão grande? — ele disse em tom áspero, no escuro. — Meus cumprimentos pelas aulas.

Madeleine sentou-se, sobressaltada. Estremeceu quando a silhueta de Luke se aproximou dela, iluminada por trás pela lanterna do carcereiro. Trajando um casaco longo de peles, ele lembrava uma criatura fantasmagórica, metade homem, metade urso. Os acontecimentos do dia voltaram à sua cabeça como em uma enxurrada: os machucados, a injustiça.

— Pois isto p-parece uma forma estranha de g-gratidão.

Luke sentou-se ao lado dela. Estava a poucos centímetros de distância de Madeleine, mas suas feições pareciam apenas manchas na escuridão.

— Certamente você há de ter uma resposta satisfatória a esta minha pergunta: onde conseguiu o anel?

— Você... Você sabe sobre o anel?

— Meu pai usava todos os dias, e eu zombava dele por isso, afinal era um objeto muito grosseiro. Ele dizia que era uma peça singular, sem igual. Apenas isso — Luke se inclinou, aproximando-se mais dela. — Ele morreu em um incêndio. Tudo o que ele possuía foi destruído: suas roupas, suas joias, o trabalho de toda uma vida. E agora o anel dele aparece em uma *flauta de lata.*

Enquanto Maddy Babbitt recuava assustada, Madeleine Cahill avaliava o irmão. Precisava manter a calma. Levar seu plano adiante, apesar daquele revés.

— Posso ver o anel? — ela perguntou.

— *Você acha que eu seria idiota o suficiente de trazê-lo comigo?* — vociferou Luke. — Talvez você possa começar me contando quem é e por que estava com o anel!

Madeleine sentiu um desânimo profundo. Ele provavelmente deixara o anel em um lugar seguro ou entregara a um cortesão de sua confiança. Todos tinham medo de Luke e fariam qualquer coisa que ele pedisse. Seu irmão era cauteloso demais para carregá-lo com ele.

E isso significava que a promessa número 1, *guardar o anel em segurança,* tinha sido quebrada.

Sua única esperança estava em forçar o cumprimento da promessa número 3.

Ela não podia esperar mais para conquistar a confiança de Luke. Precisava revelar a sua identidade. O reencontro dos Cahill precisava começar. Agora.

— A-antes de você fugir — disse Madeleine com cuidado — sua mãe deixou de mencionar uma coisa sobre a condição em que ela se encontrava.

Mesmo à luz, Madeleine notou o olhar frio e agressivo de Luke.

— Vou ouvi-la por precisamente um minuto. E eu a aconselho: nada de mentiras.

— Luke... — Madeleine respirou fundo. — Meu nome não é Babbitt. Mamãe estava grávida quando você a viu pela última vez. Eu sou aquele bebê.

Luke permaneceu imóvel por uns bons vinte segundos. Ela tentou interpretar a expressão em seu rosto, mas não conseguiu. Então, lentamente, ele esticou a mão e segurou seu queixo com delicadeza, movendo o rosto de Madeleine para a direita e para a esquerda.

— Pelas chagas de Cristo... — ele exclamou. — Por meu Senhor, sim... a semelhança...

Perto como estava de Luke, ela viu o véu gelado que cobria os olhos dele desaparecer, como se a própria Olivia olhasse através deles. Em um instante, Madeleine sentiu que sua longa viagem em meio ao medo e à doença, entre disfarces e mentiras, não tinha, afinal, sido em vão.

Ela queria abraçá-lo. Mas ainda era cedo pra isso. O vínculo era novo e frágil. Um passo de cada vez. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ele se percebeu rindo, dominada pela alegria e pelo alívio.

— Tenho tanto a lhe contar, meu irmão.

— Eu sei que sim. — Luke pegou sua mão e se levantou.

Por onde começar? Ela deixaria para o final a notícia triste da morte da mãe deles. Havia quase duas décadas de notícias para serem postas em dia.

— Mamãe e eu estávamos vivendo no exílio, usando nomes inventados. Babbitt, pode imaginar? Nem mesmo é um nome com um pouco de brilho, como Ravenwood ou Lancelot. Eu tinha que ser discreta, não podia chamar a atenção. Como um camundongo assustado! Em todo caso mamãe me treinou em segredo, durante toda a minha vida, para essa missão final...

— Quieta, querida — disse Luke. — Por favor, não se apresse. Este é um momento emocionante, eu sei. Vou lhe dar algum tempo para controlar suas emoções antes de continuar com a sua história. Mas, caso isto a reconforte, saiba que eu já a ouvi antes.

Madeleine enxugou uma lágrima.

— Já ouviu?

— Oh, sim, muitas vezes — Luke riu baixinho. — Os detalhes são diferentes, mas a história sempre é a mesma.

— N-não estou entendendo... — gaguejou Madeleine.

Luke foi para perto da porta e fez sinal para o carcereiro abri-la.

— Você é muito mais talentosa do que o último que alegou ser meu irmão. Meu irmão Nigel, distante de mim havia tanto tempo, vivendo sob uma identidade falsa, e assim por diante. E antes dele houve a minha irmã Gladys, a minha tia Puff, o meu primo Quincy...

— Mas não existe Nigel Cahill, nem nenhum desses outros!

— *Também não existe nenhuma Maddy Cahill!* — A voz de Luke foi mais um tapa que um som. — Por que você exibiu o anel? Qual era o seu plano?

— Fiz isso para t-tapar um buraco!

Luke se virou, enojado.

— Não importa. Se você tiver outros agentes neste palácio, eles serão derrotados. Se pensava em me assustar com a visão do anel, se está planejando um emboscada, sua gente não encontrará nada comigo. Em breve seu chefe saberá que, depois de todos esses anos, seus planos fracassaram. E a vingança então virá.

— Chefe? — Madeleine recuou para dentro da cela. Ela não estava entendendo uma palavra do discurso furioso de Luke.

— Não me tome por tolo. Apenas uma pessoa poderia estar de posse do anel. Aquele que assistiu à morte de meu pai. Aquela cuja cegueira e cobiça acabam de assegurar sua própria derrota.

Luke se voltou para o carcereiro.

— Simon, prepare a prisioneira para a execução pública em dois dias. Envie convites a todos das redondezas e também de terras mais distantes, e fique atento a um homem chamado Vesper.

— Vesper? — exclamou Madeleine. — Como você pode imaginar...?

— Mandarei o carrasco vir imediatamente para preparar a forca — disse Simon.

— A forca não — retrucou Luke sorrindo devagar. — Prefiro vê-la queimando viva, bem devagar, do meu assento na primeira fileira.

***

— CCCHHHH... SOCORRO!

Assustado com o barulho, Simon caiu da cadeira, pondo fim a um sonho delicioso.

— Ãhn? Ozzquê? Ah, pelo amor do rei...

O som de estrangulamento vinha da nova prisioneira. A mocinha. Babbit. A espiã. Ele se sacudiu, para despertar completamente, e em seguida se levantou.

Acendendo uma lanterna, aproximou-se da cela.

— O que foi? — perguntou. — O faisão assado entalou na sua garganta?

Simon deu uma risada de escárnio. Os prisioneiros sempre apreciavam um pouco de humor.

Mas os sons de sufocamento agora soavam como vômito. O guarda empalideceu. Na última vez em que isso ocorrera, o prisioneiro tinha morrido antes de ele poder realizar a decapitação. E lá se fora o pagamento de um dia de trabalho honesto.

— Segure o vômito. Vou buscar alguma coisa para você beber.

Ele retornou a seu posto, um assento duro ao lado da parede do corredor. No chão havia um penico, uma escarradeira e um jarro de cerveja barata que Simon bebericava havia horas. O dia inteiro ele vinha confundindo os recipientes.

— Acho que não tem importância qual... — murmurou consigo, rindo.

O jarro de cerveja cheirava levemente azedo, mas ele o pegou assim mesmo, enquanto voltava pelo corredor sacudindo a chave da cela.

— Chegou ajuda! — disse, abrindo a porta.

Simon sentiu uma picada minúscula no pescoço, e tudo escureceu.

***

Madeleine passou pelo carcereiro na ponta dos pés. Ele dormia profundamente.

Ela ensaiou um sorriso. A poção sonífera havia funcionado, e o dardo tinha justamente a quantidade suficiente para fazer Simon desmaiar.

— Gosto dos dias de chuva... — murmurou Simon — e sinto falta do meu cachorrinho...

Madeleine percebeu que a dose fora fraca. *Quando a dose é muito fraca, a vítima se põe a revelar seus pensamentos mais íntimos*, tinha dito o professor Xenophilus.

Isso significava que ela não teria muito tempo para fugir. Quinze minutos, talvez.

Ela tinha conseguido trocar de roupa com ele no escuro. O uniforme de Simon estava imundo e era grande demais para ela. Não havia muito que pudesse fazer em relação ao mau cheiro, mas pelo menos os ganchos que estavam na algibeira secreta de Olivia impediam o tecido de cair.

Enquanto ela subia um lance íngreme de degraus de pedra, Simon confessava o medo que sentia de coelhinhos. Ele despertaria em breve, mas o fato de estar usando um vestido de governanta talvez o fizesse demorar um pouco mais para pedir ajuda.

Madeleine tentou ver algo positivo naquilo tudo, mas a verdade é que o anel estava perdido, Luke a tomava por uma espiã de Vesper, e, se fosse capturada, na certa morreria. E ainda precisava escapar de um dos palácios mais fortemente vigiados do mundo.

Ela tinha cometido erros estúpidos, imperdoáveis. Colocar o anel na flauta e depois permitir que Winthrop a convencesse a deixá-lo ali. Imaginar que ninguém o reconheceria.

Quando se aproximou do topo da escadaria, Madeleine fez um juramento.

Ela escaparia e se recuperaria. Empregaria todas as suas habilidades e astúcia para, de alguma forma, encontrar o anel. E, quando o conseguisse de volta, nunca mais deixaria nada nem ninguém atrapalhar o cumprimento das promessas.

A partir de então, se ela sobrevivesse, o plano transcorreria de maneira totalmente diferente. Envolveria paciência infinita. Observação. E mais paciência. Se ele tomasse a vida inteira dela – ou vida de seus filhos, ou a dos filhos dele – e mesmo que exigisse a criação de uma família secreta dentro da família, então assim seria. Se preciso fosse, as 39 pistas permaneceriam secretas por séculos e séculos. Até o momento em que as famílias estivessem preparadas para se unir.

Desse ponto em diante, Maddy Babbitt estava morta.

Vida longa a Madeleine Cahill.

Ao chegar no alto da escada, inseriu uma grande chave mestra na porta espessa de madeira revestida com chapas de bronze. A porta rangeu alto quando se abriu.

— *O quê?* — exclamou uma voz áspera. Outro guarda.

As pernas de Madeleine travaram. Ela pigarreou e mudou a voz para o registro mais grave possível.

— Volte a dormir — resmungou.

— Está bem, vovó... — foi a resposta, seguida por um ronco.

Ela saiu em um corredor estreito que passava por uma fila de cômodos pequenos, s quais formavam uma espécie de labirinto superpovoado: eram os quartos das empregadas da cozinha. Elas já estavam acordadas, assando e preparando as refeições do dia. Madeleine passou rapidamente em frente à cozinha, e o aroma de pão quente encheu a boca d’água.

Ela foi seguindo os castiçais com velas acesas que se estendiam por um corredor comprido. O palácio era um labirinto, mas em algum momento, se andasse bastante, chegaria a uma porta. Madeleine pegou um dos castiçais e o segurou como uma tocha.

— Com licença — disse uma voz atrás dela — posso saber o que o senhor está fazendo aqui?

Era Williams, o criado do menino.

A mente de Madeleine funcionava a todo vapor. Luke tinha dito que não estava com o anel, portanto isso significava que o entregara a alguém de confiança. Seria Williams?

— *Ãhn...* Lorde Cahill me enviou para buscar o anel — ela disse com sua voz de guarda.

— Ah, sim, o anel — concordou Williams — e o senhor tem o pedido por escrito?

— Ah, sim, claro — disse Madeleine, pondo a mão dentro da camisa para vasculhar sua algibeira. Para encontrar os dardos.

Williams então recuou e de repente gritou:

— Holworthy! Wiggleswoeth! Stoughton! Hargrove!

Mudança de planos. Madeleine empurrou Williams para o chão e saiu correndo. À sua esquerda, um homem mais velho surgiu diante de uma porta, vestido com uma camisola xadrez e uma touca com borla.

— *Guarda!* — ele gritou. — *Temos um impostor no palácio!*

Madeleine correu em sentido contrário, esquivando-se para a esquerda e seguindo por outra ala longa e reta do corredor. Ao final dela, viu uma janela banhada por uma luz alaranjada e opaca. O sol começava a nascer. Dentro em pouco, o palácio inteiro estaria acordado.

O corredor terminava num T, e homens se aproximavam vindos de ambos os lados. Madeleine deu meia-volta. O homem mais velho vinha em sua direção, seguido por um grupo de mordomos e copeiras brandindo batedores de ovos e grandes colheres de servir. Não havia para onde ir.

Exceto por um lugar.

Madeleine se inclinou para trás, abriu a janela e saltou.

***

Estrume de cabra não era a substância favorita de ninguém, mas tinha uma vantagem: era macio. Madeleine se pôs de pé em um salto, perguntando-se quantos encantos da corte o rei Henrique ainda iria descobrir.

Ela tinha aterrissado na margem do jardim real. No alto, o palácio fervilhava, numa confusão só. Ela correu para um paiol. Abaixando-se ao virar uma esquina, quase caiu dentro de um barril grande.

Água de chuva.

Madeleine continuou seu percurso para dentro do barril, os pés primeiro. A água se turvou rapidamente e, quando ela saiu, sentia-se melhor e menos malcheirosa. Agora ouvia pessoas correndo em sua direção, atravessando a fazenda. Ela foi até a porta aberta do paiol.

Uma carroça puxada por um boi emergiu de lá, carregada com fardos de feno. O carroceiro olhava com curiosidade para o tumulto, em direção contrária a de Madeleine. Ela mergulhou dentro da carroça e se aninhou entre os fardos.

As rodas rangiam alto debaixo dela à medida que o veículo avançava. Madeleine espreitou por trás do feno. Ao longe, o sol se esforçava para despontar no horizonte, lançando sobre os campos um brilho prateado, de pré-amanhecer. Uma a uma, as janelas escuras do palácio começaram a se iluminar. Uma porta pequena em arco se abriu força e uma pessoa correu para fora, vestindo um manto preto de empregado. Madeleine semicerrou os olhos, tentando reconhecer o rosto antes de a figura se afastar correndo rumo ao estábulo de carruagens.

Hargrove. Indo na direção errada.

A carroça agora seguia mais devagar. Lá atrás, ela ouviu a voz ofegante do guarda interrogando o carroceiro. Não conseguiu ouvir as perguntas, mas escutou a resposta irritada do carroceiro:

— Que espécie de palácio é esse que vocês nem sabem onde estão suas governantas? Vá *você* correr atrás dela, meu amigo. Eu tenho meu trabalho pra fazer.

Obrigada, ela pensou, e ficou imóvel, enquanto a carroça prosseguia lentamente sabe-se lá para onde, Madeleine tinha medo de levantar a cabeça, mas acabou fazendo isso quando o veículo por fim parou.

Ela reconheceu o lugar onde estavam: o campo de justas. Alguns metros à direita, havia um grande galpão de madeira onde os cavaleiros se preparavam para os treinos. Estava silêncio agora, e lá dentro com certeza haveria outra muda de roupas secas e sem feno.

Enquanto o carroceiro começava a falar com alguém, comentando sobre o tempo, Madeleine deslizou para fora da carroça e entrou no galpão. Havia feno grudado em cada centímetro dela. Um cavalariço adormecido entreabriu os olhos, porém em seguida voltou a dormir. À luz da manhã, Madeleine viu armaduras de metal, costas de malha, almofadas, botas, elmos, roupas de baixo para armadura completa, selas, estribos, rascadeiras, arreios de todos os tipos, espadas, lanças, maças e armas cujos nomes desconhecia. Mas ela estava mais interessada nas vestimentas cotidianas, algumas das quais pareciam ser do tamanho apropriado para garotos.

Rapidamente, trocou sua roupa por uma delas, um conjunto de tecido preto que lhe coube perfeitamente. A sensação de vestir algo limpo era muito boa.

Dois cavalos malhados estavam amarrados a um tronco em uma ponta do galpão, selados e prontos para um dia de justas. Olharam preguiçosamente para Madeleine e depois voltaram a mastigar um pouco de feno.

— Estão com fome, amigos? — Era a voz do carroceiro em frente à porta. — Tem feno de alta qualidade pra vocês, e bem sequinho!

Madeleine entrou em pânico. Ninguém no reino deixaria de reconhecer uma jovem vestida com roupas de homem.

***

— Deus do céu, será que estão alimentando vocês só com grilos e camundongos? — disse o carroceiro ao entrar, deixando um fardo de feno cair de cada ombro diante dos cavalos agradecidos. Do lado de fora, os homens tagarelavam sobre a governanta desaparecida. — Você ouviu? A mocinha sumiu. Eu, da minha parte, não a culpo. O jovem senhor Winthrop é pior que uma égua teimosa, sem querer ofender. — Antes de sair, o carroceiro deu dois torrões de açúcar para cada cavalo. — É para juntar um pouco de gordura nesses ossos magros.

Madeleine assistiu a tudo pelas fendas de um elmo. Ela não tinha imaginado como um elmo e uma armadura de malhas eram pesados. E quentes. E perfeitos para um esconderijo.

Quando as vozes se distanciaram, ela já se sentia pegando fogo. Pelas fendas do elmo, viu o cavalariço se movendo. Madeleine precisaria conquistar a confiança dele. Ela ergueu uma perna e deu um passo à frente. A cota de malha tilintou alto.

— Por favor, acorde — pediu, a voz soando abafada dentro de um elmo.

Os olhos do rapaz se abriram aos poucos, e ele levantou de um salto.

— Sinto... sinto muito — exclamou. — Passei a noite toda trabalhando. Não faz muito tempo que eu peguei no sono...

Antes de Madeleine pudesse responder, uma voz profunda trovejou em frente à porta aberta.

— Bom dia, McGarrigle! Estamos prontos?

— Ahn... Quase, meu senhor — respondeu o rapaz.

Madeleine se virou. Um homem mais velho, tendo na mão um chicote curto de montaria, se abaixava para passar pela porta. Olhou para Madeleine e sorriu.

— Ora, ora! Não é sempre que um parceiro de justa chega cedo assim. Sujeito destemido, é isso? Avise-me quando estiver pronto em sua armadura de torneio, que então começaremos na mesma hora. Veja uma boa montaria para esse homem, McGarrigle!

Madeleine tremia tato que podia sentir a cota de malha tilintando.

— Montaria? — disse a McGarrigle com sua voz mais grave. — *Montaria?*

— Não será tão ruim assim — disse o rapaz, aproximando-se com uma armadura metálica pesada — desde que você esteja protegido com isto.

Madeleine levou cerca de 20 minutos para entrar na armadura, com a ajuda do rapaz. A sensação era de estar vestindo um pequeno edifício.

— E ainda esperam que eu me mexa usando isto? — ela perguntou.

— É a armadura mais leve que temos. — O rapaz, que examinava os dentes dos dois cavalos, pegou as rédeas de um deles e o puxou para mais perto. — Esta égua velha pode se segurar em pé pelo menos por alguns instantes. Boa sorte na justa com aquele velho.

— Mas... — protestou Madeleine.

— Suba nisto aqui — disse McGarrigle, empurrando-a para uma plataforma de madeira que ele ergueu girando uma manivela enorme.

Madeleine sentiu-se subir com movimentos bruscos, até seus joelhos ficarem na altura das costas do cavalo. Com uma manobra ágil, McGarrigle empurrou sua perna para fora da plataforma e a encaixou no cavalo. Com um baque, ela caiu sobre o dorso do animal, levando-o a dobrar os joelhos.

— Desculpe, mas tenho que fazer isso com todos os parceiros dele — disse McGarrigle soltando um suspiro arrependido. — Mas nunca é o mesmo sujeito duas vezes, se é que você me entende.

Madeleine sentiu o sangue fugir de seu rosto.

— Quero descer! — protestou.

McGarrigle pôs em sua mão uma lança tão pesada quanto uma árvore, quase deslocando o seu ombro.

— Depois vamos tomar um trago juntos, se sua cabeça ainda estiver no devido lugar — prometeu o rapaz.

— Espere, é um e-engano! — gaguejou Madeleine, levantando a viseira.

— Pode apostar que sim — disse o rapaz, chutando o cavalo.

O cavalo saiu galopando em direção ao sol, e a viseira fechou com um baque surdo. Madeleine se esforçou para manter ereta e não deixar a lança prender para o chão.

O campo era comprido e poeirento, ladeado por algumas fileiras de assentos vazios. Na outra ponta, seu adversário cavalgava um corcel negro de pernas brilhantes e musculosas.

— Muito bem! — ele gritou, ajeitando o elmo na cabeça. — Não é sempre que o embaixador espanhol chega cedo para uma justa. Eu imaginei que nem fosse encontrá-lo!

Embaixador espanhol?

Madeleine reconheceu a voz antes que pudesse vê-lo pelas fendas de sua viseira. Era o rei Henrique.

De armadura, ele parecia ter o tamanho de dois homens. Manejava a lança como se ela fosse um graveto. Levantou a viseira de seu elmo com um sorriso.

— Fui informado de sua... desaprovação do meu desejo de anular meu casamento. O senhor conhece minha posição e conhece meu direito como rei. Ainda assim, protesta. Talvez devamos decidir essa questão aqui no campo?

Madeleine tentou pensar em alguma coisa para dizer, mas o simples esforço de se manter ereta a ocupava por inteiro. Pelo canto do olho, viu uma carruagem elegante vindo na direção deles; provavelmente o verdadeiro embaixador.

— Interpreto seu silêncio como concordância — trovejou o rei, descendo o visor.

Seu cavalo abaixou a cabeça duas vezes, pisando no chão com força, impaciente. O vapor que soltava pelas narinas o fazia parecer mais um touro do que um cavalo.

— Preparaaaaar! — rugiu o rei Henrique, erguendo a lança.

Estou morta, pensou Madeleine.

Se o rei apenas balançasse a lança, o simples vento que ela provocaria seria suficiente para derrubar Madeleine. Ela precisava ir embora dali. Agora.

— Meia-volta, volver! — disse ela ao cavalo, cravando as botas nos flancos do animal. — Para o estábulo, por favor. Está na hora de comer um feno gostoso. *Feeeno!*

O cavalo disparou como um raio em direção a Henrique. O rei pareceu surpreso, como se ainda não estivesse preparado para o embate.

— Trapacear não é algo que aceitamos na Inglaterra — disse entre os dentes.

Ele chutou seu cavalo. O animal tomou impulso e partiu, levantando nuvens de poeira. Os olhos do rei brilhavam furiosos através da viseira. Lentamente, abaixou a lança, apontando-a para o coração de Madeleine.

Não havia tempo para pensar. Ela também ergue sua lança, que, porém, era pesada demais. Mesmo que ela conseguisse atingir o rei, o simples impulso de atirá-la a arrancaria do cavalo.

O rei Henrique estava a quarenta metros de distância... a vinte...

O ombro de Madeleine estava caindo. A ponta da lança quase encostava no chão, e seu cavalo partia direto para o rei Henrique, em vez de para o lado dele.

— Caramba, o que você está fazendo? — protestou o rei.

Lembre-se: o mais inteligente sempre derrota o mais forte.

As palavras de Olivia foram como um toque de corneta. Madeleine descerrou os dentes e soltou um grito.

A ponta de sua lança penetrou no solo e a arma se dobrou como um C tensionado. Ela sentiu o corpo se erguer para fora da sela. Apoiou-se nas botas, soltando-as dos estribos e libertando-se do cavalo.

O peso da armadura quase partiu a lança, mas, em vez disso, Madeleine foi projetada para o alto.

Um grito sanguinário se ouviu abaixo dela e Madeleine sentiu o vento provocado pela lança do rei Henrique quando ela passou sob seus pés e sobre a sela de seu cavalo. Sua própria lança zuniu ao tocar de raspão o flanco do corcel real. Madeleine segurou firme. A lança se retraiu e endireitou, mantendo-a suspensa no ar por um instante.

O cavalo hesitou abaixo dela, confuso, e em seguida começou a ganhar velocidade. Olhando para a sela, Madeleine usou a lança para dar um impulso e depois a soltou. Despencou em queda livre, esperando ter calculado corretamente o tempo de sua trajetória e que as leis da física que aprendera com Xenophilus, ângulos, vetores e velocidade, pudessem salvar sua vida.

Ela pousou nas costas do cavalo com um baque forte. Ele soltou um relincho abafado, suas pernas quase falharam, mas o medo foi maior e o animal acelerou mais.

— Em nome de... *Volte aqui, seu covarde!* — urrou o rei Henrique às costas de Madeleine.

O cavalo galopava rumo ao portão de pedra do palácio. Com pouco mais de um metro de espessura, o portão tinha sido aberto para permitir a passagem de uma enfeitada carruagem preta e dourada. Agora o portão se levantava, e os guardas olharam Madeleine consternados.

— O que diabos você está fazendo? — gritou um deles, correndo em direção a ela. — Você vai se matar!

O cavalo já estava espumando e relinchou novamente, aumentando a velocidade. O guarda pulou para o lado no último instante.

Com os olhos fixos na carruagem que se afastava, Madeleine segurou firme, e o cavalo passo pela brecha.

***

— Ali, pai! É aquela árvore — disse Winthrop, apontando pela janela da carruagem real.

— Você tem certeza, filho? — perguntou o pai. — Ela se parece com todas as outras árvores da floresta.

— É o olho do nó na madeira, ele está no lugar certo. E os dois galhos como os braços de uma dançarina! — Winthrop mal esperou a carruagem parar antes de saltar.

Luke Cahill agarrou uma tocha, enquanto seu filho corria para o nó da árvore. Embora já houvesse amanhecido, a copa densa das árvores escurecia a floresta. Luke tinha dado instruções inequívocas. Deveriam colocar as mãos juntos no buraco. Ele não podia correr o risco de os dedos desajeitados de um garoto de 11 anos destruírem alguma coisa frágil. Se a moça tivesse escondido algo importante... Talvez a lista completa dos ingredientes de seu pai...

Ou seria dos pais *deles?* O pai dele e da garota? A noite toda ele tinha visto o rosto de Madeleine em sonhos, as feições dela transformando-se nas de Olivia e depois nas de Gideon. O jeito dela era muito semelhante ao de Jane, e sua voz era quase idêntica à de Katherine. E se ela fosse mesmo sua irmã? Como ele poderia permitir que morresse?

— Venha, pai.

A voz do filho chamou Luke de volta à realidade. Sua única família *de verdade.*

Seu tolo sentimental, ele se repreendeu enquanto caminhava até a árvore. *Não se deixe influenciar por um rosto. O mundo é cheio de armadilhas.*

Winthrop o esperava ao lado da árvore, com as mão apertadas juntas, dançando de ansiedade ora em um pé, ora em outro.

— Posso olhar? Posso ao menos olhar?

Luke acendeu a tocha. Ignorando o pedido de Winthrop, passou à frente dele e olhou no interior do nó da árvore. Ajustou a tocha, mas mesmo com a luz forte só conseguiu divisar uma massa cinzenta no fundo. Pôs a mão no buraco com cuidado, torcendo para que não fosse um animal morto. Ou então vivo e com dentes afiados, o que seria ainda pior.

Seus dedos se fecharam em torno de uma massa mole, informe. Luke agarrou a coisa do buraco, tirou-a de lá e a espalhou no solo. Calças cinzentas. Uma camisa cinzenta. Meias cinzentas enfiadas em sapatos grosseiros de couro preto. Uma máscara de lã cinzenta. Decepcionado, procurou de novo dentro do buraco, mas não encontrou mais que lascas de madeira, bolotas de carvalho e algumas formigas agitadas.

— Eram as roupas dela! — disse Winthrop. — Era o que ela estava vestindo quando roubou na feira.

Luke reviu mentalmente o traçado da feira. Frutas, legumes e carnes na parte sul, e sapateiros, vendedores de miudezas e comerciantes de roupas na extremidade norte.

— Ela roubou uma muda de roupas... — ele refletiu. — Precisava de algo apresentável para a entrevista. Trocou-se aqui.

Winthrop deu uma risadinha.

— Ela tirou toda a roupa ao ar livre?

— Ela estava apenas escondendo roupas, nada mais! — disse Luke, chutando as peças, frustrado.

— Então você pode soltá-la, pai? — pediu Winthrop. — Ela realmente é adorável. E... você já pensou em se casar de novo? O rei gosta de fazer isso, sabe...

Basta. Luke lançou um olhar de cólera para Winthrop, que se encolheu.

Atrás dele, ouviu-se o tropel forte de cavalos que avançavam velozes. Luke olhou para cima e viu árvores se mexendo perto de um ponto cego atrás de seu filho.

— *Winthrop!* — gritou, puxando-o para fora da estrada com uma mão.

Enquanto ambos se abaixavam, uma parelha de cavalos colossais passou como um trovão. Com seu corpo, Luke protegeu o filho da chuva de terra e galhos que desabou sobre eles. Ouviu seu cocheiro gritando alarmado e, em seguida, o relinchar de cavalos assustados e o crepitar de madeira se partindo.

Tudo terminou muito rápido, mas ainda a tempo de Luke ver a carruagem que já se afastava.

Suas cores eram o preto e o roxo-escuro, e nela havia um V dourado pintado na lateral, como um raio. Através da janela traseira ovalada, Luke viu uma cabeleira negra e farta com uma mecha prateada.

Vesper.

Luke sentiu o sangue ferver. Dezenove anos tinham servido apenas para aguçar ainda mais sua revolta pelo assassinato de seu pai.

— O que foi isso? — indagou Winthrop.

A carruagem de Luke estava do outro lado da estrada, despedaçada. Os cavalos haviam fugido e o cocheiro andava ao léu, em estado de choque.

— É o homem que me fez quem eu sou — disse Luke cerrando os dentes. Agarrou o filho pela nuca. — Siga-me!

***

Damien Vesper odiava o campo. Ar fresco em excesso deixava as pessoas alegres. E a alegria as transformava em idiotas.

O cheiro do medo acalmava sua alma. E, naquele instante, ele lhe chegava com força do assento à sua frente.

— Creio que... aquela carruagem era de lorde Cahill — disse o criado Hargrove.

Vesper nunca tinha visto um homem transpirar anto. Era até indecoroso, tratando-se de um adulto.

— O *falecido* lorde Cahill, imagino — comentou Vesper. — Lamentavelmente, os cocheiros dos dias de hoje são muito imprudentes! Vou trocar algumas palavras com o meu.

Ele sorriu com cordialidade, porém Hargrove continuou com uma expressão petrificada no rosto. Que coisa mais entediante. Anos atrás, era possível trocar ideias de fato com os serviçais, que não se limitavam a ficar sentados, estáticos, esperando serem entretidos.

Melhor assim, pensou Vesper. *Esse aí já deixou de me ser útil.*

— Você fez um bom trabalho, Hargrove — disse Vesper, estendendo a mão. — Fez o treinamento em pouco tempo e mostrou um poder de observação fora do comum. Conseguiu reconhecer o anel. Estou impressionado. Agora me entregue.

— Claro, meu senhor, mas me foram prometidas 500 libras adiantadas.

O suor pingava do nariz de Hargrove, o que pareceu a Vesper uma falta de consideração. Especialmente em se tratando de alguém que esperava obter uma remuneração.

— Eu disse que daria *mais* 500 libras — retrucou Vesper. — Valor a ser pago no recebimento do anel.

— Eu... eu vi a inscrição no anel — deixou escapar Hargrove. — E, por mais algumas libras, posso lhe dizer o que penso que significa...

— *Inscrição?*

Aquilo estava ficando interessante. Nos últimos anos, Vesper tinha ouvido falar de um anel secreto, contudo nunca o associara a Gideon Cahill.

Ele levara quase duas décadas para encontrar Olivia. Pretendera arrancar dela os segredos do soro de Gideon, mas fracassara novamente. Que satisfação descobrir que havia uma filha. Quando ele a viu escondida no funeral, tudo se encaixara.

Ele a viu mexendo em um anel. E a lembrança de Vesper voltou-se para o pai dela e para sua última conversa com Olivia. Na época, Vesper pensava que ela era apenas uma viúva que lamentava a morte do marido, e não mais uma astuciosa Cahill.

Agora ele sabia a verdade.

— Que inscrição você viu? — perguntou, pressionando Hargrove.

Seguir Madeleine, subornar o criado, tudo isso havia sido brincadeira de criança. Ele não tinha paciência para a atitude obstinada de seu lacaio.

— Para que eu mostre o anel — disse Hargrove, engolindo em seco — preciso de sua palavra...

Vesper ouviu um zunido baixinho. Hargrove pôs a mão no pescoço e caiu em silêncio, de boca aberta.

— Não brinque comigo, homem! — exclamou Vesper.

Porém, ao se ajoelhar ao lado de Hargrove, ouviu outro zunido e depois mais outro. Esticou-se todo no chão e deu um tapa forte no rosto do criado. Só então percebeu o pequeno dardo cravado no pescoço dele.

Bandidos. Vesper pegou uma arma de fogo, um bacamarte comprido que estava colocado sob o assento da carruagem.

— Corra! — gritou para o cocheiro. — Mais rápido!

O cocheiro chicoteou os cavalos, que saíram a galope pela floresta, fazendo a carruagem sacolejar. Vesper deixou a parte traseira do veículo e ia saltando para perto do cocheiro, quando duas mãos o agarraram por trás.

Ele girou o corpo, deu uma cotovelada no pescoço de seu agressor e ergueu o bacamarte, descendo-o com um grunhido sobre ele. O agressor tentou se desviar do cabo da arma, mas o bacamarte o acertou no ombro. Vesper podia vê-lo agora: esguio, trajado de preto, uma máscara cobrindo a maior parte do rosto.

Vesper ergueu o pé e chutou o assaltante.

Com um grito, a figura de preto caiu ao lado da carruagem. A mão enluvada se agarrou à grade do veículo e seu corpo lutou para manter os pés longe do chão, que corria embaixo dele em alta velocidade.

Vesper prendeu a respiração. Sorrindo, beliscou o dedo mínimo da mão enluvada, soltando-o da grade.

— Este porquinho foi à feira...

Em seguida, despregou o dedo anelar, e o agressor desceu um pouco mais. Os pés do assaltante estavam raspando nas raízes e nos sulcos da estrada. Ele soltou um grito estranho, agudo, quase uma voz de mulher.

A carruagem sacolejou com violência mais uma vez. Vesper caiu para trás e sentiu a base de suas costas bater na junção da carroceria da carruagem. A dor o fez cerrar os dentes.

A diversão tinha acabado.

Levantou o bacamarte e o apontou para a cabeça do assaltante, que ia deslizando mais e mais pela lateral da carruagem. Vesper soltou a trava e colocou o dedo no gatilho.

Um estrondo ensurdecedor explodiu no ar. Vesper sentiu o coice da arma, o cheiro de pólvora. Ele se levantou e em seguida caiu outra vez, com força. Mas seu tiro tinha errado o alvo. A carruagem ziguezagueava, com as rodas oscilando e se inclinando para dentro.

— O eixo! — gritou o cocheiro. — Está se partindo!

Vesper vislumbrou os dedos do agressor na borda da carruagem, lutando para se segurar. O bandido tinha uma força e uma agilidade desconcertantes.

Esqueça-o, ele não vai conseguir se segurar por muito mais tempo, Vesper censurou a si mesmo. Ele viu Hargrove de relance. Precisava arrancar o anel daquele tolo e então saltar da carruagem antes que ela se despedaçasse. Mergulhou na cabine e se pôs a vasculhar os bolsos do criado ainda desmaiado. *Onde ele tinha escondido o anel?*

Ali. No cinturão de dinheiro! Vesper o abriu à força e retirou o prêmio dourado.

Com um sorriso triunfal e selvagem, sentou-se, erguendo o anel. Havia luz suficiente para que ele visse a sequência de símbolos minúsculos.

Segurando o anel com força, arrastou-se para a parte dianteira da carruagem, sem no entanto conseguir se manter firme. As rodas estavam inclinadas, e o fundo do veículo raspava no chão. Em breve o eixo iria se partir em dois. O assento do cocheiro já estava vazio. *Prova de que a lealdade não existia.*

Vesper se preparava para saltar quando sentiu um movimento abaixo dele. Tentou ver o que era, mas seus pés decolaram na superfície. Ele estava voando.

Sua visão foi inteiramente preenchida pelo tronco de um carvalho grosso, que se aproximava rapidamente. Vesper pôs os braços em torno do corpo, para se proteger, e gritou.

A última coisa que viu antes do impacto foi uma grande sombra negra.

***

— Socorro! — gritou Winthrop.

Tinha começado a chover. Ele estava com medo. Por que seu pai havia saído correndo, sem esperá-lo? Estava escuro e fazia frio.

Ali, logo adiante. Ele podia ver Luke envolto em sua capa, agachado.

Naquele instante, Winthrop se alegrou com a chuva. Talvez ela o ajudasse a disfarçar as lágrimas. O pai não gostava quando ele chorava.

Ao chegar mais perto, diminuiu o passo. A carruagem – aquela que quase os tinha matado – estava espalhada pela floresta, em pedaços. Era como se seu pai a tivesse desmontado sozinho.

— Pai? — sussurrou Winthrop.

Ele se aproximou um pouco mais, o coração batendo forte, como o de um coelhinho assustado. Seu pai permanecia em silêncio, de costas para Winthrop. Ao longe, viu dois homens amarados a um carvalho antigo. Ele reconheceu o velho Hargrove, e o segundo homem trajava um uniforme de cocheiro. Parecia ter havido um terceiro prisioneiro, mas ele conseguira escapar, deixando um amontoado de cordas ao lado da árvore.

— Eles estão... vivos? — indagou Winthrop, pondo uma mão no ombro do pai.

Mas os olhos de Luke Cahill continuavam fixos no chão à frente deles. O solo tinha sido alisado. Inscrita na terra, com letras bem definidas, havia uma mensagem que fez o sangue de Winthrop gelar:

Cuidado com os madrigal

Grace Cahill, 1942

por Gordon Korman

1942. A maior parte do mundo estava em guerra. Em cada canto do planeta, pessoas combatiam e morriam por uma causa ou outra.

E o que Grace Cahill estava fazendo nesse momento crítico da história de seu planeta?

Trocando fraldas.

Fraldas, não. Cueiros, ela se corrigiu, prendendo um grande alfinete em cada quadril pequeno do bebê. Ali na Europa as pessoas usavam termos diferentes.

O bebê Fiske arrotou e tentou se soltar. Grace o segurava com mão firme. O gramado da mansão da família em Monte Carlo era tão íngreme em alguns trechos que uma criancinha solta poderia rolar morro abaixo e cair nas águas cintilantes do mar Mediterrâneo.

Às vezes ela o chamava de *kamikaze*, lembrando-se dos pilotos malucos da outra guerra, a do Pacífico. Fiske parecia estar sempre à procura de um grande perigo no qual mergulhar. O pestinha já estava andando, e era quase impossível mantê-lo em segurança. Ele tinha 1 ano. Grace mal conseguia acreditar que tanto tempo tinha se passado desde que...

Ela já tinha prática em segurar as lágrimas. O estômago, porém, era mais difícil de controlar. Grace reconhecia a sensação por causa das aulas de voo: a de entrar numa área de instabilidade e despencar 150 metros em questão de segundos. Ela sentia isso em solo firme cada vez que pensava na mãe.

— O senhor tem um filho saudável — informou o médico a James Cahill — mas sua mulher...

Ele disse mais alguma coisa, que Grace e sua irmã mais velha Beatrice, não puderam ouvir. No entanto, a respiração arfante e torturada do pai preencheu as lacunas.

James não derramou uma única lágrima pela morte da mulher, contudo nunca mais foi o mesmo. Sua reação à perda da esposa parecia mais a de alguém que tinha corrido uma maratona – hiperventilação e suores que o deixavam encharcado – que a de alguém em luto.

Não que as meninas Cahill tivessem muita oportunidade de entender melhor as emoções do pai. O tempo que ele passara em Monte Carlo desde o funeral podia ser medido em dias, talvez apenas horas. James Cahill tinha ficado tão devastado com a morte da mulher que mal olhava para o filho recém-nascido. E tinha começado a viajar, como se quisesse fugir da tristeza. A família não recebia notícias dele havia meses, exceto por um ou outro cartão-postal enviado de lugares exóticos: Rio de Janeiro, Terra de Baffin, Ulan Bator.

O bebê Fiske arrancou um arco de *croquet* do chão, e Grace mal conseguiu desprendê-lo das mãos dele para evitar que enfiasse as pontas nos olhos. Como era possível amar tão profundamente uma criança que era responsável por todo o sofrimento da sua vida? O nascimento de Fiske roubara de Grace sua mãe. E estava roubando o pai também. A imagem de James Cahill saindo pela porta ficara gravada para sempre em sua mente. Ele tinha dito que ia viajar a negócios "por alguns dias", mas sua enorme pilha de bagagem, para a qual foi necessária chamar um segundo táxi a fim de acompanhá-lo até a pista de decolagem, revelara a mentira. Ela ainda sentia o abraço que o pai tinha lhe dado ao se despedir. Ele parecia um afogado se agarrando a uma boia salva-vidas. Beatrice notara a mesma coisa.

E então ele se foi, sem nem mesmo olhar para a cestinha de vime em que o bebê estava.

Fiske esticou os braços para alcançar o arco de *croquet* e berrou, frustrado, quando Grace o segurou longe de seu alcance. Ela pegou o irmão nos braços e o carregou, enquanto ele chutava e berrava, para dentro da casa. Algum dia, pensou, ele seria um homem de grande contribuição para a sociedade. Assim como algum dia aquela guerra iria acabar e algum dia seu pai voltaria para casa. Sua vida tinha se tornado exatamente isso: um excesso de *algum dia* e uma carência de *hoje.*

— Como é que você consegue cuidar desse monstrinho? — perguntou uma voz sarcástica atrás dela.

Grace se virou. Ela não tinha visto Beatrice ao lado da porta.

— Alguém tem que cuidar — respondeu. — Giselle se recusa. Só mesmo papai para nos deixar uma governanta tão inútil.

— Como ousa falar de papai desse jeito? — Beatrice estava enfurecida. — Você acha que ele ia continuar a vida dele como se nada tivesse acontecido? Ele perdeu a esposa.

— E nós a mãe — observou Grace.

Beatrice apontou um dedo acusador para o irmão.

— Por causa *dele!*

Grace abraçou Fiske, protegendo-o das palavras ásperas da irmã. Beatrice estava culpando um bebê pelo que tinha acontecido com a mãe deles? Ou a filha mais velha estava tão infeliz que não podia deixar de fazer todo mundo infeliz também? Grace e Beatrice nunca haviam sido íntimas, e o abismo entre as duas só tinha aumentado desde a morte de Edith Cahill.

Será que Beatrice não percebia que Grace também estava sofrendo? Que Grace teria feito qualquer coisa para reverter os acontecimentos do último ano, para trazer a mãe delas de volta, desfazer o sofrimento que dilacerava a família e que já tinha levado o pai a se afastar? A única coisa que ela não queria mudar era Fiske. Como Beatrice podia não amar aquele pacotinho de risadas e travessuras? Sem mãe, e basicamente também sem pai. James Cahill não havia nem se dado ao trabalho de escolher um nome para seu único menino. Tinha encarregado Beatrice disso. *Fiske.* Um nome tão incomum... A vingança secreta de Beatrice contra o irmão, condenando-o a uma infância de piadinhas e insultos.

Grace afagou os cabelos loiros e finos do garotinho. Aquele pequeno desordeiro era a única coisa boa que lhes havia acontecido em muito tempo.

Fiske retribuiu o sentimento de Grace com um chute na barriga dela que a deixou cambaleante. Quando a irmã o pôs no chão, os pés dele já se agitavam rápido, como pistões. Equilibrando-se com dificuldade, Fiske saiu correndo pela porta em direção a seu arco de *croquet* e sabia-se lá a que outros perigos.

Lançando um olhar de desculpas a irmã, Grace foi atrás dele.

***

Ultimamente o sono não chegava com facilidade para Grace. O problema tinha começado com o bombardeio do outro lado da fronteira, na França. Eles estavam em segurança: Mônaco

ainda se mantinha neutro, e mesmo a França se acalmara sob a ocupação alemã. Mas Grace não conseguia dormir.

De camisola, contemplou pela janela o Mediterrâneo escuro. Do quarto ao lado, vinha o som do ronco de Fiske, como uma serra elétrica. Outra qualidade dele que deixava Beatrice nada enternecida: adenóides aumentadas.

Grace franziu o cenho. Havia um segundo ruído, diferente do barulho feito por seu irmão. Um ronco baixo.

Um motor de popa? Ela se lembrava dos tempos em que dia e noite havia embarcações de passeio no mar. Agora era perigoso demais, com a França sob controle alemão e a Itália a cerca de 15 quilômetros dali.

Quando tentou enxergar na escuridão, conseguiu divisar um barco pequeno a algumas centenas de metros da praia, quase e frente à mansão deles. Uma luz fraca e bruxuleante vinha da casa do leme.

Será que as luzes deles não estão funcionando?, Grace se perguntou. *E agora estão perdidos no escuro?*

Desviar-se do curso em tempos de guerra poderia ser fatal.

Então ela reconheceu o padrão de sinais de luz curtos e longos. Seus olhos se arregalaram. Aquilo não vinha de uma lâmpada fraca; era algo que ela tinha aprendido com seu pai alguns verões antes.

Código Morse.

Grace levou um instante para decifrar a saraivada inicial de pontos e traços.

JC

James Cahill! A mensagem era para seu pai! Ela foi correndo buscar lápis e papel e converteu os pontos e traços em linguagem, transcrevendo a mensagem com perícia. Ela só tinha 7 ou 8 anos quando o pai lhe ensinara o código, mas não perdeu uma única letra. Beatrice recebia elogios e notas altas do professor particular delas, porém Grace era a irmã cuja mente ágil e rápida era capaz de um brilho ocasional. Não se tratava de arrogância, mas da simples verdade.

V SABEM A VERDADESOBRE O BULL’S EYE... VÁ PARA CASA BRANCA AM... ENCONTRE GSP...

Uma pausa. Seria só isso?

O código Morse foi retomado:

TOCHA É MAIS QUE PARECE...

Grace olhou atentamente para o mar, esperando pelo resto, com a respiração suspensa. Mais sinais de luz vieram, e sua mão entrou em ação outra vez. Mas não, era apenas a mensagem sendo repetida.

Finalmente o motor voltou a ganhar força e a pequena embarcação começou a se afastar.

Volte!, ela quis gritar. *O que isso significa?*

Uma última mensagem em código:

PROTEJA O ANEL A QUALQUER CUSTO

— Que anel? — perguntou Grace em voz alta.

Entretanto o barco já havia sumido.

Grace não tinha ideia do que tudo aquilo significava, mas uma coisa era certa: as pessoas daquele barco acreditavam estar se comunicando com James Cahill.

Grace não tinha chegado à madura idade de 13 anos sem perceber que havia algo de especial na família. Seus pais tinham contado a ela e a Beatrice sobre o como os Cahill vinham moldando a história há séculos. Algumas das pessoas mais famosas de todos os tempos eram parentes deles: Shakespeare, Mozart, Abraham Lincoln, e até mesmo o jogador de beisebol Babe Ruth. Seus pais tinham trocado palavras secretas aos cochichos: *Lucian, Janus, Tomas, Ekaterina,* e uma que parecia especialmente misteriosa, *Madrigal.* Havia também um número que reaparecia: 39. Tinha sido o número do pai delas como jogador de futebol americano em Harvard, mas Grace desconfiava que seu significado fosse muito, muito maior.

Ela não conhecia detalhes dos negócios dos Cahill; sabia apenas que James e Edith estiveram envolvidos naquilo até o pescoço. Mas Grace suspeitava que, quando sua mãe morreu, James abandonara, além dos filhos, suas responsabilidades como Cahill. As pessoas daquele barco haviam tentado se comunicar com um representante que tinha deixado o posto. Mais um papel que não estava sendo cumprido.

Grace olhou fixamente as palavras enigmáticas transcritas no bloco. Para ela, a mensagem fazia tanto sentido quanto os balbucios de Fiske. V seria a inicial de alguém? Não, porque nesse caso seria V SABE. Mas a mensagem dizia V SABEM. Então V devia ser a respeito de um grupo de pessoas. Mas quem?

BULL’S EYE: a expressão em inglês significava “o centro do alvo”. Seria isso? Numa guerra, podia significar quase qualquer coisa. VÁ PARA A CASA BRANCA. Com toda certeza não era a Casa Branca em que vivia o presidente dos Estados Unidos. Certo?

AM seria a abreviatura de “antimeridiano”, antes do meio-dia? Ou seriam iniciais? E GSP? Seriam pessoas ou coisas? TOCHA e ANEL a deixavam mais confusa, pois eram duas palavras aleatórias.

Grace abriu a porta de seu quarto e saiu para o corredor. Beatrice saberia o que fazer. Era dois anos mais velha, e os pais a vinham preparando para uma atuação importante na família Cahill. Grace só havia sido incluída quando ficou claro que a irmã não tinha estômago para fazer as aulas de pilotagem de avião.

Beatrice sempre soube mais sobre as viagens repentinas que os pais faziam para cuidar dos assuntos urgentes dos Cahill. Talvez ela pudesse decifrar a estranha mensagem.

— Bea? — Grace olhou dentro do quarto da irmã. — Você está dormindo?

— *Estava* — foi a resposta.

Ninguém sabia expressar aborrecimento tão bem quanto Beatrice Cahill. Prática era o que não lhe faltava: tudo a irritava.

— Preciso lhe mostrar uma coisa — Grace então contou à irmã sobre o barco que viera, transmitira sua mensagem com sinais de luz e sumira de repente. — Veja. Vou acender a luz.

Piscando os olhos incomodada, Beatrice se sentou na cama e examinou o papel que Grace lhe estendeu.

— Isto é pura besteira.

— Besteira não vem escrita em código Morse — insistiu Grace. — A mensagem era para o papai.

— Qualquer pessoa que tivesse uma mensagem para papai deveria saber que ele não mora aqui há mais de um ano — retrucou Beatrice.

— Não se for uma coisa dos Cahill — discordou Grace. — A família está espalhada pelo mundo. Papai pode ter mantido contato aqui com as pessoas de outro jeito. Você entende mais do que eu sobre os negócios do Cahill.

— Entendo o suficiente para ficar fora disso — respondeu Beatrice, azeda. — Essa gente não tem nada que me interesse.

— Talvez esta mensagem esteja ligada à guerra! E se o papai e seus contatos pudessem ajudar a por um fim nela?

Nada poderia ser mais prioritário que isso. Milhões de pessoas já haviam morrido, e o conflito só poderia estar se alastrando.

— Seja o que for que você pensa que sabe sobre os Cahiil, deixe eu lhe explicar uma coisa: nossa família já desperdiçou séculos em jogos tolos, apunhalando uns aos outros pelas costas e enxergando significados de todo tipo em coisas sem significado. Se aparecer mais uma mensagem em código para o papai, acho que eu vou gritar.

Grace ficou alerta, como um cão de caça.

— Houve outras mensagens?

Beatrice deu de ombros com ar zombeteiro.

— Eu não desperdiço meu tempo tentando decifrar cada raio de luar.

— Mas, Beatrice — suplicou Grace — foi você que mamãe e papai escolheram para compartilhar os segredos da família. Você não quer isso?

— O que eu quero — respondeu Beatrice com firmeza — é ser uma pessoa normal, como qualquer outra. O mundo dos Cahill não é normal. Pretendo ignorar tudo o que venha dele. E, se quer meu conselho, siga o meu exemplo. — Ela lançou um olhar intenso para a irmã. — Agora vá dormir!

Grace observou os olhos de Beatrice. Havia outra emoção ali, escondida atrás de sua expressão eternamente azeda.

Medo.

Tanto quanto Grace, Beatrice não sabia decifrar a mensagem. Mas uma coisa ela entendia muito bem: altas apostas significavam altos riscos. Ela não queria participar do mundo dos Cahill porque morria de medo daquilo.

Grace se afastou, mais decepcionada que zangada. Como sempre, não havia jeito de conversar com Beatrice, que era irredutível quando tomava uma decisão.

Grace olhou para a casa suntuosamente mobiliada. A mansão deles em Monte Carlo era ampla e luxuosa, com vastas fileiras de janelas que, durante o dia, apresentavam vistas de tirar o fôlego tanto do mar como das montanhas. Tinha custado milhões, e era apenas uma das cinco residências semelhantes que James Cahill possuía espalhada pelo mundo. Toda aquela riqueza já bastaria para revelar alguma coisa do poder que sua família detinha, mas o dinheiro era só uma parte da história. A casa grandiosa era repleta de obras de arte e artefatos que os pais de Grace adquiriram em suas prolongadas viagens. Os objetos vinham de todos os continentes, de cada canto remoto do mapa. Talvez Beatrice pudesse ignorar todas aquelas provas da função especial dos Cahill desempenhavam na história da humanidade, mas Grace não. O mundo estava um caos. James Cahill tinha dado o fora e sua filha mais velha optara por fazer o mesmo.

A responsabilidade tinha que recair sobre Grace.

Eu mesma preciso fazer isso.

Seus olhos percorreram o papel, e sua determinação se misturou com intranquilidade. Estar disposta a fazer uma coisa não era o mesmo que saber o que precisava ser feito.

Grace enrijeceu o maxilar. A morte de sua mãe, o desaparecimento de seu pai, essas eram coisas que fugiam de seu controle. Seu núcleo familiar estava se desfazendo, mais isto, ou seja, o envolvimento de seus pais com o clã Cahill, ainda poderia ser salvo.

Se ela conseguisse decifrar a mensagem.

A pergunta era: como?

***

Madame Fourchette estava furiosa.

— O que eu vou dizer a seu pai quando você crescer ignorante, sua menina tola? — disse a professora particular com voz estridente. — Por que você não pode ser como a sua irmã?

— Impossível — respondeu Grace em tom suave. — Beatrice é uma pessoa sem igual.

— Beatrice fez a lição de casa. Mas você não escreveu uma palavra se quer! Quero saber por quê.

Havia um porquê, mas Grace não pretendia compartilhá-lo com *madame*. Na última semana, cada momento de seus dias e até mesmo de seus inquietos sonhos tinha sido dedicado à tentativa de decifrar à mensagem enviada da embarcação misteriosa. Grace tinha vasculhado a extensa biblioteca da mansão. Chegou a pedir permissão para entrar na biblioteca maior do

Palácio do Príncipe, na residência da família real, os Grimaldi. E, pelo o que pôde descobrir, não havia absolutamente nada vinculando os V a algum centro de alvo, Casa Branca, a.m, tocha e anel. Quanto a GSP, essa era a parte mais confusa da história. Ela não podia acreditar que estivessem mandando seu pai encontrar a Georgia State Patrol, ou seja, a Patrulha Estadual da Geórgia, ou então um Grupo Soviético Premiado, ou um Grande Símio Peludo.

— Como eu desconfiava, você não tem nenhuma explicação para dar — disse *madame* Fourchette em tom ríspido. — Já que você parece incapaz de fazer a redação que pedida, vai escrever quinhentas vezes "Devo fazer a lição de casa". Agora mesmo, *s'il vous plaît*.

Grace sentiu uma dor de cabeça começando a aparecer atrás de seus olhos. Só de pensar em toda aquela escrita inútil, quando havia tanto trabalho importante a ser feito, ela ficava furiosa. E deprimida também.

Enquanto descia a escadaria principal, ouviu o som de vidro quebrando vindo do hall de entrada. Deveria ser Fiske, sem dúvida, destruindo mais uma valiosa e inestimável obra de arte. Onde estava Giselle? A resposta veio do rádio na sala de estar, que tocava música da BBC de Londres. A governanta gostava muito mais de ouvir a programação inglesa que de tentar controlar um demolidor de 1 ano de idade.

Grace se sentou à mesa e rapidamente escreveu três linhas. Maravilha. Só faltavam 497. Estava prestes a começar a linha quatro quando a música parou de repente.

— Interrompemos este programa para transmitir a noticia de que a invasão aliada do norte da África começou. Na manhã de ontem, tropas britânicas e americanas desembarcaram em Argel, Oran e Casablanca, em um ataque em três frentes conhecido como operação Tocha. A força de Casablanca, sob o comando do general americano George S. Patton...

O boletim prosseguiu, mas Grace já tinha ouvido o suficiente.

George S. Patton. GSP!

Operação Tocha. E Casablanca, ou seja, casa branca em espanhol! A mensagem em código Morse não mencionava a Casa Branca de Washigton, nada disso! James Cahill tinha sido instruído a procurar o general Patton, que estava no comando da operação Tocha!

Era bizarro, mas, do ponto de vista dos Cahill, fazia todo sentido do mundo. Se Benjamim Franklin, Napoleão e a família real russa podiam ser Cahill, por que não George Patton? E com certeza o general seria capaz de decifrar o resto da mensagem: os V, o centro do alvo e o anel.

O coração de Grace batia forte com emoção da descoberta, mas em pouco tempo esse sentimento se transformou em desespero. Seu pai estava fora de alcance. Até ela conseguir transmitir a mensagem a ele, a Operação Tocha já teria entrado para os livros de história. Será que ela mesma deveria procurar o general Patton? Mas Como? Talvez pela embaixada americana?

Ah, sim, claro. As Forças Armadas americanas iam suspender uma invasão e ligar para um general só porque uma garota de 13 anos estava pedindo.

Esse dilema quase a rasgava ao meio. Agora que não havia mais dúvida de que a mensagem em código Morse tinha ligação com a operação Tocha, quem poderia saber até que ponto era vital a missão que James Cahill devia assumir? Se os Cahill eram mesmo tão poderosos quanto Grace tinha ouvido dizer, ela poderia mudar o rumo da guerra inteira! E milhões de pessoas seriam poupadas do tipo de sofrimento que a família de Grace tinha conhecido.

O mundo precisava do pai dela, e ele tinha sumido.

Grace parou, com expressão carrancuda. Não era bem assim. O mundo precisa de um Cahill, e o pai dela não era o único. Grace também era uma Cahill.

Mas o que é que eu estou pensando? Não sou a responsável pela salvação do planeta! Só tenho 13 anos! Nem sair *de casa sem autorização eu posso!*

Casablanca ficava do outro lado do Mediterrâneo, a centenas de quilômetros dali. Era difícil ir para lá mesmo nas melhores circunstâncias. Neste momento o lugar estava sendo atacado. Ela nunca conseguiria chegar. E, mesmo que conseguisse, provavelmente seria morta.

O sentimento que dominou Grace naquele instante a fez largar a caneta sobre a mesa de mogno, ficar em pé e endireitar os ombros. Era a sensação profunda de que, contrariando toda e qualquer lógica, ela deveria participar daquela luta. Seu lugar era lá, fossem quais fossem as consequências.

Ela não tinha como saber disto, mas membros de sua família vinham respondendo a esse mesmo chamado havia quase 450 anos.

***

De Mônaco a Casablanca.

Por terra, era uma viagem de mais de 1700 quilômetros atravessando fronteiras militarizadas e países em conflito. E ela ainda teria que transpor o estreito de Gibraltar para chegar à África.

Uma viagem de navio seria mais direta, mas o Mediterrâneo era perigoso em tempos de guerra. Além do mais, embarcações eram lentas. Quando ela chegasse a Casablanca, o general Patton já poderia ter ido embora. E a oportunidade, fosse qual fosse, estaria perdida.

Um avião, então. Talvez, quem sabe, ela pudesse fretar um avião para levá-la até o norte da África sem atrair a atenção de todas as potências em guerra.

A fisionomia de Grace se anuviou. Se as potências em guerra não iam gostar disso, Beatrice ia gostar ainda menos, sem falar em Giselle e *madame* Fourchette. E, quando a notícia do sumiço de Grace chegasse ao seu pai, onde quer que estivesse, ele ia ter um ataque... Se é que James Cahill ainda se lembrava da família que tinha deixado em Monte Carlo.

Não havia outro jeito. Os Cahill vinham mudando o mundo havia séculos. E nunca antes o mundo precisara tanto ser mudado.

A mala de Grace estava aberta em cima da cama, vazia exceto por um objeto: seu passaporte. O futuro para o qual ela dirigia era tão imprevisível que ela não conseguia pensar em uma única coisa que ela precisasse levar na bagagem. Roupas? Onde ela encontraria um lugar para se trocar? Escova de dentes? Será que havia água corrente num campo de batalha? Grace acabou pondo o passaporte no bolso e a mala de volta no guarda-roupa. A única coisa que lhe parecia mais ou menos certa era que ela teria que correr para salvar sua vida. Carregar bagagem só a retardaria.

Dinheiro, sim, era necessário. Dinheiro vivo servia para abrir portas, subornar pessoas, fretar aviões. Havia dinheiro de sobra no cofre do pai, mas apenas James Cahill sabia o segredo. Não tinha sido por falta de tentativa. Muitas vezes Grace vasculhara a casa em busca de indícios

desses números. Não que ela pretendesse roubar o pai; apenas tinha a sensação de que algum dia o cofre poderia lhe ser útil. E ela estava certa, refletiu, tristonha.

Entrou no escritório do pai na ponta dos pés. Podia ouvir Fiske na cozinha, pedindo um biscoito em inglês e Giselle discutindo com ele em francês. Grace sorriu, apesar de tudo. Como se um bebê fosse entender o que ela estava falando, como se o idioma tivesse alguma importância. Ela não duvidava que o irmão iria ganhar o biscoito. Ele raramente aceitava um "não". Grace sentiu uma pontada no peito ao ouvir a vozinha aguda dele. Ela estava preste a abandoná-lo, exatamente como o pai havia feito. Tinha toda a intenção de retornar, mas a missão que planejava envolvia tantos riscos que nem sequer conseguia levar todos em conta. E esses eram apenas os riscos que ela conseguia prever.

Grace não era como Beatrice, que vivia prevendo o fim do mundo. No entanto era obrigada a admitir a possibilidade muito real de que fosse uma viagem só de ida.

Se eu morrer, quem vai estar aqui para amar Fiske?

Ela sacudiu a cabeça e voltou a pensar no aqui e agora. O cofre.

Grace já sabia que número iria tentar primeiro: 39. Qualquer que fosse seu significado, ele era fundamental no legado da família. Ela estava convencida de que seu pai teria usado referências dos Cahill em seu segredo. O aniversário de Mozart, talvez. James era um enorme admirador do primo compositor. 27 de janeiro.

Com a respiração em suspenso, ela girou o disco do cofre. 39-27-01.

Não abriu.

Abraham Lincoln, então. 12 de fevereiro: 39-12-02.

Não abriu.

Ela tentou Howard Carter, 9 de maio; o imperador Pu Yi, da China, 7 de fevereiro, e a grã-duquesa Anastácia, 18 de junho. Gotas de suor já se acumulavam em sua testa. Grace se deu conta de que, desde o incêndio que tinha destruído o laboratório de Gideon Cahill em 1507, havia centenas de parentes famosos e dezenas números associados a cada um deles.

Espere um pouco! 1507! 15-07!

Ela girou o disco 39-15-07. Com os dedos tremendo, puxou a maçaneta.

Seu rosto tinha uma expressão de desânimo. Trancado.

Ela sabia desde o inicio que poderia fracassar nessa aventura. *Mas não antes de sair de Monte Carlo! Não sem ter conseguido ao menos sair de casa!*

De repente suas feições desanimadas adquiriram uma expressão divertida. Ela experimentou os números novamente, mas numa ordem diferente.

15-07-39.

Houve um clique metálico e Grace abriu a pesada porta do cofre.

Uau!

Era mais dinheiro do que ela imaginara, muito mais. Pilhas de cédulas presas com elásticos: francos franceses, libras britânicas, liras italianas, marcos alemães e dólares americanos. Havia até uma sacola de lona com moedas de ouro. Grace pegou uma pasta de couro com as iniciais do

seu pai e a encheu com o tanto que cabia de dinheiro. Em tempos normais, teria sido suficiente para uma viagem de ida e volta ao Polo Norte. Mas eles estavam em guerra. Tudo havia mudado.

— Vou sair para tomar um pouco de ar! — disse Grace a qualquer pessoa que pudesse estar ouvindo.

O nó em sua garganta quando a porta se fechou atrás dela era maior do que tinha previsto. Aquele lugar não era de fato o lar deles, mas era o último lugar em que a mãe deles tinha vivido, e cada recordação tornara-se preciosa.

Ela subiu na bicicleta e pegou a estrada à beira-mar. Seria cômico se não fosse tão grave: partir para a guerra pedalando e com uma fortuna balançando para lá e para cá na cestinha de sua bicicleta. Grace sentia um desejo maluco de apertar a buzina.

A casa deles ficava muito próxima da pista de pouso. Afinal, em um país cuja extensão territorial não chegava nem a dois quilômetros quadrados, tudo era muito perto. Com sua catedral e o palácio medieval erguidos sobre um cabo rochoso que se projetava sobre o mar, Mônaco era uma joia perfeita. Grace sempre achara aquele lugar mais lindo do mundo. Agora, para ela, sempre seria o lugar onde sua mãe tinha morrido. A beleza de Mônaco não existia mais para Grace. Seus espetaculares morros e estradas sinuosas apenas tornavam cansativos pedalar.

Ela foi até a pista de pouso e encostou a bicicleta num muro. O prédio era minúsculo, com uma sala de espera que mais parecia a de um consultório médico e um único balcão.

— Com licença, *mousieur* — disse Grace ao atendente, colocando seu passaporte aberto em cima da mesa. — Preciso de um transporte.

O homem de nariz comprido a olhou de alto a baixo.

— Onde esta seu pai, *mademoiselle*?

Grace não se intimidou.

— Sou eu que vou viajar, não meu pai. Preciso ir a Casablanca, no norte da África.

A surpresa do homem se transformou em gargalhadas.

— Casablanca? Neste exato momento, *mademoiselle*, Casablanca se encontra sob ataque! Não é lugar para uma garotinha.

— Por sorte, não sou uma garotinha — retrucou Grace com frieza.

— Mesmo assim! Não há voos para Casablanca! Ninguém está voando para lá, a não ser com a intenção de lançar bombas!

— Tenho consciência disso — reconheceu Grace. — Vim fretar um avião.

— Supondo que a senhorita conseguisse achar um piloto suficiente insensato para ir até lá — disse o atendente, irritado — ele exigira um valor milionário para arriscar dessa maneira seu avião e a própria vida.

Em resposta, Grace depositou a pasta sobre a mesa e a abriu.

O queixo do homem caiu tanto que ela chegou a imaginar que ele iria bater com os dentes no balcão.

— Vou consultar com os pilotos! — ele exclamou com voz estrangulada, desaparecendo por uma porta vaivém.

Grace fechou a pasta, dando-se conta de repente de que não devia chamar atenção. Ela podia não ser uma “garotinha”, mas era um alvo perfeito para um assalto.

O atendente retornou depois de um instante.

— É como eu lhe disse, *mademoiselle.* Ninguém esta disposto a levá-la a Casablanca.

Grace bateu com o dedo na pasta.

— Também há ouro aqui dentro.

O atendente deu de ombros tipicamente em um gesto francês.

— Um homem morto não teria como gastar tudo isso. Sinto muito, mas esta decepção provavelmente irá prolongar sua vida.

Grace se afastou, arrastando os pés. A pasta parecia mais pesada que nunca. Por um instante, pensou em usar o dinheiro para comprar um avião e tentar pilotá-lo ela mesma, mas depois abandonou a ideia. Ela ainda não tinha brevê e suas habilidades como navegadora poderiam levá-la tanto ao norte da África como à Suécia.

Um sentimento de impotência tomou conta de Grace. Se nenhum piloto queria levá-la, o que ela poderia fazer? Não podia atravessar o Mediterrâneo de patins!

Ela estava subindo de novo na bicicleta quando uma voz baixa e com sotaque forte a pegou de surpresa.

— Por que você quer ir para lá?

***

O homem moreno e com barba por fazer que estava diante de Grace tinha físico de um sapo de pedra: baixo, sem pescoço e com um tronco tão largo que parecia improvável que caberia numa cabine de avião. O problema talvez fosse, em parte, seu casaco de pele de volumoso um pouco desgrenhado, que parecia saído de um mamute peludo.

— Você é piloto? — perguntou Grace.

— Há uma guerra em Casablanca — ele insistiu. — Por que você quer ir para lá?

— Isso é problema meu — respondeu Grace, ríspida.

— Meu problema é ficar vivo — disse o homem sem se alterar. — Se eu tenho cabeça boa, não vou para lá. Se tenho dinheiro, não vou para lá.

— E você tem essas duas coisas? — indagou Grace, tentando não deixar transparecer sua ansiedade.

— Vai custar muito! — ele avisou.

— Eu lhe pago 10 mil dólares americanos.

As sobrancelhas grossas do homem se ergueram, mas sua voz continuou impassível.

— Vinte. Adiantado.

— Está bem, 20 mil. Quando chegarmos lá.

— Como vou saber que você tem esse dinheiro? — ele perguntou.

Grace deu de ombros.

— Como vou saber se você tem um avião?

O homem grunhiu.

— Volte á meia-noite. Vista roupas pretas. Você traz o dinheiro. Eu trago o avião. Se alguém perguntar, você nunca falou com Drago.

Grace tinha audácia suficiente para voar até uma zona em guerra em busca de um general invasor, mas lhe faltava coragem para retornar à mansão. Se ela visse o bebê Fiske de novo, e até mesmo a desagradável Beatrice, temia nunca mais ter forças para partir.

Numa loja ao lado do palácio, comprou calças, blusa, botas e um casaco de couro pretos. Eram roupas caras, feitas para pessoas que frequentavam a alta sociedade, não para alguém prestes a fazer um voo noturno perigoso. Mas dinheiro era a única coisa que não faltava a Grace, ao contrário de sabedoria, experiência ou até mesmo de um plano concreto sobre o que faria quando chegasse a Casablanca. Se aquele era seu primeiro teste como Cahill, ela tinha certeza de que estava se saindo muito mal.

Considerou alugar um compartimento com chave para guardar suas roupas velhas, mas acabou jogando-as no lixo. Aquilo não era uma brincadeira. A operação Tocha era uma batalha de verdade, com troca de tiros. Havia uma chance muito real de que ela não sobrevivesse à aventura. Entretanto, mesmo que de algum modo conseguisse sair inteira de tudo aquilo, Grace tinha a sensação de que nunca mais seria a mesma. A Grace Cahill que usava vestidinhos rendados de estampas florais e adorava romances e filmes água com açúcar tinha sumido para sempre.

Quando a noite caiu, ela voltou a pensar em sua família. Estariam preocupados na mansão? Provavelmente. Grace torcia para que Beatrice só chamasse a policia depois de ela ter decolado.

Cinco para a meia-noite. Grace deixou a bicicleta numa valeta, pegou a pasta e se dirigiu à pista de pouso vazia. A escuridão era total, com exceção de uma luz fraca vinda de um hangar baixo. Ela foi para lá ouvindo seu coração batendo forte.

Quando se aproximou, o avião biplano entrou em foco: grandalhão, deteriorado, remendado com tecido e fita adesiva. Um nome estava pintado na fuselagem com traços amadores: OLGA.

Grace soltou um suspiro de desânimo.

Drago surgiu das sombras.

— Você esperava um Boeing B-29 novinho em folha?

— Não... é só que...este negócio vai conseguir chegar a Casablanca?

— Não — respondeu Drago.

— *Não?!*

— O combustível nos levará a uma pista de pouso que conheço perto de Valência, na Espanha. De lá, Olga consegue chegar até Casablanca.

Grace olhou para o avião.

— Não parece que Olga vai conseguir sair do chão.

Drago se sentiu insultado.

— Minha Olga venceu a primeira corrida aérea Zurique-Mambasa. Ela levou suprimentos para a guerra em Sevilha. Aterrissou em um ciclone em Istambul na época em que a cidade era chamada de Constantinopla.

Grace suspirou.

— Então é melhor partirmos agora — ela enfiou a mão na pasta de couro e tirou um maço grosso de cédulas. — Dez mil. E outros dez quando chegarmos lá.

Drago agarrou o dinheiro e o guardou nas profundezas de seu volumoso casaco.

— Não sou ganancioso. Dez mil dão e sobram, se isso significa que eu não preciso ir na Casablanca e ser morto. Adeus, garota imprudente.

Grace se sentiu ultrajada.

— Nós fizemos um acordo!

— Um conselho para dar para seus netos algum dia: Não confie em ninguém.

Enfurecida, Grace pisou forte com sua bota nova no sapato macio de Drago. Ele urrou de dor e tentou agarrá-la, mas ela já estava pulando para dentro da cabine do avião, puxando a capota para baixo e se ajeitando no assento do piloto. Em um instante, ligou o motor e começou a taxiar para fora do hangar.

Drago tentou bloquear o caminho dela, até que a hélice em movimento o fez recuar. Atônito, observou sua querida Olga deslizar para o asfalto e se dirigir à pista de decolagem. Assombrado, percebeu que o avião não estava parando.

Drago correu a toda velocidade pela pista de pouso e se jogou sobre a asa inferior do biplano. Sem se deter, Grace taxiou com movimentos sinuosos, tentando derrubá-lo. Agarrando-se ao avião com todas suas forças, Drago se arrastou entre os suportes da fuselagem, esticou os braços para cima e conseguiu abrir a capota,

— *Pare*!

Como resposta, Grace acelerou, fez o avião correr pela pista e então puxou o manche para trás. Com um rugido potente, o biplano saiu do chão.

A visão da pista de pouso ficando para trás reacendeu o pânico de Drago. Ele se içou para cima e caiu no assento do passageiro.

— Está bem — disse, ofegante. — Eu levo você até Casablanca.

— E por que eu deveria creditar em você? — gritou Grace para se fazer ouvir por cima do barulho do motor.

Drago tinha os olhos arregalados.

— Porque você se mostrou digna do meu medo!

Quando o avião atravessou a fronteira da França ocupada, Drago estava nos controles e Grace no assento do passageiro, abraçada à sua pasta. Sua viagem a Casablanca tinha começado.

***

A trajetória do voo acompanhou a linha da costa, embora Grace não conseguisse distinguir nada. A França ocupada estava sob um rígido blecaute, por isso não havia iluminação, exceto um ou outro fiapo de claridade que escapava de trás de cortinas escuras.

Drago guiava-se pela luz das estrelas e pelo brilho fraco lançado por uma lua crescente. De quando em quando, consultava um mapa rasgado e sujo aberto sobre seu colo.

Grace deu uma rápida olhada para a escuridão do lado de fora da janela.

— Como você pode enxergar para onde está indo? Eu nem consigo ver onde a água encontra a terra.

— Não preciso enxergar — grunhiu o piloto. — Olga conhece o caminho.

— Nome engraçado para um avião — comentou Grace. — É o nome da sua mulher?

— Da minha arma.

Grace arregalou os olhos.

— Você batizou seu avião como o nome de sua arma?

— Era uma arma muito boa.

Ela olhou fixamente para o rosto impenetrável daquele homem, tentando concluir se ele falava sério. Uma coisa era certa: ele não era confiável. Drago já tinha tentado enganá-la uma vez e não hesitaria em fazer o mesmo de novo.

Por enquanto, contudo, o piloto se mostrava satisfeito em apenas pilotar, e o biplano sobrevoou penosamente a linha da costa em seu percurso rumo a sudoeste. Grace não se lembrava de ter adormecido, mas acordou com um sobressalto, percebendo de imediato que havia alguma coisa diferente. Abaixo deles não se via mais aquela escuridão total. Luzes brilhavam, vindas de casas de fazenda e de um ou outro vilarejo.

— Saímos da rota! — ela gritou. — Você esta me levando para o lugar errado!

Drago fez um gesto de “não” com a cabeça.

— Atravessamos a fronteira espanhola. Não há guerra aqui.

— Desculpe.

Grace estava sem graça, mas aliviada. A Espanha fascista simpatizava com a Alemanha, embora fosse tecnicamente neutra. Quando não havia o temor de bombardeios, não havia a imposição de blecaute.

— Você tem pai? — Drago perguntou de repente.

— Por que você quer saber?

Ele deu de ombros.

— Eu sou pai. Espero que minha filha nunca queira se meter num campo de batalha.

— Bem, meu pai está fora de cena — disse Grace com amargura. — Não tenho como saber a opinião dele sobre isso ou sobre qualquer outra coisa.

— Ele morreu?

Grace fez que não com a cabeça.

— Apenas foi embora. Ele nos deixou.

Por mais mágoa que sentisse de James Cahill por isso, ela teria dado qualquer para ver seu rosto naquele instante. Sua mãe também... as feições claras dela, a pele pálida, os cabelos ruivos. A maneira suave como pronunciava o nome das pessoas mesmo quando estava brava. A bondade irradiava dela...

Não pense nisso! Papai ainda pode voltar, mas mamãe nunca mais.

— Eu também fiz isso. Deixei minha família — a voz rouca de Drago não traía nenhuma emoção. — Espero que um dia minha filha entenda.

— Entender o quê, quando o próprio pai a abandona?

— Você é obrigado a fazer algumas coisas — disse Drago. — Para ganhar dinheiro. Para sobreviver. Se isso não fosse verdade, eu não estaria levando você a Casablanca.

Grace olhou para a imagem de seu piloto refletida no painel de instrumentos. Imaginou que cada ruga e cada marca naquele rosto provavelmente tinham sido gravadas ali por algum acaso ou experiência cruel.

A vida é difícil para todo mundo, não apenas para os Cahill...

A voz de Drago interrompeu seus pensamentos.

— Daqui a uma hora paramos para reabastecer. Se houver combustível.

— *Se*? — perguntou Grace, alarmada. — Pode ser que não haja?

— Estamos em guerra — explicou Drago com a voz dura. — Mesmo os países neutros tem racionamento.

— E se não pudermos decolar de novo?

Ele deu de ombros.

— Os homens do general Franco não são conhecidos por seu crédito de confiança. Eu serei preso como espião. Quanto a você, sua juventude talvez a salve. Talvez.

Valência surgiu ao longe, reluzindo contra a linha escura do litoral. Havia algo de sobrenatural no fato de estarem suspensos no ar, na escuridão fria da cabine de Olga, sobrevoando cidades famosas da Europa. Apesar da tensão, Grace se sentia estranhamente livre. Como se o fato paralisante da morte de sua mãe, o desaparecimento de seu pai e até mesmo a responsabilidade de cuidar de Fiske não pudessem encontrá-la ali em cima.

Drago fez um desvio para o interior, passando ao largo da cidade para evitar chamar a atenção. Meia hora depois, uma fila dupla de luzes surgiu em meio aos campos negros como breu.

— É ali? — Grace indagou, ansiosa.

Havia dez minutos ela vinha acompanhando o indicador de combustível, cada vez mais baixo. Em pouco tempo eles seriam obrigados a aterrissar, fosse onde fosse, no lugar certo ou não.

Drago concordou com a cabeça.

— Eu falei pra você. Olga conhece o caminho.

Graças ao conhecimento de Olga ou à habilidade de Drago, em pouco tempo eles estavam em uma pista de concreto, taxiando em direção a um amontoado de tonéis de combustível.

Drago freou o biplano e desligou o motor. Quando a hélice enfim parou, Grace se deu conta de que a vibração de Olga parecia ter ficado entranhada nela. Quatro horas haviam se passado desde que eles tinham decolado de Mônaco. Grace estava enjoada, com os pulmões cheios de vapores de gás. E eles tinham chegado a... lugar nenhum.

Drago abriu o teto conversível e saiu da cabine com um impulso.

— Vou reabastecer — disse, apontando para um pequeno galpão. — Há um banheiro ali.

Grace lançou-lhe um olhar feroz.

— Se você pensa que eu vou lhe dar a chance de decolar e me esquecer aqui, está maluco.

Ele deu de ombros.

— A viagem até Casablanca vai ser longa.

— Estou ótima. Não se preocupe comigo.

— Você é quem sabe — ele saltou para a pista.

Minutos depois, Grace ouviu o barulho de tonéis metálicos se chocando e o borbulhar de um líquido enchendo o tanque do biplano.

Ela tentou esticar as pernas enrijecidas, mas, como não havia espaço na cabine apertada, simplesmente se obrigou a ignorar o desconforto. Afinal, essa era a parte difícil. Eles estavam prestes a entrar de avião em uma guerra, atrás de um general invasor. Ela devia desfrutar da calmaria enquanto pudesse.

Então sentiu um toque frio em seu braço. Grace olhou para baixo e viu o cano de uma metralhadora.

***

Um oficial espanhol trajado de preto estava com o pé no degrau inferior da escada de embarque do avião.

— Seus documentos, senhorita!

Assustada, Grace mexeu no bolso do casaco e tirou seu passaporte.

O espanhol ergueu as sobrancelhas.

— Americana! Venha comigo.

— Por quê? — perguntou Grace, ultrajada, tentando colocar na voz toda a dignidade e indignação que não sentia. — O senhor não tem o direito de me prender. Não fiz nada de errado.

— Seu país esta em guerra; logo, a senhorita também está. A senhorita está detida para ser interrogada pelo governo do generalíssimo Francisco Franco. Faça o favor de descer da aeronave.

— Não... não posso.

Como Grace poderia explicar a um homem com uma metralhadora nas mãos que se ela descesse do avião Drago poderia abandoná-la ali, decolar sem ela?

E, por falar em Drago, onde ele estava? Ela não ouvia mais o som de reabastecimento de combustível. Será que o tanque estava cheio e o piloto tinha se escondido, esperando o oficial arrastá-la para longe?

A arma voltou a encostar em Grace.

— Desça do avião, senhorita. *Ahora!*

Agarrando sua pasta de couro, Grace desceu e se deixou conduzir pela pista para um pequeno galpão identificado com a palavra POLICÍA.

As ideias giravam a todo vapor em sua cabeça. Será que conseguiria subornar esse homem? E se ele pensasse que era algum tipo de espiã? Se fosse mandada para um campo de prisioneiros, ninguém jamais saberia o que tinha acontecido com ela! Mesmo que a interrogassem e a deixassem partir, ficaria esquecida no meio da Espanha. De um jeito ou de outro, nunca chegaria até a Casablanca.

Ouviu-se um baque forte, seguido do som da metralhadora caindo no chão. Meio segundo depois, o oficial espanhol jazia ao lado da arma.

Grace deu meia-volta. Ali estava seu piloto, segurando uma grande chave inglesa.

Ele a pegou pela mão e começou a puxá-la, correndo, de volta para o avião.

— Rápido! Ele pode ter sono leve.

Aliviada, mas sem forças, Grace deixou Drago a empurrasse de volta para a cabine. Minutos depois eles estavam no ar outra vez, atravessando a parte continental da Espanha.

Grace olhou boquiaberta para seu piloto estranho e desgrenhado.

— Você poderia ter me deixado! Poderia ter decolado sem mim!

Drago indicou a pasta de couro, que tinha voltado ao colo de Grace.

— Onde meu dinheiro vai, eu vou atrás.

— Mas você já tem 10 mil dólares — lembrou Grace. — Em Mônaco, você disse que não era ganancioso.

Drago se recusou a olhar para ela.

— Você acha que eu pareço um homem inteligente?

— Você parece é um homem *maravilhoso!* — exultou Grace.

— Bobagem! — ele zombou. — Aonde estamos indo não é lugar para sentimentalismos.

— Vou lhe pagar mais — ela prometeu.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu mereço.

***

Uma hora depois, eles sobrevoavam o oceano Atlântico, passando bem longe de Gilbraltar para não despertar a atenção da Força Aérea Real Britânica ali instalada.

Tinham deixado a Europa para trás. Próxima parada: África

A Operação Tocha ficou visível antes de Casablanca. Os primeiros raios do amanhecer revelaram uma alta nuvem vertical de fumaça obscurecendo a costa africana.

— Olhe — apontou Drago. — Ali está a sua guerra.

Grace engoliu em seco.

— Eu estava torcendo para que fosse apenas o mau tempo.

Mas agora ela podia ver centenas embarcações de todos os tamanhos, uma batalha naval de proporções gigantescas. De longe, pareciam navios de brinquedo. Grace fazia força para não se esquecer que cada tênue clarão alaranjado representava uma explosão de enorme poder destrutivo. Caças americanos bombardeavam os defensores sem ser combatidos por nenhuma força aérea da França de Vichy. No mar, Grace identificou a trilha reta deixada por um torpedo lançado de um submarino. Embarcações anfíbias despejavam invasores nas praias. Milhares de soldados se espalhavam pela areia como formiguinhas, trocando disparos letais com os soldados franceses entrincheirados. A cena era ainda mais bizarra porque o barulho forte do motor de Olga a impedia de ouvir qualquer coisa. O resultado era uma pantomima medonha de monstros mecânicos e morte sem som.

— Como vamos atravessar tudo isso? — gritou Grace.

— *Agora* é que você me pergunta isso? — disse Drago, amargo.

— Eu pensei... — A voz de Grace foi diminuindo.

A verdade era que ela *não tinha* pensado em nada.

Ela os havia trazido para aquele cenário de destruição sem ter nenhum plano claro em mente.

Drago teve uma ideia.

— Vamos dar a volta, é melhor. Não queremos um enfrentamento com nenhum dos seus pilotos americanos. Como é que vocês dizem mesmo...? Ases!

Ele voltou a sobrevoar o mar, paralelamente à costa, evitando a parte principal da batalha. A estratégia era passar do mar para terra bem ao sul da cidade. Eles se aproximariam da pista de pouso de Casablanca vindos do leste, longe dos combates.

Casablanca estava tão próxima que Grace conseguia enxergar os minaretes da cidade em meio à fumaça. Ela tentou imaginar que embarcações da frota americana seria o pesado cruzador USS Augusta, o navio de Patton.

— Há um problema — disse Drago de repente.

Para Grace, tudo parecia um problema: bombas caindo, canhões disparando, balas voando pelo ar, projéteis explodindo. Mesmo longe, eram caos e insanidade ao máximo.

— Qual é o problema?

— Nosso nível de combustível esta baixo — disse Drago.

— Muito baixo?

A expressão dele era sombria.

— Vamos ter que aterrissar.

— O quê? No meio de tudo isso?

— *Agora! Já!*

Ele virou Olga em direção á cidade e iniciou a descida, aproximando-se mais do conflito.

— O aeroporto fica logo depois da cidade. Vou conseguir chegar!

— Mas você está indo diretamente para o meio da guerra! — gritou Grace. — É muito arriscado!

— Mais arriscado é cair no mar!

Ela não despregava os olhos da capota, olhando enquanto eles se aproximavam cada vez mais da fumaça da batalha. Cinquenta metros... Vinte... Dez...

Fique longe da luta... Ela rezou, torcendo os ombros como se sua linguagem corporal fosse capaz de modificar a trajetória inevitável do avião.

Então o conflito os envolveu como um nevoeiro mortal.

Drago reduziu a velocidade e o avião começou a vibrar.

Grace podia sentir o choque de explosões de morteiros de artilharia. A batalha deixara de ser silenciosa. Disparos de canhões antiaéreos explodiam por toda parte ao redor deles.

Com um estrondo forte, um fragmento de projeto antiaéreo rasgou a fuselagem.

Drago se voltou para Grace.

— Agora você é que vai aterrissar Olga.

— Eu? Por quê?

— Porque em pouco tempo eu vou estar morto.

Então ela viu uma poça de sangue se formando na pele carcomida do casaco dele, no lugar onde estilhaço de morteiro havia atingido seu peito.

***

Uma onda de horror percorreu o corpo de Grace.

— Atingiram você!

— Precisamos trocar de lugar enquanto eu ainda consigo me mexer — a voz dele fazia força para sair.

— Precisamos levar você a um médico — ela gritou.

— Vamos! Não temos muito tempo.

Drago se inclinou e a puxou para o lugar dele. Em seguida, desabou no assento do passageiro.

Grace segurou a alavanca e o manete, lutando para firmar suas mãos trêmulas.

— Você precisa me dizer o que eu tenho de fazer!

Ao olhar para Drago, ela se apavorou. Tudo a frente do casaco dele já estava empapada de sangue. Se rosto, branco como giz; os lábios, azuis.

— Você vai saber — ele prometeu apenas com um fio de voz.

— Como você tem tanta certeza?

Drago olhou fixamente para Grace, como se quisesse gravar o rosto dela em sua memória.

— Eu menti sobre Olga. Ela não é minha arma. É minha filha.

Grace lutou para controlar a aeronave, que tremia forte.

— Não a vejo desde que ela era uma criancinha — sussurrou Drago com voz rouca — Mas minha esperança — ele tossiu — é que ela esteja crescendo para ser como você.

Grace afastou os olhos do horizonte por apenas um segundo. Foi o bastante para perceber que o piloto já a tinha deixado. Drago estava morto.

Nem mesmo no funeral de sua mãe Grace havia chorado tão intensamente. Ela tinha arrastado Drago para aquele lugar em sua louca missão, e isso custara a vida dele. Grace se sentia tão culpada como se ela própria tivesse atirado nele.

Mas não havia tempo para remorso. Lá embaixo estava a praia, com tropas americanas atirando contra defensores postados em terreno mais alto. Olga já voava o suficientemente baixo para se sentir no meio da batalha. Tiros de fuzis zuniam a seu redor como mosquitos letais. Uma bala perdida rasgou a fuselagem a centímetros do cotovelo de Grace a saiu pela capota.

Não vou morrer aqui! Grace cerrou os dentes, lutando com os controles enquanto o biplano sobrevoava a praia.

Vou viver e ter filhos e netos que nunca vão precisar passar por um terror como este só pelo fato de serem Cahill!

Ela desacelerou o avião, levando Olga cada vez mais para baixo, até os prédios mais altos da cidade passarem a poucos metros das rodas de pouso.

Onde estava a pista de pouso?

Um estalo do motor indicou que ela não teria tempo para encontrá-la. Drago tinha falado a verdade. O tanque de combustível estava quase seco. Em pouquíssimo tempo ela estaria no chão. De uma maneira ou de outra.

Passando Casablanca, o imenso deserto se aproximava. Muito bem, se ela não conseguisse achar a pista de pouso, teria que aterrissar em uma das estradas que saiam da cidade. Grace podia ver as faixas de pavimentação cruzando a areia.

Seu instrutor de voo era James Cahill, o que significava que fazia mais de um ano que ela não tinha uma aula. Não era uma boa hora para estar enferrujada, mas agora não adiantava lamentar.

Velocidade é igual a altitude, esse era o lema de seu pai. Menos aceleração significava mais descida. O biplano desceu sobre dunas varridas pelo vento. A estrada se achava exatamente à frente do nariz de Olga. Concentrada, Grace direcionou o avião para lá.

Com um soluço, o motor queimou sua derradeira gota de gasolina. A hélice parou e Olga começou a cair.

O choque foi forte. Um pneu explodiu e os suportes do outro desabaram. Faíscas voaram para todos os lados, enquanto partes metálicas riscavam o asfalto em alta velocidade. O avião saiu da estrada e foi para a areia.

O mundo de Grace virou de ponta-cabeça, e ela esticou uma mão para se firmar contra o painel de controle. Impacto. Dor lancinante.

Escuridão.

***

Começou como uma dor generalizada no corpo que, à medida que Grace foi despertando, se tornava mais localizada. Seu braço esquerdo a torturava. Ela tirou o casaco com dificuldade e examinou o ferimento. O braço estava inchado, deformado, escurecido e azulado até o cotovelo. Ela devia ter quebrado o pulso na queda.

Uma dor horrível, mas não tão horrível quanto ver o corpo sem vida de Drago largado como um boneco de pano no assento ao lado dela.

Grace olhou para cima e imediatamente lamentou tê-lo feito. O sol estava avassalador, e muito alto no céu.

Ela devia ter passado horas desacordada.

Usando uma mão boa e os dentes, arrancou o forro de seu casaco caro e improvisou uma tipoia para o braço.

Ele ainda doía demais, mas pelo menos agora estava imobilizado. Grace abriu a capota, pôs uma perna para fora da cabine e saltou para o chão.

O avião estava destroçado. A colisão com a areia tinha rasgado uma das asas e a cauda se desprendera.

Uma nuvem de fumaça se erguia da hélice.

— Drago — choramingou Grace.

Como ela poderia abandoná-lo no deserto? Mas não podia fazer nada por seu piloto agora. Um morto não precisava de companhia. Grace não pensou uma vez sequer no dinheiro guardado na pasta. Sua única utilidade tinha sido comprar a viagem até Casablanca. E ela estava em Casablanca. Ou pelo menos nos cercanias da cidade.

Enquanto tentava pousar o avião, havia se distanciado vários quilômetros da cidade. Seria uma caminhada longa, e o melhor a fazer era começar logo.

Grace se pôs a andar pela estrada em direção aos minaretes e às torres distantes.

O calor aumentou e Grace retirou tudo o que já tinha dito na vida sobre os invernos de Boston. Um montinho de neve teria sido paradisíaco tanto para se refrescar como para beber. A sede começava a dominar seus pensamentos.

O tempo passou... pelo menos umas boas horas. O sol já tinha ultrapassado bastante o zênite em um céu sem nuvens. Grace podia sentir a pele da nuca cozinhando. Vestir-se de preto tinha sido uma boa ideia para não ser vista na pista de pouso em Mônaco à noite. Mas ali no deserto era praticamente suicídio, porque absorvia demais o calor do sol.

O pulso quebrado latejava sob o impacto de cada passo. Mesmo assim, Grace seguiu adiante, impulsionada por um misto de coragem e obstinação. Talvez ela não tivesse compreendido plenamente o que significava ser uma Cahill quando embarcara nessa aventura. Mas cada passo dado na areia fervente confirmava uma verdade para ela: não havia dor. Não havia calor. Não havia exaustão. Havia apenas a tarefa a ser cumprida.

O sol golpeava implacável, sua cabeça desprotegida. À sua volta, o deserto fulgurava. Ela mal conseguia divisar Casablanca, embora agora já devesse estar bem perto da cidade. E a fumaça da batalha tinha se movido! Estava á sua direita. Era baixa e se estendia pelas dunas, como uma serpente comprida, até o horizonte.

Não podia ser! Será que estava começando a perder o juízo? Todo mundo já tinha ouvido falar das miragens no deserto.

Ela ouvia o ronco de um motor... de muitos motores.

Um jipe do exército apareceu em meio a uma nuvem de poeira. E mais outro, seguido por um caminhão. Um comboio inteiro de veículos militares vindo em sua direção por uma estrada que cruzava a sua.

Não era nuvem de poeira nenhuma! Era um exército!

Seriam os franceses de Vichy? Como os defensores de Casablanca iriam tratar uma cidadã americana, mesmo ela sendo uma menina, depois da terrível derramamento de sangue no porto e na praia?

Então Grace viu a insígnia de uma estrela na lateral de um tanque.

Americanos! A batalha tinha terminado! Eram os conquistadores, a Força-Tarefa Ocidental da Operação Tocha fazendo sua entrada triunfal na cidade.

Um minuto antes, Grace tinha se convencido de que não lhe restava mais uma gota sequer de força. Estava enganada. A visão da coluna militar emprestou asas a seus pés e ela correu na direção dos veículos que rugiam, acenando com seu braço bom e gritando “Parem!”.

Um tanque Sherman emergiu da névoa de calor, poeira e areia, com sua torre de canhão apontada diretamente para Grace. As esteiras frearam, fazendo muito barulho. A porta da torreta se abriu e uma cabeça coberta por capacete se esticou para fora.

— Você está maluca? Saia da frente!

— Sou americana! — gritou Grace com os lábios secos e rachados. — Preciso ver o general Patton!

O soldado deu uma risada severa.

— Vou ver a agenda dele. *Saia da frente!*

Grace se endireitou, procurando parecer mais alta; ainda assim mal passava da parte superior das esteiras articuladas do tanque.

— Diga ao general que Grace Cahill tem uma mensagem urgente para ele!

— Espere aí! — veio um grito.

Um jipe deu a volta no tanque e parou ao lado de Grace. Um jovem capitão saltou do veículo.

— Você disse que seu sobrenome é Cahill?

— Sou Grace Cahill. Vim de muito longe para ver o general.

O homem a olhou de alto a baixo.

— Dá pra ver!

Ele a pôs dentro do jipe, saiu da pista e começou a abrir caminho pela areia, passando por uma procissão de soldados, tanques e equipamentos que se estendia, fácil, fácil, por cinquenta quilômetros. O noticiário radiofônico da BBC tinha estimado que a Força-Tarefa Ocidental contava com 34 mil soldados. Grace não se surpreendeu. Os pneus do jipe já deviam ter espirrado poeira e terra pelo menos nesse tanto de pessoas.

Depois do que lhe pareceu um trajeto interminável, eles voltaram para a pista, barrando o avanço de uma enorme viatura militar.

O motorista pôs a cabeça para fora da janela.

— Por que o bloqueio?

O capitão fez uma saudação militar rígida.

— Grace Cahill para ver o general!

— *Cahill?* — ecoou uma voz profunda.

A porta se abriu e duas botas reluzentes pisaram na pista.

Grace arregalou os olhos, muda. O oficial diante dela irradiava confiança e comando, desde a postura perfeitamente ereta até o olhar, capaz de penetrar uma armadura. Ele tinha acabado de arquitetar e dirigir uma batalha de três dias, mas seu uniforme estava limpo e passado. Duas estrelas reluziam em seu capacete.

Era o general George S. Patton, conhecido pelo apelido de “Sangue e Entranhas”.

***

Corpos se espalhavam pela praia de Casablanca e combustível derramado ardia em chamas nas águas da enseada.

A batalha tinha terminado.

Os defensores da França de Vichy haviam se rendido, por isso a situação na cidade era de calmaria. A tranquilidade ocultava a realidade brutal de uma invasão sangrenta que costurava quase mil vidas, mais de um quarto delas de americanos.

Grace entrou na cidade no carro do comando militar, sentada ao lado do próprio Patton. Embora estivesse ansiosa para lhe contar sobre a mensagem em código Morse, manteve-se calada. O comandante estava cercado por assessores e guarda-costas. Não havia como saber quem era confiável, se é que ela poderia confiar em alguém quando contasse sobre a mensagem ultrassecreta que tinha sido destinada a James Cahill. Sua única opção era esperar até ficar a sós como general.

Quando chegaram à casa escolhida como quartel-general de Patton, Grace foi atendida pelo médico pessoal dele. Seu pulso quebrado foi engessado e ela recebeu comida, água e um quarto para descansar. Dormiu mais de trinta horas pela primeira vez e, quando acordou, encontrou roupas limpas à disposição. Sua pasta estava sobre a cômoda. Um bom sinal: significava que o conteúdo do avião tinha sido recuperado, inclusive o corpo do piloto. Grace abriu a pasta. Ali estava o dinheiro: cada dólar, franco e marco. Os soldados da Operação Tocha eram homens honrados. Isso lhe proporcionou algum alívio. Ela poderia confiar no exército americano para dar um enterro decente a Drago.

O general foi vê-la às 19 horas e finalmente Grace teve o que buscava: uma audiência reservada com George S. Patton. Ela contou quem era seu pai e sobre o barco misterioso que tinha transmitido uma mensagem em código Morse para a mansão em Monte Carlo.

— GSP... é o senhor, certo? O senhor é um dos Cahill, como Abraham Lincoln e Mozart. A casa branca é Casablanca, e tocha é invasão.

Ele concordou com a cabeça, estarrecido.

— E você me localizou no meio da minha própria guerra! Você é apenas uma criança!

Grace se irritou.

— Eu tenho 13 anos.

— Bem, o fato de você ter conseguido chegar até aqui é uma identificação melhor do que qualquer passaporte ou exame de sangue — disse Patton com um sorriso. — Você é uma Cahill, sem dúvida alguma.

— Mas o que quer dizer a mensagem? — ela perguntou. — Quem são V?

— Existe um grupo chamado Vesper — ele explicou. — Eles remontaram a tantos séculos atrás quanto os Cahill, e desde então temos sido rivais.

Grace concordou, pensativa.

— Deve ser dessa gente que precisamos proteger o anel. Mas que anel? E o que é esse centro do alvo de que os Vesper estão sabendo?

O general ergueu a mão.

— Grace, me escute. Não quero que você se preocupe mais com isso. Você já me trouxe a mensagem. Ninguém poderia pedir que fizesse ainda mais que isso. O que você fez já foi um milagre. Deixe o resto por minha conta. Vou mandar você, sua irmã e seu irmãozinho de volta para Boston. E, pode dar algum trabalho, mas também vou encontrar seu pai. George Patton está lhe dando sua palavra.

Nunca antes Grace tinha conhecido alguém tão absolutamente no controle de uma situação, tão impressionante. Desde o formato poderoso de seu maxilar até a floresta de fitas, medalhas e decorações em seu peito, ele era o símbolo do herói americano.

Ela não pretendia chorar, mas, quando as lágrimas começaram, não pode mais contê-las. Era o alívio puro e simples de haver tirado um peso enorme das costas.

Grace chorou por Drago, por seus pobres pais, e até pelo mundo, sofrendo com aquela guerra terrível. Estranho a emoção jorrar daquele modo bem agora que ela estava em segurança.

A eficiência lendária do general ficou evidente no plano que traçou para ela. Às seis da manhã do sai seguinte, ela embarcaria em um avião para Lisboa; de lá, seguiria para Londres, onde sua família a encontraria.

Beatrice teria muito a dizer sobre o sumiço de Grace.

Mas nada podia estragar a experiência de rever Fiske.

Mesmo assim, havia algo de levemente *insatisfatório* na história toda. Grace tinha feito uma viagem improvável em um momento impossível; um homem estava morto e seu avião, destruído. E agora queriam que ela fosse embora e esquecesse que tudo aquilo tinha acontecido.

Isso é uma boa notícia!, ela se repreendeu. *Você tem sua vida; vai se reencontrar com sua família; você pôs a mensagem nas mãos do militar mais competente e confiável que existe na face da Terra. De que jeito as coisas poderiam ter saído melhor?*

Bem, para começo de conversa, ela refletiu, o general poderia ter sido mais específico ao falar de sua estratégia. Ele prometera cuidar de tudo; só não tinha mencionado como. Não que ela não confiasse nele. Mas os negócios dos Cahill não eram a prioridade de Patton em Casablanca. Ele era o comandante de uma cidade conquistada. Centenas, talvez milhares, de assuntos urgentes deviam exigir sua atenção. E se ele tivesse esquecido a mensagem de Grace?

Dito e feito: o general sumiu pelo resto da noite, para variar as baixas humanas e as perdas de equipamentos após a invasão. Grace ficou sozinha remoendo suas dúvidas, perambulando pelo quartel-general sob os olhares atentos de oficiais e sentinelas.

O lugar, na realidade, era uma mansão. O assessor de Patton contava a Grace que uma família rica de Casablanca tinha oferecido sua residência ao exército americano como cortesia. Grace não pôde deixar de se perguntar até que ponto os proprietários "corteses" haviam tido escolha. Mas se lembrou das muitas residências de James Cahill espalhadas pelo mundo: os ricos geralmente tinham outro lugar para onde ir. Muitas outras pessoas tinham feito sacrifícios nessa guerra terrível. Ela provavelmente estava desperdiçando solidariedade ao se condoer de um único milionário despejado.

Além dos homens de uniforme, o único outro sinal de que a mansão se tornara uma instalação do exército era o grande mapa da cidade aberto sobre uma imensa mesa de jantar. Vários locais estavam marcados com tachinhas coloridas: o próprio quartel-general, os quartéis oficiais e os deslocamentos de tropas. Havia tachinhas na cidade inteira, menos em um bairro central a pouca distância da praia e cheio de ruas estreitas e tortuosas. Era cercado por uma linha sólida na qual alguém tinha escrito a palavra MURALHA.

Grace entrecerrou os olhos. O nome do bairro estava impresso no papel com tinta mais clara:

ANCIENNE MEDINA

Ela se lembrou das aulas de francês da *madame* Fourchette e do significado dessa expressão: o velho bairro árabe, a casbá.

Seu coração começou a bater mais forte. Ancienne Medina: AM!

Portanto, AM não significava antes do meio-dia. Quando a mensagem disse Casa Branca AM, era uma referência à casbá de Casablanca!

— Sinto muito, senhorita Grace — disse o assessor de Patton. — Ele está extremamente ocupado com assuntos militares. Não sei informar quando ficará disponível.

Grace voltou a seu quarto, tornando-se inquieta a cada segundo. O código Morse indicava o bairro Ancienne Medina, mas Patton não sabia disso. E, até ela ter a oportunidade de lhe dizer, podia já ser tarde demais. Poderia haver um Vesper na cidade bem naquele momento. E os Vesper sabiam sobre o centro do alvo, de que a própria Grace não sabia. Como poderia ter certeza do significado daquela expressão no meio de uma guerra travada com armas telescópicas, fuzis, retículas e sistemas de mira?

Ela tinha certeza de que a resposta estava em algum lugar da casbá.

Mas o general tinha dito que a participação dela estava encerrada.

Bem, isso foi antes; agora é outra história.

Ela não podia ficar parada, sem fazer nada, deixando que os seus rivais tivessem a oportunidade de encontrar o centro do alvo primeiro, enquanto Patton estava distraído com assuntos militares. Ela tinha que ajudar.

Devia isso ao general; devia isso à sua família; e devia especialmente a Drago, que perdera a vida para levá-la até ali. De alguma maneira, precisava fazer com que tudo aquilo tivesse sentido.

Nunca conseguiria explicar isso às sentinelas estacionadas em vários pontos da mansão. Por sorte, Grace era especialista em entrar e sair de lugares sem ser vista. Era o treinamento decorrente de sua vida como irmã mais nova da linguaruda Beatrice.

Abriu a janela e subiu no parapeito, contemplando os 2,5 metros que a separavam do chão. Segurando-se com a mão boa, desceu até onde foi possível e em seguida saltou para o chão. Atravessou o jardim cuidadosamente, mantendo-se perto dos arbustos, e pulou um muro baixinho.

Para um lugar que acabava de ser ocupado por invasores estrangeiros, Casablanca parecia viver num clima de muita normalidade. As ruas estavam cheias de mulheres cobertas por véus, homens de vestes brancas e turbantes, e visitantes de diversas nacionalidades.

Com a guerra assolando o continente ao norte, esta parte da África tinha sido a primeira parada para muitos civis que tentavam escapar do conflito. As pessoas tratavam de cuidar de seus afazeres, andando de cabeça baixa, sem nunca olhar diretamente nos olhos de ninguém. Para Grace, era perfeito, já que ninguém olhava para ela, mas contribuía para a sensação que a dominava de que alguma coisa secreta estava em andamento.

Ela tinha memorizado o trajeto entre o quartel-general e a Ancienne Medina, mas algumas vezes ao longo do caminho ficou em dúvida sobre a capacidade de se orientar. As ruas não pareciam seguir nenhum traçado organizado. Descreviam curvas e voltas, e a exótica arquitetura de arabescos, com seus desenhos complexos, tornava impossível estabelecer um ponto de referência.

Grace ficou aliviada quando por fim encontrou a muralha de pedra, desgastava por séculos de tempestades de areia, que cercava a Ancienne Medina.

Ela tinha chegado. Mas para onde deveria ir agora?

Por trás da casbá, os lugares eram mais antigos e apinhados de gente. Algumas vielas eram tão estreitas que os andares superiores dos prédios de estilo mouro quase se encontravam no alto da rua, criando um efeito túnel, Não havia carros, apenas multidões de pedestres e algumas bicicletas e carroças. Barracas e lojinhas minúsculas vendiam de tudo, desde galinhas até joias caras. Bares, restaurantes e cafés se estendiam pelos dois lados da rua até onde a vista alcançava.

1001 NOITES, proclamava uma placa em néon cor-de-rosa. As janelas abertas revelavam mesinhas e velas cuja luz fraca tornava quase impossível em enxergar a comida. *Talvez seja uma vantagem,* pensou Grace com um arrepio. Dois homens jogavam dardos na sala dos fundos, e notas de dinheiro trocavam de mãos.

Grace arregalou os olhos. Um alvo de jogo de dardos.

Centro do alvo: *o círculo central de um alvo de jogo de dardos!*

Espremendo-se contra a parede de estuque esburacada em algumas partes, ela esperou até os dois jogadores terminarem a partida e cambalearem até o bar. Então entrou de fininho no *1001 Noites* e abriu caminho até o alvo do jogo de dardos.

Grace deu uma olhada no alvo. Havia apenas uns poucos furos, alguns dos quais pareciam ter sido feitos por facas e não por dardos. Ela olhou atrás da tábua. Nada a não ser a parede de gesso áspero, sem nenhum compartilhamento secreto.

Ok, era o alvo errado. Mas devia haver outros na Ancienne Medina. Muitos. E a única maneira de encontrar o certo seria fazer uma busca de porta em porta

Uma voz próxima demais de seu ouvido disse:

—A senhorita gostaria de desafiar um especialista no jogo?

Grace já estava de volta à rua antes mesmo de ter conseguido articular uma recusa. Não sabia ao certo por que estava com tanto medo. Afinal, não tinha acabado de pilotar um avião e fazer um pouso de emergência no deserto? Mas precisou de toda a sua garra para entrar na porta ao lado, o bar *Sheherazade*.

Música de dança do ventre de uma janela quebrada.

Que alegria.

Nas três horas seguintes, Grace entrou e saiu de algumas das casas noturnas mais decadentes do norte da África. Examinou jogos de dardos de diferentes formatos, tamanhos e estados de conservação, manchados de comida, gordura e até mesmo, ela desconfiou, de um sangue. Não encontrou nada em nenhum deles.

A busca a estava deixando enjoada, já era tarde.

Em alguns desses lugares, uma menina americana de 13 anos chamava atenção. Seria apenas questão de tempo até ela virar uma curiosidade ou, pior ainda, um alvo. Talvez o general Patton tivesse razão. Sua missão estava encerrada. Seria loucura tentar levar aquilo adiante em um ambiente tão estranho e perigoso. Especialmente porque não havia como saber qual das centenas de tavernas de Casablanca era a que procurava.

Seus olhos se detiveram na última placa de néon da rua cheia de curvas:



Torch... Significava tocha, em inglês. Sua mente voltou rapidamente para a mensagem em código Morse: *Tocha é mais do que parece.*

Ela tinha interpretado isso como uma referência à Operação Tocha, mas também podia significar outra coisa: “Tocha é mais do que apenas o nome da invasão, assinala o local do centro do alvo”.

O Torch Singer Café parecia mais movimentado do que os outros. Talvez por causa de seu formato comprido e estreito, que o fazia parecer mais um corredor do que uma taverna. Tinha um palco minúsculo, onde só uma pessoa podia se apresentar, e... Grace olhou com atenção... sim, isto mesmo: o lugar não tinha um alvo de jogar dardos.

Que decepção. Ela estava tão segura!

Então notou uma porta nos fundos, parcialmente escondida atrás de um carrinho com pratos empilhados e uma janela cheia de sujeira de moscas que dava para uma viela isolada. O pátio escuro era dominado por uma grande estátua de bronze de algum tipo de animal.

Grace se esforçou para enxergar no escuro da noite, até ver um corpo poderoso e robusto e os chifres curvos.

Um touro.

Bull’s eye! A expressão em inglês podia significar “centro do alvo”, mas também havia a tradução literal: “olho de touro”. Então não era o centro de um alvo, mas o olho de um touro!

Grace afastou o carrinho e empurrou a porta, que se abriu com dificuldade, soltando uma chuva de lascas de tinta velha. Examinando a estátua de perto, identificou imediatamente o que procurava. Um olho era um pedaço de vidro verde arredondado. A outra órbita estava vazia.

— Eles chegaram antes de nós — disse uma voz profunda vinda das sombras.

Grace se virou rapidamente. Em um primeiro momento, não o reconheceu com sua calça marrom e camisa azul-claro. Mas ali estava, em trajes civis, George S. Patton.

— General, o que o senhor está fazendo aqui?

Patton deu um sorriso austero.

— O mesmo que você, minha cara. Você é uma legítima Cahill, Grace, saindo sem ser vista sob as barbas da minha equipe inteira. Você será um grande trunfo, apesar de não ser muito boa em fazer o que lhe mandam.

Grace se manteve imperturbável.

— O que aconteceu com o olho do touro? Quem chegou antes de nós?

O general ergueu as sobrancelhas.

— Os Vesper, claro. Eles parecem estar sempre um passo à frente.

Grace reagiu com ceticismo.

— Nós, os Cahill, somos a família mais poderosa da história da humanidade.

— Somos, sim — concordou Patton imediatamente. — Mas os Vesper têm uma vantagem sobre nós. Eles não são uma família. Recrutam apenas os melhores, os mais inteligentes, gênios implacáveis dotados de um brilho diabólico. Enquanto nós, os Cahill, enfrentamos obstáculos devido às brigas entre os clãs de nossa família, os Vesper podem ficar completa e perfeitamente unidos na busca de seu objetivo. — Seus olhos inflexíveis cintilaram. — O domínio mundial. Sim, eles são nossos adversários, mas há muito mais o que admirar neles.

— Não! — sussurrou Grace arrasada.

Ela tinha vido de tão longe, tinha arriscado tanto! E, mesmo assim, tivera mais sorte que o pobre Drago.

Como era possível que Patton simplesmente desistisse?

Os Cahill não faziam isso!

— Mas esse agente dos Vesper — ela insistiu — ainda pode estar em Casablanca. Talvez tenha chegado apenas cinco minutos antes de nós! Precisamos encontrá-lo! O senhor tem o exército inteiro sob seu comando. Poderíamos capturá-lo e revistá-lo. Foi um anel que ele levou, certo?

— Admiro sua disposição, prima — disse Patton. — Não se preocupe com nada. Garanto que eu terei o anel quando deixar Casablanca. Agora venha. Meu jipe nos espera.

Quando ele se virou para segurar o braço dela, Grace bateu os olhos no bolso da frente de sua camisa. Havia uma pequena saliência ali, aproximadamente do tamanho da órbita vazia do touro. Fingindo um suspiro de cansaço, ela se deixou cair sobre o general, tomando o cuidado de roçar no objeto misterioso escondido sob o tecido da camisa. Era rígido, provavelmente metálico, com um aro arredondado.

Contendo o choque e a fúria que sentia, ela o seguiu para fora da viela e entrou no banco de trás do jipe. O general não tinha como saber que aquela menina havia descoberto seu segredo.

Sim, os Vesper tinham chegado antes que os Cahill e se apoderado do anel. E, sim, Patton não sairia de Casablanca sem o anel.

Como isso era possível?

O Vesper era o próprio general Patton.

***

O primeiro desafio de Grace era sufocar sua raiva. Nada deveria interferir em seu raciocínio.

Ela sabia que, na suíte ao lado, Patton já dormia, desfrutando o duplo triunfo de uma invasão bem-sucedida e de uma vitória dos Vesper. A importância do anel devia ser enorme. A Operação Tocha tinha três pontos de desembarque, e Patton devia ter convencido a Força Armada americana a adotar Casablanca como um desses pontos apenas para poder chegar ao olho do touro. Gênios implacáveis, fora assim que ele descrevera os Vesper. Era verdade, infelizmente. E o velho “Sangue e entranhas” era o mais implacável de todos.

Mas ainda não estava tudo acabado.

Mais uma vez Grace saiu de seu quarto pela janela, agora se arrastando por um beiral estreito que circundava a casa. Avançando descalça, um centímetro de cada vez, foi se aproximando muito devagar da varanda do quarto de dormir principal, o quarto do general.

Era uma noite quente, e a porta-balcão estava aberta.

Grace deslizou para dentro, na ponta dos pés. À direita, podia ouvir a respiração profunda de Patton. À esquerda estava o closet, com os uniformes dele pendurados com precisão militar.

Ela encontrou a camisa azul-claro que ele usara naquela noite e procurou ansiosamente no bolso.

Vazio.

Não entre em pânico. Pela lógica, ele deve ter guardado o anel por aqui.

Grace entrou silenciosamente no quarto; o tapete espesso absorvia qualquer som que ela pudesse fazer. Olhou para o criado-mudo. Havia uma jarra de água e um copo com o liquido pela metade. Segurando a respiração, ela abriu a gaveta. Um relógio de ouro. Nada mais.

Debruçando-se sobre a cama, tentou enxergar as mãos de Patton. O que ela faria se ele estivesse usando o anel? Mas não havia nada nos dedos dele.

Seus olhos foram parar num cabideiro de madeira no qual estava pendurada a roupa que o general iria vestir amanhã: um uniforme de gala com o peito cheio de medalhas. Com certeza ele queria que todos vissem as evidências de sua carreira heroica. Aquelas medalhas eram mais importantes para Patton do que qualquer outra coisa. Exceto, talvez, o anel.

Os olhos de Grace se estreitaram e ela se aproximou para olhar mais de perto. Que lugar melhor para esconder uma joia do que no meio de todo aquele ouro e metal?

Ela arregalou os olhos. Ali estava o anel, entre uma Cruz de Guerra francesa e a medalha do Coração Púrpura. Estava preso a uma fita vermelha, azul e branca fixada ao casaco. Era mais uma entre as dezenas de condecorações.

O anel.

Ela o tirou dali e depois preencheu o espaço vazio com outra medalha que pegou na extremidade do paletó. Pôs o anel no bolso, saiu pela janela, rápida e silenciosamente, e voltou a seu quarto pelo parapeito.

Por fim, examinou o objeto que era alvo de tanta atenção dos Cahill e dos Vesper.

Era de ouro amarelo e mais ou menos do tamanho de um anel de formatura masculino. Em torno do aro, havia curiosas saliências incrustadas e ranhuras minúsculas. Não era especialmente bonito, portanto devia ter alguma função ou significado ocultos.

Não importa o que ele seja. O importante é que você está com o anel e Patton não...

O difícil agora seria sair despercebida de Casablanca, antes que o general descobrisse o desaparecimento do anel.

Ela saiu para o corredor, onde foi parada imediatamente pela sentinela postada da porta do general Patton.

— Me desculpe, senhorita. Tenho ordens de não deixá-la sair.

— Não estou saindo — explicou Grace com um tom despreocupado. Ela mostrou o gesso. — Meu braço está doendo muito.

O soldado assentiu com a cabeça, mostrando-se solidário, e a deixou prosseguir.

Grace desceu a escada correndo e entrou na sala em que o médico tinha engessado seu braço. Numa bandeja de instrumentos, encontrou um bisturi e começou a escavar com ele uma trincheira na parte interna e mais dura do gesso. Trabalhou furiosamente. Se demorasse demais, a sentinela viria procurá-la. Quando o buraco ficou grande o suficiente, Grace enfiou o anel dentro dele, molhou um pedaço de bandagem de gesso, enrolou-a em volta do anel e alisou bem, para que não se destacasse do restante. Arrumando tudo da melhor maneira possível, voltou justamente quando a sentinela começava a descer a escada á sua procura.

— Encontrou o remédio, senhorita?

— Encontrei. Foi difícil pegar o comprimido com uma mão só.

O relógio marcava 3h30. Faltavam duas horas e meia para o voo de Grace.

Durma bem, general. Bons sonhos.

***

A primeira coisa que o general Patton notou na manhã seguinte foi que sua Estrela de Bronze estava no lugar errado.

Inaceitável. Mesmo o soldado mais raso da Força-Tarefa Ocidental sabia que não se devia mexer nas medalhas de um comandante.

Patton chamou seu assessor aos berros, mas nem bem tinha acabado de proferir a primeira sílaba, ele entendeu. O anel tinha sumido

A garota, claro. Ela realmente era fora de série

Mesmo assim, não ia se livrar dessa.

Seu assessor entrou no quarto, esbaforido.

— Sim general!

— Ligue para a pista de pouso! O avião de Grace Cahill não deve decolar de Casablanca!

O homem empalideceu.

— Já decolou, senhor. A senhorita Grace estava com pressa, então nós a levamos à pista de pouso bem cedo. Ela era a única passageira e...

— Mande o avião dar meia-volta e me traga aquela bruxinha acorrentada! — urrou o general.

O assessor se assustou.

— Ela já aterrissou em Lisboa, sob jurisdição portuguesa. Sinto muito, general. Não há nada que possamos fazer.

— Saia daqui! — gritou Patton, e o oficial saiu correndo apavorado.

Derrotado! E por uma garota de 13 anos!

Aqueles Cahill! Eles eram uma pedra no sapato da organização Vesper havia mais de quatro séculos.

Patton estava prestes a enfrentar o exército alemão inteiro, mas o temia menos que aquela maldita família!

Eles tinham recuperado o anel de Gideon Cahill. E agora contavam com uma nova defensora. Uma menina com coragem e astúcia suficientes para superar George S. Patton.

***

No aeroporto dos arredores de Londres, Grace abraçou o bebê Fiske e tentou sorrir para Beatrice. A irmã não se comoveu.

— O que você tem a dizer em sua defesa, Grace? Por onde andou? O que aconteceu com seu braço?

Grace olhou para o lugar onde o gesso novo cobria o anel precioso.

— Isto aqui? Doeu um pouco, mas agora está tudo bem.

Beatrice estava furiosa.

— Não foi isso que eu perguntei! Como você ousa fugir de nós no meio da uma guerra? Quem você pensa que é?

Grace respirou fundo. Os últimos dois dias tinham sido os mais difíceis de sua vida, e ela sabia que ainda haveria muitos outros pela frente. Sentia o peso de sua maravilhosa e terrível família caindo sobre seus pequenos ombros, e a resposta à pergunta de sua irmã ficou óbvia de repente.

— Sei exatamente que eu sou. Sou Grace Cahill.

Amy e Dan Cahill, presente

por Jude Watson

Sensação térmica: não sai do zero.

Confere.

Montes de neve suja na calçada.

Confere.

Prova de matemática amanhã.

Confere.

Completo despreparo para a prova.

Confere.

Nível de tédio com estudos sociais: dez.

(Suspiro.) Confere.

Vida de Dan Cahill: situação normal!

Dan tentou se concentrar. A boca de dona Zapata se mexia, mas as palavras dela eram uma confusão de sons. De vez em quando alguma coisa se destacava, tipo *etruscos.* Uma vez *batalha sangrenta* chamou a atenção de Dan, até ele cair no tédio outra vez.

Já fazia umas cem horas que ele estava preso na aula de estudos sociais. Ok... 42 minutos e 13 segundos. Era a última aula do dia e estava tão fascinante que Dan mal conseguia ficar acordado. Ele olhou pela janela para o céu cinzento de fevereiro e tentou não bocejar.

Em setembro, no meio da caça às pistas, estar na aula de estudos sociais parecia maravilhoso se comparado a ser perseguido, enganado e quase morto por seus parentes. Quando ele e Amy aterrissaram no aeroporto de Logan, depois de toda a aventura, os dois comemoraram. Não viam a hora de voltar para suas vidas. Não viam a hora de ficar mortos de tédio.

Eles só haviam cometido um erro de cálculo, e dos grandes. Tinham se esquecido de como ficar entediado era entediante. Por que Dan não se lembrou do apelido de dona Zapata? Todo mundo a chamava de dona Zzzz porque ela fazia seus alunos pegarem no sono.

O engraçado era que Dan tinha realmente vivido o que dona Zapata contava naquele instante com sua voz monótona. Ele tinha ido ao Egito. Tinha sentido o calor e o gosto da poeira. Tinha sentido a emoção de deslizar pelo Nilo escuro em um barco e passar pelo Vale dos Reis.

Dona Zapata falava como se estivesse lendo as instruções de instalação de uma máquina de lavar louça.

Nesse instante, uma palavra se destacou em meio ao zunido da aula de dona Zapata: *Nefertari.* Dan voltou a prestar atenção.

—... o túmulo mais bonito do Egito — dizia dona Zapata. — Vocês devem conhecer a rainha, porque existe um busto famoso dela.

Uma foto apareceu na proteção de slides.

Dan levantou a mão.

— Essa é Nefertiti — disse. — Uma rainha diferente.

Dona Zapata fez uma expressão aborrecida e olhou suas anotações.

— Você pode estar certo, Dan. Ahn... Vamos em frente.

Outro slide apareceu na tela.

— Essa é a câmara interna do túmulo onde ela foi sepultada.

Dan ergueu a mão outra vez. Dona Zapata fechou os olhos.

— Na verdade, essa é a câmera lateral.

— É mesmo? — Dona Zapata comprimiu os lábios. — E você sabe disso como, Dan?

— Porque... — Dan hesitou.

Porque eu estive lá. Porque fiquei trancado dentro do túmulo com uma ex-espiã da KGB, então acabei conhecendo o lugar muito bem.

— Principalmente considerando que o túmulo está fechado para manutenção — prosseguiu dona Zapata.

Verdade. Mas a gente tinha contato com um egiptólogo. Só que acabamos descobrindo que ele era um ladrão e um mentiroso, então a gente o capturou. Por pouco não quebrei uma lâmpada nele...

Todo mundo estava olhando para ele. Dan não sabia o que dizer. Isso era incomum. Fazia quatro meses que ele tinha voltado à escola, e a história que contaram para explicar o sumiço de cinco semanas foi que ele e Amy tiveram que cuidar de assuntos da família após o funeral da avó. Ninguém podia saber que os dois ficaram correndo atrás de pistas pelo mundo todo. Ninguém podia saber que ele havia ficado preso num túmulo. Ou que tinham atirado nele, ou que ele tinha sido enterrado vivo e quase explodido.

— Devo ter visto em algum lugar — ele resmungou.

Dona Zapata fez força para não parecer contente.

— Vamos tentar nos lembrar de não fazer afirmações que não são verdadeiras, está bem?

Ela deixou o momento se prolongar, enquanto todo mundo se virava na cadeira para olhar para Dan. Ele sabia que todos estavam esperando que ele agisse como Dan, o Cara, respondendo com um comentário engraçado mas não tão desrespeitoso a ponto de metê-lo numa grande encrenca.

— Claro — ele disse.

Dona Zapata voltou a olhar para suas anotações com ar triunfal. Os colegas da classe se viraram para a frente, decepcionados por Dan não ter feito dona Zapata ficar com aquela incrível cara vermelha, que só acontecia quando ela se irritava.

Quatro meses antes, ele e Amy pensaram que seria fácil voltar para suas vidas antigas. Mas não tinha sido assim. Dan sabia que havia mudado. Não sabia como exatamente; sabia apenas que estava diferente. Agora já não se divertia contradizendo os professores ou fazendo a classe inteira gargalhar.

Talvez fosse a falta de sono. Às vezes seus pesadelos o assustavam tanto que ele era obrigado a dormir de luz acesa. Parecia ter dificuldade para retomar a ligação com seus velhos amigos. Parecia não se importar mais com as coisas legais que antes lhe interessavam: histórias em quadrinhos, videogames ou as chances de o Red Sox vencer o campeonato de beisebol na temporada seguinte.

Dan tinha se isolado. E isso, no universo escolar, significava que ele estava caindo de status, se tornando um *loser*, um fracassado.

Quando o sinal tocou, ele deixou a sala rapidamente e se dirigiu à saída. Só respirou fundo ao sentir o ar frio de fevereiro.

A escola de Amy ficava a quatro quarteirões dali, e eles sempre se encontravam na frente de uma cafeteria, no meio do caminho. Depois da escola, se tivessem sorte, haveria pãozinho de canela lá. Havia uma área de carga e descarga bem em frente, onde Fiske ou Nellie podiam estacionar o carro por algum tempo e esperar, se necessário.

Era quarta-feira, então era a vez de Fiske. Nellie, a outra tutora deles, tinha aula à tarde na Universidade de Boston. Eles geralmente ouviam Fiske antes de vê-lo, graças às buzinadas que o tio-avô recebia enquanto fazia suas ultrapassagens. Fiske devia ter estudado na autoescola de Nascar. Ele dizia que o trânsito na cidade era um desafio e que ele era seu mestre.

Amy sempre se preocupava, achando que Fiske ia ser multado. Essa era a irmã de Dan. O dia em que ela não estivesse preocupada com coisas sem importância, ele teria que checar o pulso dela.

Quando ele e Amy retornaram a Boston, queriam que tudo continuasse igual, o que incluía voltar para o apartamento deles. Mas agora que Fiske e Nellie eram seus tutores legais, não demorou muito – apenas duas semanas – para todos perceberem que não ia funcionar. O apartamento era muito pequeno.

Fiske propôs a solução perfeita. Eles se mudaram para Attleboro, para a casa de hóspedes que ficava na propriedade de Grace, a avó deles. Fiske se dedicou aos projetos de reconstrução da mansão de Grace, destruída quase por completo por causa de um incêndio. Mas a casa de hóspedes era perfeita, com uma grande cozinha rústica e espaço suficiente para todos eles. O quarto de Dan dava para um campo e um carvalho. No quarto de Amy havia uma cama com dossel. Saladin tinha um assento na janela com vista para o jardim. Tinha sido fácil se instalarem ali.

Especialmente porque agora eles eram riquíssimos. Além dos 2 milhões que tinham recebido por encontrar o soro de Gideon, o antepassado deles, descobriram que Grace havia deixado o restante de seu patrimônio em custódia para os netos. Isso significava que eram quaquilionários. Uma sensação estranha. Ele e Amy provavelmente poderiam ir de limusine para as escolas todos os dias, mas os dois sabiam que não eram do tipo que anda de limusine.

Eles não faziam ideia de como ser ricos.

— Hora do lanche — disse Dan enquanto se aproximava da irmã. — Fiske ainda não está à vista. A esta altura, ele deve estar a cem por hora numa região onde a velocidade máxima é cinquenta.

Amy olhou para a rua.

— Ele pode chegar a qualquer instante.

— Vamos lá, Amy, os pãezinhos de canela estão nos chamando — Dan pôs a mão em concha perto da orelha da irmã. — Está ouvindo? “Amy? Dan?” — ele disse com voz de falsete. — “Venham experimentar a delícia de doce grudento que eu sou!”

Então ele percebeu que Amy estava com *aquele* olhar, como se quisesse que a rua se abrisse ao meio para que ela pudesse enfiar a cara lá dentro. Dan viu a turma descolada da escola de Amy numa mesa do lado de fora do café. Era por isso que ela não queria entrar. Evan Tolliver estava na cabeceira da mesa. Dan soltou um suspiro. Evan, o computador humano, era o garoto dos sonhos de Amy. Sempre que Evan estava por perto, ela voltava a gaguejar.

— Desculpe, eu não tinha visto o Luke Skywalker — disse Dan. — Ou será que é o Darth Vader?

— Xiu, fique quieto — pediu Amy. Seu rosto estava vermelho. — Ele está vindo para cá.

— Quer dizer que Evan Tolliver em pessoa está prestes a pôr os pés nesta calçada? Você trouxe as pétalas de rosas?

— Cale a boca, seu tonto! — disse Amy, furiosa.

— Oi, Amy — disse Evan atrás dela.

A cor de Amy passou do rosa claro ao vermelho-tomate. Ela lançou a Dan um olhar que dizia que ele estava seriamente encrencado.

— Olá, Evan — disse Dan. — Sou Tonto, o irmãozinho da Amy. Muito bom de conhecer você, cara.

Amy se virou e com isso escondeu Dan de Evan.

— O-oi, Evan.

— Ainda bem que eu te vi, Amy. Você já escolheu um tema para o seu trabalho de inglês? — ele perguntou. — Estou meio preocupado com isso.

— É? Estou com algumas ideias, mas...

Dan concluiu que era um ótimo momento para pressionar o botão MUDO em sua cabeça, sempre pronto para ser acionado assim que Amy começava a falar da escola.

Nesse instante, ele ouviu o som de uma buzina e olhou para a fila de carros que aguardavam para virar a esquina. Uma motocicleta costurava o trânsito, tentando abrir caminho para pegar a pista da direita. Enquanto Fiske acelerava para fazer a curva, a motocicleta fechou um caminhão de entregas para poder segui-lo. Quando Fiske parou junto ao meio-fio, a moto estacionou atrás dele e o motoqueiro desceu.

Era um motoqueiro grandão, do tipo que mete medo. Usava perneiras de couro, jaqueta de couro, botas de couro, e por trás de seus óculos de sol pequenos e redondos, seus olhos também deviam ser de couro.

— Ahn... Amy? — disse Dan, ainda olhando para o motoqueiro assustador, que estava tirando o capacete bem devagar.

Ele tinha uma juba de cabelos pretos e cacheados, o que não diminuía seu jeito de *bad boy.* Nem um pouquinho.

O motoqueiro foi caminhando na direção de Fiske bem devagar. *Para prolongar a agonia,* imaginou Dan.

Fiske ainda não o tinha visto. Debruçou-se sobre o banco do passageiro e acenou para Dan, que fez um gesto nervoso, apontando para o motoqueiro assustador. O sujeito tinha seguido Fiske, não havia dúvida. Fiske interpretou mal o gesto de Dan. Indicando seu relógio, fez que não com a cabeça.

Enquanto isso, Amy ainda tentava pronunciar uma frase.

—... eu estava pensando que t-talvez...

— Amy!

O sujeito estava quase se aproximando da janela aberta do motorista. Dan fez um gesto de cabeça na direção dele e arregalou os olhos para Amy. Eles já tinham sofrido tentativas de sequestro, tentativas de assassinato, e encontrando malucos em número suficiente para terem um instinto bom para esse tipo de coisa.

Amy olhou de relance, enquanto o motoqueiro assustador tirava algo de seu cinto e se inclinava na direção de Fiske. Este finalmente se virou e o viu. Amy e Dan perceberam o medo estampado em seu rosto.

— Nããããããão! — gritaram Amy e Dan, avançando juntos.

O tempo desacelerou, algo que, como Dan sabia por experiência própria, muitas vezes acontece quando se está no ar, acima do chão. Quando os dois saltaram sobre o capô do carro de Fiske (oops, amassado) e Dan arrancou um limpador de para-brisas com a intenção de usá-lo como arma (provavelmente não era a melhor das ideias, mas, puxa, ele estava improvisando), o motoqueiro assustador já tinha dado meia-volta.

Ele se afastou pisando forte com suas botas de motoqueiro. Caminhou depressa até sua moto, sem dar a impressão de estar apressado. Recolocou o capacete, ajustou os óculos de sol e saiu em alta velocidade, costurando o tráfego pesado como fumaça.

O rosto de Amy estava pressionado contra o para-brisa. Dan segurava o limpador no alto, como se fosse um cassetete.

E Evan Tolliver estava parado na calçada, olhando para eles com expressão confusa.

Dan acenou para Evan com o limpador de para-brisa.

— Ei, cara. Não queríamos perder nossa carona.

— Tudo bem — disse Evan.

Com um sorriso frouxo e intrigado, ele deu meio volta e retornou ao café.

— Vocês dois estão bem? — perguntou Fiske.

Em resposta, Amy apenas bateu a cabeça de leve no para-brisa.

— O que ele queria? — perguntou Dan com a voz estrangulada.

— Ele perguntou se eu ia demorar muito — respondeu Fiske. — Disse que queria tomar um café com leite. Acho que vocês dois o assustaram.

Eu mudei mesmo, pensou Dan, entregando o limpador de para-brisa a Fiske. *Enxergando um potencial perigo em cada encontro casual? Confere.*

***

Amy tinha feito tudo como sempre fazia. Arrumado seus materiais de pesquisa. Afiado seus lápis. Aberto um pacote novo de fichas de anotação. Feito um carinho em Saladin, que piscou para ela e se aninhou na ponta da cama. Ela estava pronta começar a redigir seu trabalho.

Se ela apenas pudesse parar de pensar na cara de Evan Tolliver quando ela correu pela calçada, saltou sobre o capô de Fiske e acabou com o rosto grudado no para-brisa!

Humilhação no ensino médio? Ela *vivia* para isso.

Bem na hora que estava conseguindo conversar normalmente com Evan! Ele até tinha levantado da mesa só para falar com ela! É verdade que foi para falar de um trabalho, mas Amy não imaginava que Evan sequer notasse que ela era uma forma de vida de carbono. Ele até disse que havia gostado da blusa dela! Que combinava com os olhos dela. Isso significava que ele tinha reparado em seus olhos, certo?

E então Amy havia estragado tudo ao dar ouvidos ao irmão menor, quase agredindo um motoqueiro que só queria tomar um café.

O que será que Evan tinha dito aos outros, quando voltou para a mesa? Será que no dia seguinte Amy teria um novo apelido no colégio? *Ei, Chuck Norris! Você me empresta suas anotações, Jackie Chan?*

Amy fechou os olhos e escondeu o rosto nas mãos. Sua vida estava acabada.

No piso térreo da casa, tudo estava em paz. Fiske geralmente passava os fins de tarde trabalhando na reforma e restauração da mansão Cahill. Havia instalado uma mesa na biblioteca e nela espalhara desenhos de cada cômodo. Eles tinham passado noites tentando lembrar cada detalhe na casa que Amy e Dan amavam.

Não, a poltrona não era azul. Era, tipo, meio azul, meio lilás. Grace dizia que a cor a fazia lembrar das hortênsias de Nantucket.

Sim, ela pendurava todas as chaves no vestíbulo, naqueles ganchos velhos de cobre que ela comprou num mercado de pulgas em Paris.

Fiske fazia anotações e escrevia instruções sobre todos os desenhos com letras pequenas. Queriam recriar a casa exatamente como era quando Grace estava viva. Procurariam antiguidades, substituiriam os vitrais da torre menor. Os assentos sob as janelas, o tapete chinês na sala de estudos, a mesa cheia de marcas na cozinha...

Tentariam recriar tudo isso o mais fielmente possível. Trariam Grace de volta até onde pudessem. Custaria uma fortuna, mas eles tinham uma fortuna para gastar. Engraçado como o esforço para recriar a casa aproximou os três. Era mais fácil contar histórias sobre uma cadeira favorita ou uma pintura que falar de sentimentos. Era como se Grace os estivesse aproximando. Eles eram quase uma família. Quase... mas não ainda.

Fiske era um sujeito difícil de conhecer. No início tinha sido esquisito viver com um estranho.

Amy sabia que, para Fiske, havia sido difícil começar a cuidar de dois adolescentes. Ele não estava acostumado a lidar com coisas como reuniões de pais e mestres, festas de pijama, compra de árvore de Natal. Por sorte, eles tinham Nellie e a família Gomez para ajudar. Nellie fazia o que Fiske não conseguia: os levava às compras quando precisavam de roupas para o

colégio, ou cadernos, ou equipamentos esportivos. Ela acompanhava suas atividades diárias e decidia sobre limites de uso de celulares e computadores. As coisas estavam funcionando como deveriam, desde que não se levasse em conta o fato de haver um grande vazio onde antes existia alguém.

Sinto tanta falta de Grace, pensou Amy. Ela só queria conversar com Grace, dizer-lhe que as coisas estavam indo basicamente bem.

Amu erguer a cabeça. Que barulho tinha sido aquele? Na casa de hóspedes eles geralmente não ouviam ruído nenhum vindo da rua. A casa ficava longe da via, no fim de um caminho de terra atrás da mansão. Amy foi até a janela. As sombras formavam manchas azuis sobre a neve, e o sol já estava baixo no céu. Nada se mexia. Devia ter sido imaginação dela.

Amy viu o jipe amarelo de Nellie estacionado de um jeito estranho ao lado da porta dos fundos, como se ela tivesse parado às pressas.

Mas não tinha sido o som normal do jipe.

Então ela ouviu vozes. Vozes falando alto.

Será que Nellie e Fiske estavam discutindo?

Amy se levantou e foi até o topo da escada na ponta dos pés, calçando apenas suas grossas meias de lã.

—... muito cedo! — disse Nellie.

Dan saiu do quarto dele e viu a irmã na escada. Ergueu as sobrancelhas.

— Eles estão discutindo — cochichou Amy.

— Não consigo ouvir nada — reclamou Dan.

Amy se inclinou e tirou os fones dos ouvidos de Dan.

— Você tem certeza de que eles estão preparados para isso? — A voz de Nellie soou clara de repente. — Dissemos que eles precisavam de tempo...

Foi o bastante. Amy nem precisou dizer nada a Dan. Os dois avançaram juntos e desceram rapidamente a escada. De jeito nenhum eles iriam ficar de fora daquela conversa.

Eles não eram apenas adolescentes; eram do clã Madrigal. Eram da elite dos Cahill, e já haviam percorrido o mundo e encarado tudo que a vida tinha jogado em sua direção. Não permitiriam que ninguém os deixasse de fora.

— Preparados para o quê? — Amy e Dan perguntaram juntos, entrando na biblioteca de supetão.

Nellie e Fiske estavam em pé ao lado da mesa de trabalho do tio-avô, perto da lareira. Nellie tinha as mãos nos quadris, uma indicação de que estava pronta para brigar. Fiske, alto e pálido, usava seus costumeiros jeans e suéter pretos. Ao vê-los, ele se virou, assustado. Por um instante, Amy notou a tristeza de Fiske quando pousou o olhar sobre eles, e o medo começou a se formar dentro dela.

— Ei, crianças — disse Nellie com voz suave. — Aconteceu uma coisa.

Amy sentiu um nó na garganta.

—– O quê?

— Queríamos esperar o máximo possível — interveio Fiske.

— Queríamos que vocês se sentissem em segurança tanto quando pudessem — acrescentou Nellie.

Então isso significava, Amy deduziu, que eles não estavam em segurança. Ela levantou o queixo.

— É melhor nos contar tudo, então.

— Eles são Madrigal. Está na hora de saberem.

A voz vinha de trás deles.

Amy girou o corpo. Ela e Dan estavam tão concentrados em Nellie e Fiske que não notaram o sujeito no canto da sala. Teria sido porque ele estava na sombra ou porque estava tão imóvel?

— O motoqueiro assustador! — sussurrou Dan.

Agora que o motoqueiro estava sem óculos, Amy pôde ver seus olhos. Eram acinzentados e penetrantes.

— Amy e Dan, este é Erasmus — apresentou Fiske.

— Você disse que ele só queria um café com leite — Amy lançou um olhar rápido para Fiske.

— Eu só precisava passar uma mensagem a Fiske — disse Erasmus. — Ele é um sujeito difícil de contatar. Parece até que não quer ser encontrado.

— Não sei de onde você tirou essa ideia — retrucou Fiske.

— Tive que segui-lo e jogar um telefone celular seguro no colo dele.

Então era isso que ele procurava no bolso quando Amy e Dan correram em direção ao carro, ela se deu conta. Um celular. Não uma arma.

Fiske pigarreou outra vez.

— Talvez vocês já tenham deduzido que Erasmus é um Madrigal como vocês.

— Conte a eles — pediu Erasmus.

Ele atravessou a sala e foi se postar ao lado de Nellie. Fiske, então, pareceu estar sobre um palco, pressionado a falar. Ele pigarreou.

— Ahhn... Por onde começar?

— Do começo — sugeriu Nellie. — Por Madeleine.

Nervoso, Fiske debruçou-se sobre a mesa de trabalho, juntou algumas aparas de lápis na palma da mão e as colocou no bolso. Fiske fazia coisas desse tipo o tempo todo. Engraçado, sua mente era ao mesmo tempo dispersiva e incrivelmente focada.

— Madeleine recebeu uma herança da mãe — ele começou. — Antes de morrer, Gideon deu um anel a Olivia. Ela protegeu o anel com a própria vida. Os Madrigal o vêm protegendo desde então, geração após geração.

— Por quê? É tão valioso assim? — perguntou Amy.

— Seu valor é inestimável — respondeu Fiske. — Sabemos que o anel foi feito no mundo antigo. Mas não é por isso que o protegemos. Seu valor é muito maior. Só não sabemos que valor é esse.

— Grace estava com o anel — adivinhou Amy.

— Grace foi a última Madrigal a ter a posse do anel — assentiu Fiske.

— Ele está aqui? — quis saber Dan.

Fiske fez que não com a cabeça.

— Está na caixa-forte de um banco.

— Então... qual é o problema? — indagou Amy.

Porque, sem dúvida, havia um problema.

— Vocês se lembram de que, depois de passarem pelo desafio, nós lhe contamos sobre outra família, um grupo que odeia os Cahill? — perguntou Fiske.

— Isto não está me cheirando bem — Dan resmungou baixinho.

— São os Vesper. Eles não são exatamente uma família de sangue, embora pelo menos um deles seja descendente de Damien Vesper, que, por sua vez, era amigo de Gideon Cahill; depois, virou seu inimigo mortal. Não sabemos muito sobre os Vesper hoje. São uma organização secreta e recrutam pessoas. Cientistas, industriais, agentes militares, criminosos... pessoas que buscam o poder e não se importam com os meios.

— Eles querem o soro. Sabemos disso — comentou Erasmus. — E também querem o anel. Estão atrás do anel há séculos, desde que perceberam que os Madrigal o estavam escondendo.

— Você sabe quem são eles? — perguntou Amy.

Erasmus sacudiu a cabeça.

— Esse é o problema. Já identificamos alguns possíveis Vesper, mas não temos provas concretas e não fazemos ideia de quem os lidera. Apenas de vez em quando recebemos relatórios que nos permitem saber que eles ainda estão à procura do anel. Essa atividade se intensificou recentemente. É preciso mudar o anel de lugar.

— E onde está esse anel? — perguntou Dan.

— Na Suíça — foi a vez de Fiske responder.

— Está no cofre de uma conta numerada em um banco de lá. Eu tenho a chave do cofre. Se alguma coisa me acontecer, a chave deve ficar com Amy.

— Comigo? — disse Amy.

— Grace queria que você e Dan estivessem presentes quando eu abrisse o cofre. Ela não queria que esse dia chegasse tão cedo — disse Fiske gentilmente, olhando para Amy. — Mas sabia que vocês dois seriam fortes o bastante para lidar com isso.

Os olhos de Amy ardiam com as lágrimas que ela segurava. Cada vez que ouvia Fiske dizer o quanto ela e Dan tinha significado para Grace, sua vontade era de desabar e chorar alto como um bebê.

— Espere aí — interveio Dan. — Vocês acabaram de dizer que os Vesper estão se mobilizando. Vocês acham que eles estão nos vigiando?

Fez-se um silêncio breve.

— É possível — admitiu Erasmus. — Se for isso mesmo, ajudaria a desmascará-los.

— Você quer dizer que somos iscas? — perguntou Dan. — Legal!

— De jeito nenhum — objetou Fiske. — Jamais colocaríamos você e Amy em perigo. Vocês já enfrentaram o suficiente.

— Mais do que o suficiente — confirmou Nellie.

— Estamos tomando todas as precauções — disse Erasmus. — Temos reservas de avião do aeroporto de Boston para um resort tropical. Três Madrigal vão servir de isca.

— Inclusive eu — informou Nellie. — Será muito difícil ser obrigada a passar cinco dias na Costa Rica, mas, ah, por vocês dois eu faço qualquer coisa.

Um cantinho da boca de Erasmus se ergueu.

— Sim, Nellie, sabemos o quanto você odeia sol e praia. O importante é que ninguém vai saber que vocês dois vão para a Suíça. Vocês embarcam em Providence, Rhode Island.

— Quando? — Dan quis saber.

— Esta noite — respondeu Fiske.

***

— Como nos velhos tempos — comentou Dan quando desceram do avião no aeroporto de Zurique na manhã seguinte. — Só dormi três horas, o café da manhã estava horrível e sinto como se tivesse um balde de areia nos olhos.

— Devem ser os farelos das batatinhas fritas — disse Amy. — Você comeu cinco saquinhos no avião.

— Eu estava com fome!

— Eu estava tentando dormir! Foi um *croc, croc, croc* no meu ouvido a noite inteira.

— Gente, um pouco de atenção aqui, por favor? — Fiske sufocou um bocejo. — Vamos para o hotel tomar um banho, comer alguma coisa, e depois poderemos ir ao banco.

— Este é o aeroporto mais limpo que já vi na vida — disse Dan, observando o corredor reluzente e os corrimãos de aço inoxidável.

— Bem-vindo à Suíça — disse Fiske — onde tudo funciona.

Eles seguiram as indicações para chegar ao trem que os levaria até o terminal principal. Não tinham despachado nenhuma bagagem. Amy e Dan estavam acostumados a viajar sem muita coisa. Os três levavam mochilas e Fiske carregava também uma sacola de lona com um guia de viagem e alguns jornais.

Embarcaram com uma multidão de outros passageiros cansados. O trem passou rapidamente por um túnel de concreto, enquanto uma voz transmitia informações sobre o terminal em várias línguas.

— A Suíça tem quatro línguas oficiais — informou Fiske. — Alemão, francês, italiano e romanche. A maioria das pessoas também fala inglês. Mas em Zurique vamos ouvir mais alemão.

— Veja, Amy — disse Dan. — Heidi está mandando um beijo.

De fato, uma imagem em movimento apareceu projetada em uma janela. Uma mulher de tranças num campo alpino acenava e se inclinava para a frente, mandando um beijo.

— Uau, olha só isso. Eu adoraria conhecer os Alpes — propôs Amy.

— Nesta viagem não vamos ter tempo para isso — lembrou Fiske. — Depois do banco, será mais seguro deixar o país. Vamos fazer o seguinte: logo após dar entrada no hotel, vou levar vocês ao Café Schober para outo café da manhã. Lá servem o melhor chocolate quente do mundo.

Eles desceram do trem no terminal principal e seguiram as placas que indicavam bagagens e táxis.

— Uau, não podemos ficar e comprar chocolate? — perguntou Dan, voltando a cabeça para olhar a profusão de lojas. — Ou um relógio?

— A Suíça também é conhecida por seus bancos — disse Fiske. — Vamos experimentar isso em vez de chocolate.

Quando alcançaram a saída, viram um motorista de casaco grosso de lã e boina segurando um cartaz: SMITH.

— Somos nós — disse Fiske.

— Smith? — perguntou Dan. — Foi o melhor que você pôde inventar?

— Gosto de um codinome fácil.

— Senhor Smith? — perguntou o motorista, formal, quando eles se aproximaram. — Deixe que eu levo suas malas, senhor. O carro está logo ali.

— Não temos malas — disse Fiske. — Estamos prontos pra partir.

Eles seguiram o motorista até um automóvel preto estacionado com outras limusines e carros alugados. Amy e Dan jogaram suas mochilas no porta-malas, juntamente com a de Fiske.

— Estaremos no Widder Hotel em poucos minutos senhor — avisou o motorista.

— Ótimo — disse Fiske.

O motorista segurava a porta aberta, mas de repente Fiske cambaleou e se apoiou na lateral do carro.

— Você está bem? — indagou Dan.

Fiske enxugou a testa.

— Senti uma tontura, mas já passou. Esqueci de tomar meu remédio no avião.

— Que remé... — Dan começou a perguntar, mas Amy pisou no pé dele.

Alguma coisa estava errada.

— Você esqueceu de novo? — ela disse com voz preocupada.

— Você pode pegar minha mochila? — Fiske pediu ao motorista.

— É claro, senhor.

Assim que o motorista foi para a parte de trás do carro, Fiske fez um gesto com a cabeça para se afastarem. Os três saíram correndo pela calçada em direção ao ponto de taxi. Fiske fez sinal para um taxi que acabava de deixar um passageiro. Impelindo-os para a frente, correndo, Fiske se desviou do passageiro, empurrou Dan e Amy para o banco de trás e entrou em seguida.

— Dirija! — ele gritou para o motorista.

— É claro. É o que fazemos neste tipo de situação. Mas para onde, senhor?

— Qualquer lugar! A igreja de Fraumünster! Rápido, rápido! — ordenou Fiske.

— O que foi que aconteceu? — Dan explodiu.

— Eu não tinha dito à empresa em que aluguei o carro para que hotel íamos — explicou Fiske.

Eles absorveram a informação lentamente, como um pé afundado na lama.

— Eles sabem que estamos aqui — murmurou Amy.

Ela se virou para trás e olhou a rua. Estava cheia de automóveis pretos. Impossível saber se estavam sendo seguidos.

Fiske se inclinou para a frente.

— Pegue aquela saída! — disse ao motorista.

— Agora?

— AGORA, JÁ! — gritaram os três.

O carro deu uma guinada e saiu da avenida. Amy, Dan e Fiske se voltaram para olhar pela janela traseira. Viram um carro preto atravessar duas pistas na tentativa de também pegar a saída, mas com muitos pneus guinchando e carros buzinando, foi obrigado a permanecer na avenida.

— Lá se vai minha blusa de casimira verde — lamentou Amy, pensando no que havia em sua mochila.

Era o suéter que Evan tinha elogiado. E agora estava perdido.

— Você está falando como Natalie Kabra — disse Dan. — E eu que perdi meu iPod? Isso, sim, é trágico!

— Pelo menos ainda temos nossos celulares — disse Amy.

— Não se preocupem, estou com os cartões de crédito — observou Fiske. — E com uma bolsa — acrescentou, sorrindo e erguendo a sacola de lona. — É melhor irmos direto ao banco. Acabamos de comprar um pouco de tempo para nós. Mas é melhor correr. — Virou-se para o motorista. — Vá para a rua Bahnhofstrasse, por favor.

***

Fiske enlouqueceu o taxista, obrigando-o a virar esquinas, entrar em estacionamentos e sair de ré, desviando-se muitas quadras do caminho, até terem a certeza de não estar sendo seguidos. O motorista pareceu aliviado quando eles finalmente desceram do carro.

O banco ficava numa rua de alto padrão, com pedestres elegantes e lojas de grife. Fiske, Amy e Dan olharam para o edifício de pedra cinza. De repente, sentiram-se desgrenhados e com roupas esportivas demais para se aventurarem no interior do prédio. Dan e Amy vestiam jeans e parcas pesadas, enquanto Fiske usava seu jeans preto de praxe, dessa vez com um gorro preto e uma jaqueta grossa de lã.

— Estamos parecendo assaltantes — brincou Dan.

— O que é uma conta numerada? — Amy perguntou a Fiske.

— É uma conta identificada por um número na documentação, em vez de um nome — explicou Fiske. — Mas não é uma conta anônima. O banco conhece Grace Cahill. Eles estão nos aguardando.

No interior do banco, o piso era todo de pedra polida. Sobre um belo tapete de cores que pareciam joias, via-se uma escrivaninha antiga. Um homem de terno cinza estava sentado à mesa, atrás de um computador, e um guarda postava-se a seu lado.

— Posso ajudá-lo, senhor?

O olhar do homem avaliou com frieza a aparência deles, de típicos turistas americanos. Fiske tirou o gorro rapidamente, o que apenas agravou a situação: desarrumados, seus cabelos o faziam parecer um gato cinza de pelos arrepiados.

— Estou aqui para acessar uma conta numerada.

O homem empurrou o teclado na direção de Fiske.

— Digite o número, por favor.

Fiske digitou um número. O homem olhou para a tela. Demorou um pouco, mas Amy teve a certeza de ouvir o estalido de gelo derretendo quando ele entendeu que se tratava de muito dinheiro.

— É claro, senhor. Seja bem-vindo — ele pressionou algumas teclas. — Para sua proteção, senhor, posso ver seus passaportes?

Os três lhe entregaram os documentos, e o homem os escaneou e salvou as imagens no computador.

— Podem entrar.

Uma porta dupla de aço atrás dele se abriu silenciosamente.

Uma mulher já estava ali, esbelta e elegante em um *tailleur* escuro. Seus cabelos grisalhos eram curtos e espetados, e seu olhar, prático e direto por trás de óculos de aro preto retangular. Ela falou com um ligeiro sotaque alemão.

— Seja bem-vindo, senhor Cahill. Sou *frau* Bodner, responsável pela conta de Grace Cahill. Nós, aqui do banco, lamentamos a notícia da morte dela.

— Obrigado. Estes são Dan Cahill, neto de Grace, e Amy Cahill, sua neta.

Frau Bodner olhou para Amy.

— Ela está na conta, juntamente com o senhor.

— Sim.

— Vou atender os senhores, mas primeiro, sinto muito pedir isso, exigimos um escaneamento de retina. A segurança, como não poderia deixar de ser, é a nossa primeira preocupação.

— É claro.

A mulher os conduziu a um painel. Amy aproximou o olho da tela. Ouviu um zunido baixo e então se afastou. Fiske fez o mesmo, e depois Dan.

— Agora os senhores constam em nossos registros. Podemos prosseguir.

Mais uma porta, esta de madeira acetinada, se abriu deslizando. Eles se viram em um corredor com carpete macio e parede de lambris de nogueira escura. No fim dele, vários elevadores. *Frau* Bodner passou seu cartão magnético no painel do elevador. As portas se abriram. Ela os convidou a entrar primeiro e depois os seguiu, passando o cartão novamente.

O elevador subiu até o vigésimo andar. Amy se sentiu um pouco tonta. Parecia que ontem mesmo ela estava em Attleboro fazendo sua lição de casa e tentando não pensar em Evan. *Na verdade, foi ontem mesmo,* ela observou. Mas agora ela estava subindo até o andar seguro de um banco suíço em busca de um anel antigo. Mais um legado de Grace, mas uma tarefa que sua avó parecia ter pensado que eles seriam capazes de lidar. Talvez eles só fossem corajosos porque Grace esperava que fossem.

As portas se abriram para um corredor todo cinza: paredes cinza, carpete cinza e portas de aço inoxidável.

Frau Bodner os conduziu até uma porta decorada com pedaços de aço torcidos em um arranjo complexo, que não disfarçava, porém, o fato de serem grandes.

Um segurança com fone de ouvido estava plantado diante a porta. *Frau* Bodner assentiu com a cabeça, passou seu cartão de segurança pela abertura e pressionou um olho no leitor de retina. Em seguida, digitou um código.

Aquele lugar tinha mais restrições de segurança que Fort Knox. Amy enxugou as palmas úmidas em seu jeans. Grace não era uma pessoa que apreciava segurança *high-tech*. Ela confiava nas pessoas que conhecia havia anos, como William McIntyre, que trabalhava em um dos escritórios de advocacia mais antigos e mais conservadores de Boston. Amy não conseguia imaginar sua avó ali. O que teria levado Grace a viajar milhares de quilômetros até aquele lugar frio e nada acolhedor?

Alguma coisa tão preciosa, que ela faria de tudo para proteger.

— Por aqui.

Eles seguiram *Frau* Bodner para outra sala, que parecia um enorme cofre-forte. O segurança entrou depois deles. A mulher digitou um número na tela, e uma parede cheia de caixas numeradas deslizou silenciosamente para o lado. *Frau* Bodner foi até uma das caixas e com um gesto chamou Fiske. Pôs a chave dela na fechadura, e Fiske colocou a dele. Os dois viraram as chaves, e a caixa deslizou para fora.

Era maior que Amy tinha imaginado: do tamanho de uma maleta pequena de mão, porém mais estreita. E era de metal. *Frau* Bodner caminhou com a caixa em direção à parede oposta, onde havia uma série de portas de aço. Ela passou o cartão diante de uma das portas.

Eles a seguiram e entraram numa salinha. Havia uma mesa, algumas cadeiras e, uma bandeja de prata, uma garrafa d'água e copos.

— Levem o tempo que quiserem — disse *Frau* Bodner. — Quando terminarem, pressionem este botão. O segurança me avisará e eu os conduzirei para fora.

Fiske agradeceu. Ela assentiu com a cabeça e saiu. A porta se fechou com um clique.

A caixa repousava no centro da mesa. Eles a olharam fixamente.

— Não seria bacana se ela estivesse cheia de joias valiosíssimas? — sussurrou Dan. — Ou de barras de ouro?

Amy olhou para a caixa.

— Está se achando um pirata, é? Já temos dinheiro aos montes.

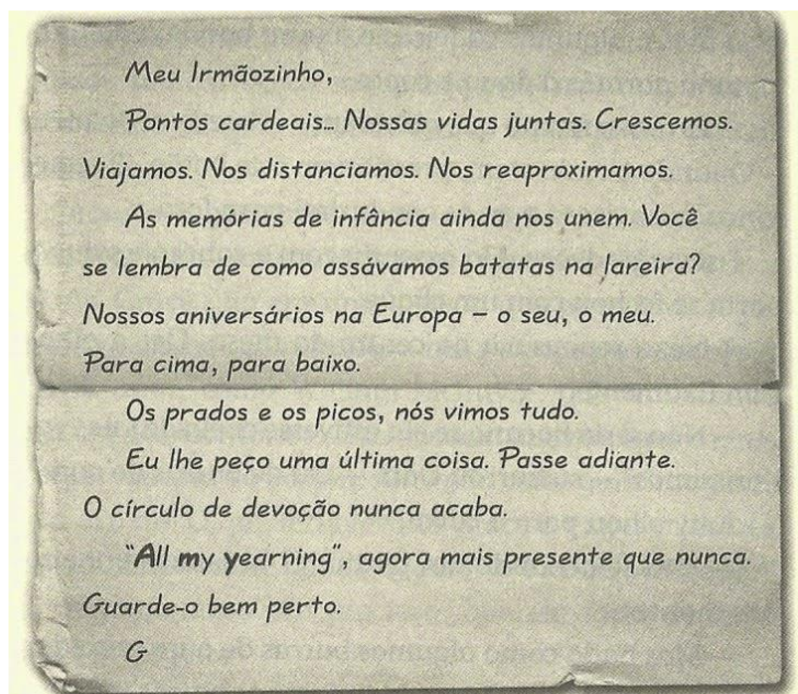
— Mas nada como algumas barras de ouro para dar mais autenticidade. Eu poderia fazer barras virarem um colar. Jonah Wizard ia morrer de inveja...

Amy olhou para Dan. Será que ele estava dizendo tanta bobagem porque estava nervoso ou porque estava entusiasmado com a situação? Ele parecia estar *curtindo* tudo aquilo. Será que não queria estar em Attleboro, sentado na sala da casa deles? Ela com certeza queria.

Fiske se sentou numa cadeira, pegou a caixa e a puxou para si. Respirou fundo e a abriu.

Amy se inclinou para olhar. A única coisa que havia dentro da caixa era um envelope endereçado a Fiske com a letra de Grace.

Fiske o abriu e tirou de lá uma toalha de papel. Colocou a página em cima da mesa, para que todos pudessem ler juntos.



Meu Irmãozinho,

Pontos cardeais... Nossas vidas juntas. Crescemos. Viajamos. Nos distanciamos. Nos reaproximamos.

As memórias de infância ainda nos unem. Você se lembra de como assávamos batatas na lareira? Nossos aniversários na Europa – o seu, o meu. Para cima, para baixo.

Os prados e os picos, nós vimos tudo.

Eu lhe peço uma última coisa. Passe adiante. O círculo de devoção nunca acaba.

"**All my yearning**", agora mais presente que nunca. Guarde-o bem perto.

G

— Amy — disse Dan, cutucando a irmã. — Faz um favor pra gente? Não vai ficar toda emo aqui.

— Não estou chorando — falou Amy, enxugando os olhos. — Mas o bilhete... é tão triste!

Fiske olhou dentro da caixa outra vez. Deu um tapinha nela.

— Mas onde está o anel?

Eles se debruçaram sobre o papel outra vez. Amy esticou a mão e tocou a folha. Ver a letra de Grace sempre a fazia chorar.

— “O círculo da devoção” — ela sussurrou.

Dan bufou.

Amy revirou os olhos, irritada.

— Não banque o sarcástico agora. O bilhete é lindo.

— É meloso — disse Dan. — E Grace não era melosa.

Amy abriu a boca para protestar, mas Fiske voltou-se para Dan com o olhar aguçado.

— Ele tem razão. Prossiga, Dan.

Dan olhou fixamente para o papel.

— Isto é algum código. Grace não escrevia assim, toda poética e sentimental. Ela dizia o que queria e pronto. “All my yearning”... Toda a minha saudade... Isso é uma música? Deve ser péssima!

— Vejam as iniciais de “All my yarning” — alertou Fiske. — Estão um pouquinho mais escuras.

— A, M, Y — leu Dan. Ele olhou para Amy. — Ah, não! De novo!

Amy fungou e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— “Amy agora mais presente do que nunca” — ela leu. — Foi isso que ela quis dizer.

— Você é a próxima Madrigal a proteger o anel — concluiu Fiske.

— É... — disse Dan. — A gente só precisa encontrá-lo.

— “Pontos cardeais” — murmurou Fiske. — Por que...

Ele parou de falar de repente, ao ver uma luz vermelha se acender e começar a piscar. Fora da sala soava uma sirene.

Houve uma batida seca à porta e depois ela se abriu. Era o segurança.

— Desculpem-me — ele disse com sotaque alemão. — O banco foi invadido por assaltantes armados. Precisamos sair daqui imediatamente.

***

Ladrões ou... Vesper? Nenhuma hipótese era boa, concluiu Dan.

— Rápido! — disse o segurança, enquanto Fiske enfiava o papel no bolso e fechava a caixa.

Ao chegarem ao corredor, eles foram em direção ao elevador, mas o guarda falou rapidamente:

— Não! Vamos pegar outro elevador, ele nos levará até a garagem no subsolo.

Em seguida, disse algumas palavras apressadas em alemão pelo rádio. Desceram o corredor às pressas. Dan sentia o coração bater forte no peito. Era uma espécie de flashback estranho da caça às pistas. Só que eles não estavam sendo caçados por pessoas da família Cahill, e sim por estranhos armados. Ele não sabia bem se aquilo era incrivelmente legal ou incrivelmente assustador.

Tudo que sabia era que não estava entediado. E isso lhe dava uma sensação estranhamente prazerosa.

O segurança se movia com rapidez e eficiência. Passou o cartão para ter acesso à área dos elevadores, mas seus olhos se voltavam a todo instante para o corredor, tensos. Verificou o cinto, tocando nervosamente o coldre da arma e um dispositivo que talvez contivesse spray de pimenta. Dan torceu para que não fosse o primeiro dia de trabalho dele.

As portas do elevador se abriram e eles entraram depressa. Quando o segurança esticou o braço para apertar o botão do subsolo, o punho de sua manga subiu um pouco, e Dan viu parte de uma tatuagem no pulso dele.

Alguma coisa fez cócegas em sua memória. Enquanto o elevador descia, acelerado, ele foi atrás dessa lembrança. Aquela tatuagem era símbolo de alguma coisa... mas do quê?

Eu sei o que é, eu sei, eu sei!

Algum símbolo antigo que ele tinha visto na China? Um caractere estranho que tinha visto de relance no Japão ou na Coréia? Ou seria algum deus do antigo Egito? Fosse o que fosse, estava deixando Dan inquieto.

— Isto é maluquice! — explodiu. — E se os assaltantes estiverem lá embaixo nos esperando? — Amy o olhou com uma expressão estranha ao vê-lo tão histérico. — Você não pode nos proteger! — gritou Dan, agarrando o braço do segurança.

— Fica *frio*, está tudo sob controle! — disse o segurança irritado, afastando Dan.

Fica frio? Um guarda suíço diria isso?

Desta vez, a manga subiu mais e Dan se viu diante da cara torta de Dinger, o tricerátrope roxo que era o mascote do time de beisebol Colorado Rockies.

Por que um segurança suíço com sotaque alemão teria uma tatuagem dessas?

O elevador ia passando pelos andares. Dan lutou contra seus instintos. O sujeito poderia ter feito faculdade nos Estados Unidos. Mas havia alguma coisa suspeita.

Dan lançou um olhar para Amy, um olhar que dizia *alguma coisa aqui não tá certa*.

Ela arregalou os olhos. O elevador descia rapidamente para a garagem do subsolo e Dan tinha a impressão de que, quando a porta se abrisse, eles não seriam recebidos por uma comitiva de boas- vindas.

Bem, se o sujeito fosse mesmo um segurança, ia ter que perdoar Dan. Não havia outro jeito.

Dan fez um sinal com a cabeça na direção do botão vermelho de emergência. Amy assentiu. Dan agarrou a sacola de Fiske e a virou para baixo. O guia de viagem caiu no chão, distraindo a atenção do segurança no exato momento em que Amy deu um passo à frente e apertou o botão de emergência.

O elevador parou com um tranco. Todos se desiquilibraram. Dan esperava justamente isso. Então enfiou a sacola na cabeça do segurança e ouviu o grito abafado dele. Agora tinha o fator surpresa, por isso o aproveitou. Dan chutou forte a parte de trás do joelho do segurança, que perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos, soltando um grito. Com uma das mãos o homem tentou arrancar a sacola da cabeça, enquanto com a outra agarrou Dan pelo pescoço... e apertou forte.

Dan tentou se livrar daquela mão. Ele sentia uma pressão enorme e uma dor imensa. Viu Amy dando socos no segurança com os punhos fechados. Era como bater numa montanha.

Fiske se curvou será que estava machucado? Em seguida, ele acertou a nuca do segurança com um jornal compactamente enrolado. Para espanto de Dan o segurança caiu e a pressão em sua garganta cedeu.

— Uau, cara — disse Dan, ainda sufocado. — Por acaso você é um agente da CIA disfarçado?

— As coisas que a gente aprende na família Cahill são espantosas — respondeu Fiske, sentando-se em cima do segurança. — E agora você pode me dizer o que está acontecendo?

— Acho que ele é um Vesper.

Rapidamente, Dan contou da tatuagem e de como o segurança tinha dito "Fica frio". De repente, tudo aquilo pareceu um tanto inconsistente com o homem ali desmaiado no chão.

Fiske olhou para cima.

— Amy, você poderia apertar algum botão? Qualquer andar bem alto serve. Seria bom sairmos deste elevador.

Amy apertou o botão do último andar. Quando o elevador recomeçou a andar, Fiske se abaixou rapidamente e pegou a arma do segurança.

— Demais! Dan falou baixinho.

Então Fiske pegou o spray de pimenta e esperou a porta do elevador abrir. Ergueu a sacola um pouquinho, pulverizou o rosto do homem com o spray e saiu.

Ele vai chorar bastante quando acordar.

Amy voltou ao elevador e apertou os botões de todos os andares. A descida seria demorada.

— Tomara que você esteja certo — ela disse a Dan.

— Ele está certo, sim — ponderou Fiske. — Tudo faz sentido. Ele cometeu um erro gramatical em alemão quando falou pelo rádio. Só que Dan tem reações mais rápidas que eu.

Dan sorriu, satisfeito. Ele e Fiske se cumprimentaram com uma batida amigável de punhos.

O corredor com carpete cinza estava vazio. Eles passaram, cautelosos, diante de um conjunto de salas. Para sua surpresa, viram pessoas trabalhando tranquilamente.

— Qual é? — cochichou Amy. — Eles não sabem o que está acontecendo?

— Talvez o alarme não tenha funcionado direito — sugeriu Dan.

— Este é o andar dos executivos — disse Fiske, dando uma espiada nas plaquinhas com o nome das pessoas na porta. — Este cara é o vice-presidente.

— E esta é a sala do presidente do banco — emendou Dan. — O melhor é ir direto ao topo.

Eles abriram a porta e entraram. Dois assistentes estavam sentados em uma estação de trabalho dupla, em que cada mesa ficava ao lado de uma porta com enormes maçanetas de aço. Os dois trajavam ternos cinza. Os dois eram loiros de cabelo curto. Nas paredes, quadros enormes em tons frios de prateado e cinza. A única pincelada de cor era o azul profundo do lago Zurique, lá embaixo.

— Posso ajudá-los? — O homem da esquerda dirigiu-se a eles.

O sujeito parecia absolutamente calmo. A situação ficava mais e mais estranha.

— Sou Fiske Cahill, correntista aqui do banco. Estávamos olhando nosso cofre, quando um segurança nos disse que havia assaltantes no banco...

— E que eles estavam indo para o andar onde estávamos... — Dan o interrompeu.

— E aí nos demos conta de que o segurança era um deles, então lutamos com ele e o derrubamos... — acrescentou Amy.

Agora os dois assistentes prestavam atenção neles.

— Não recebemos nenhum alerta de segurança — disse o primeiro.

Com um gesto contido, arrumou seus óculos prateados.

Fiske tirou a arma do bolso e a colocou na mesa. Isso chamou a atenção dos dois homens.

— Creio que isso pertence ao banco — disse.

O sujeito dos óculos de armação prateada umedeceu os lábios.

— Acho que é melhor os senhores falarem com *Herr* Duber.

— Boa ideia — afirmou Fiske.

Em questão de segundos a porta se abriu e um homem alto e grisalho os cumprimentou com um aceno de cabeça. Também ele dava a impressão de ser feito de metal. Cabelos e óculos prateados, olhos cinza, frios como aço.

— O que foi, Bruno? — ele perguntou com um tom de voz irritado.

O loiro de óculos fez um gesto, apontando para eles, e deu de ombros, como se para dizer que não era responsável por aqueles três americanos malucos.

— Eles estão contando uma história sobre um assalto ao banco. Como num filme americano — o homem deu um sorriso escárnio.

— Não é uma história! — protestou Dan, furioso.

Herr Duber franziu o cenho.

— Por que não começam pelo começo?

Eles levaram mais alguns minutos para contar a historia a *Herr* Duber. Ele ligou imediatamente para a central de segurança. Franziu o cenho outra vez enquanto ouvia alguma coisa, então disse algo em alemão e recolocou o fone no gancho.

— Não há invasores armados no banco.

Fiske olhou para Dan e Amy.

— Mas ouvimos uma sirene! — insistiu Amy.

— Não temos sirene — disse *Herr* Duber. — Nosso alarme é silencioso.

— Ele deve ter pressionado alguma coisa contra a porta — murmurou Amy.

— E aquela luz vermelha e piscante? — Dan se perguntou. — Ele poderia tê-la colocado ali e ativado com um controle remoto.

— Alguma coisa está acontecendo — disse Fiske. — Imagino que o senhor queira descobrir o que é.

— Concordo, senhor Cahill — disse *Herr* Duber. — Venham comigo, por favor.

Ele os conduziu pelo corredor, que terminava em outro corredor, este sem carpete cinza e sem obras de arte nas paredes. *Herr* Duber passou um cartão diante da primeira porta à esquerda e os convidou a entrar.

Vários seguranças estavam sentados com os olhos fixos em uma parede repleta de monitores. Nem sequer se viraram para cumprimentá-los.

Fiske, Amy e Dan esperaram enquanto *Herr* Duber falava rapidamente com um homem de terno escuro, gesticulando na direção deles. Sentiram o olhar duro do homem sobre os três. Em seguida ele se virou e falou com um dos seguranças que controlavam os monitores. Depois se inclinou e passou a observar uma tela com atenção.

Fiske, Amy e Dan se aproximaram e olharam para a imagem cinza e granulada de um elevador.

— Está vendo este relógio aqui? — disse *Herr* Duber, apontando. — Vocês disseram que estavam no elevador de serviço, o que vai para a garagem? Pois faz uma hora que ele está vazio.

— Impossível — murmurou Amy.

— E o segurança da sala dos cofres? — perguntou Fiske.

— O turno dele terminou há dez minutos — disse o homem de terno escuro. — Ele bateu o ponto aqui e foi embora.

— Este é *Herr* Moser, nosso chefe de segurança — apresentou *Herr* Duber.

— O segurança nos enganou — disse Dan. — E enganou vocês também. Será que não entendem? Ele adulterou as câmeras!

— Isso é vocês que estão dizendo — disse Moser.

— Vocês estão com os objetos que pegaram de seu cofre, correto? — interrompeu *Herr* Duber. — Então não está faltando nada. Já verificamos a área interna. Não permitimos câmeras de segurança na área dos cofres, é claro. Para garantir total privacidade.

— Não importa que não esteja faltando nada — argumentou Fiske. — Houve uma falha de segurança. Se eu fosse vocês, chamaria a polícia.

— Mas se nada foi roubado... — A boca de Moser formava uma linha fina. — Preferimos cuidar disso internamente.

— E o segurança? — perguntou Fiske.

— Posso garantir ao senhor que todos os nossos funcionários têm seus antecedentes verificados...

— Podemos ver a fita da câmera de vigilância que cobre o lado de fora da sala dos cofres?

O segurança digitou algumas teclas no computador. Eles viram o timer correndo na parte inferior da imagem. Lá estava o segurança em pé. Em pé. *Em pé*.

— Esse é o Bachmann — disse Moser. — É um funcionário novo. Currículo impecável.

— Sim, tirando a parte da atividade criminosa — ironizou Dan. — Olhe o timer ali. Faz menos de dez minutos nós estávamos saindo da área, e o corredor está vazio. Esse vídeo é fajuto.

— Essa palavra eu não conheço... fajuto — Moser lançou a Dan um olhar que revelava claramente que ele pensava estar lidando com a família Doida de Pedra.

— Se eu fosse você — disse Dan — verificaria de novo os antecedentes de cada funcionário deste banco. Esse sujeito, Bachmann, não pode ter feito isso sozinho.

O chefe de segurança olhou para ele e a máscara de cortesia caiu.

— Não estou acostumado a receber conselhos de garotinhos.

Dan estava preparado para lhe dar um chute, mas Fiske pôs uma mão em seu ombro.

— Cara — ele disse — está na hora de vazarmos.

***

Eles saíram do banco pela entrada lateral e logo pegaram um táxi. Fiske pediu que o motorista desse uma volta panorâmica em torno do lago.

— Podem estar nos seguindo neste exato instante — lembrou Amy, com um arrepio.

— Acho que não — disse Fiske, que vinha olhando para trás desde que tinham entrado no carro.

— E se a gente saísse na frente deles? — propôs Dan.

— Como? — quis saber Amy.

Dan pôs a mão no bolso de sua parca e, quando a tirou de lá, mostrou uma carteira de náilon.

— Peguei a carteira do guarda antes de sair do elevador. Podem me chamar de Dan, o Batedor de Carteiras.

— O cara estava desmaiado — lembrou Amy.

— Eu sei, mas eu fiz com taaanta habilidade...

Eles se inclinaram para a frente, cheios de expectativa, quando Dan esvaziou a carteira, porém ela continha apenas alguns francos suíços amassados e o documento de identidade de Maxwell Bachmann.

Dan largou o documento, desapontado.

— Falsificado, com certeza. Não diz nada.

Fiske o pegou.

— Não necessariamente. — Manteve o documento equilibrado no joelho e tirou algumas fotos dele com a câmera do celular. — Vou enviar estas imagens para Erasmus. Ele tem um banco de dados de possíveis Vesper na cabeça.

— Não esqueça de contar sobre a tatuagem — lembrou Dan.

Fiske concordou e rapidamente digitou uma mensagem em seu telefone.

O agente Vesper olhava fixamente para Dan. O sujeito parecia um estudante, e não um mestre do crime. Dan teria passado por ele na rua sem olhá-lo duas vezes.

O telefone de Fiske zuniu. Ele o levantou para que todos pudessem ler a mensagem.

CASPER WYOMING MUITO PERIGOSO. NÃO SE APROXIMEM.

— Casper, Wyoming? — Dan comentou, incrédulo. — Não estamos nem perto dessa cidade.

— Não é uma cidade — explicou Fiske. — É um nome.

— “Muito perigoso” — repetiu Amy. — Bem, pelo menos ele não sabe onde estamos. Nem para onde estamos indo.

— E nós sabemos? — perguntou Dan.

— Sabemos, sim — disse Fiske. — Eu decifrei o que Grace estava tentando me dizer. É tão óbvio que eu não tinha entendido.

— Então pra onde estamos indo? — quis saber Amy.

— Para Zermatt, na Suíça — anunciou Fiske. — Vocês vão ver os Alpes, afinal!

***

O confortável trem avançou em alta velocidade pela paisagem pitoresca. Fiske abriu o bilhete e Grace no colo e ajeitou os óculos de leitura.

— “Pontos cardeais” — disse. — Isso estava me deixando maluco. Os pontos cardeais são uma referência ao Matterhorn.

— Não é um brinquedo da Disneylândia? — perguntou Dan.

— Exatamente — disse Fiske. — E o brinquedo é inspirado monte Matterhorn, na Suíça. A montanha tem quatro faces, cada uma voltada para uma direção: norte, sul...

— Leste, oeste — Amy completou o raciocínio. — Pontos cardeais. Mas ainda não entendo como você concluiu que era a montanha.

— *Matte* significa *prado* em alemão e *horn* quer dizer *pico*. Essa foi outra pista, caso eu não entendesse os “pontos cardeais”. Nossos pais tinham um chalé em Zermatt — contou Fiske. — Grace e Beatrice iam para lá quando eram crianças. Então o papai morreu e, por alguma razão,

o chalé nunca foi vendido. Quando eu abandonei a faculdade, que, aliás, é algo que vocês nunca devem fazer... — Fiske se interrompeu e olhou para Dan e Amy por cima dos óculos.

Dan revirou os olhos para Amy.

— Obrigado pelo sermão, tio Fiske, mas dá para você ir logo ao que interessa?

— Depois que eu desisti da faculdade, Grace pagou uma viagem para a Europa para mim. Uma das escalas foi o nosso chalé. Ela não tinha voltado mais para lá. Acho que o lugar lhe lembrava demais de tempos felizes. Em todo caso, passamos muito, muito tempo juntos... Os nossos últimos anos, como saberíamos depois. Eu tinha medo do que Grace pensava de mim. Imaginei que ela fosse me chamar de covarde. Porque eu queria desistir. Desistir da família Cahill inteira, dos jogos, das traições, das invejas mesquinhas e estúpidas... Os outros Cahill me achavam fraco porque eu não queria participar.

Amy e Dan estavam rígidos e em silêncio. Fiske nunca tinha falado muito sobre sua vida. Disse apenas que desistira da faculdade e passara anos "vagabundeando pelo mundo". Eles nunca tinham perguntado.

— Eu sabia que Grace queria que eu a ajudasse. Sabia que ela precisava que eu a protegesse. Mas ela foi generosa. Disse para eu ir embora e não voltar. Falou para eu sumir.

— Uau, eu vivo mandando a Amy sumir — comentou Dan. — Nunca funciona.

— Eu quis dizer sumir de verdade, de tal modo que os Cahill nunca pudessem me encontrar. Disse que um dia eles iam se esquecer de mim, porque então eu já não seria útil. Aliás, ela estava certa sobre isso. Mas, naquela época, me deu sua benção. E uma conta em um banco suíço — Fiske sorriu. — Grace sempre foi prática. Então, eu sumi. Vivi na Tailândia por algum tempo, na Nova Zelândia, em Bali... Me fixei em Portugal. A gente se comunicava e se via de tempos em tempos. Quando ela me chamou para voltar para casa, comprei a passagem no mesmo dia. Eu sabia que ela estava morrendo. Ela não precisou me dizer.

Fez-se um breve silêncio. Amy sentiu o ligeiro balanço do trem e piscou diante dos prados verdes que passaram flutuando do lado de fora da janela. O laço entre irmão e irmã se mantivera sólido. Ainda que Fiske tivesse escolhido viver escondido, Grace cuidou para que ele ficasse bem.

— Foi Grace quem me criou. Eu fui o seu bebê. Por isso ter me deixado ir — Fiske pigarreou — foi o gesto mais generoso que ela poderia ter tido.

Dan olhou para o bilhete.

— E as batatas?

— Esta é a parte confusa — admitiu Fiske. — Assávamos batatas na lareira, mas não na lareira do chalé. E com certeza não fazíamos isso em todos os aniversários.

— Talvez o importante não sejam as batatas — sugeriu Amy — e sim a lareira.

Fiske concordou com a cabeça.

— O chalé tem uma lareira grande. O anel pode estar escondido ali. Sabe, em seus últimos dias de vida, Grace me disse que eu poderia fazer o que quisesse com o que tinha sobrado: a mansão, a casa de Nantucket, as pinturas, os livros. Porém nunca deveria vender esse chalé nem modernizá-lo ou reformá-lo. Ela tinha contratado uma mulher da região para cuidar dele, por isso deve estar bem conservado. Eu deveria deixá-lo de herança para Amy. Na época não entendi por quê. Pensei que talvez você fosse uma ótima esquiadora, ou algo assim, Amy.

— Só se você estiver falando dos meus tombos na Encosta dos Principiantes — disse Amy sorrindo. Ela andava esquiando em Massachusetts, mas não era nenhuma especialista. Ela franziu o cenho. — Então o anel deve estar lá.

Essa era a parte da caça às pistas de que Amy gostava: decifrar os enigmas. As escapadas por um triz, ela dispensava.

Eles refletiram um pouco sobre o assunto, mas o leve movimento do trem e o fato de não terem dormido na noite anterior tiveram efeito sobre os três. Amy viu Fiske cobri-la gentilmente com seu casaco enquanto ela mergulhava no sono.

***

Acordaram para fazer a baldeação de trens e embarcaram em um menor, vermelho com janelas panorâmicas. Subiram pelas montanhas, passaram por campos cobertos de neve e por casas que pareciam ter saídos de livros de histórias e quem faziam imaginar as famílias do musical *A noviça rebelde* lá dentro entoando uma canção.

Na subida dos últimos quilômetros para Zermatt, foi impossível não ficarem sem fôlego quando o monte Matterhon surgiu imponente e nítido no céu azul.

— É maravilhoso! — Exclamou Amy.

— Tem mais de quatro mil metros de altura — disse Fiske.

— São 4.478, na realidade — especificou Amy.

— Hoje ele não é tão difícil de escalar quanto antes — prosseguiu Fiske — mas no cemitério há vários túmulos de montanhista. Nos anos de 1950, dois estudantes da Universidade de Cambridge se perderam na montanha. Os corpos deles foram encontrados trinta anos depois.

Dan estremeceu.

— Que dureza!

— É uma montanha inóspita. E tem o teleférico mais alto da Europa — continuou Fiske. — Mas acho que nós vamos ficar mais perto do chão. Assim, que pegarmos, ahn, o pacote, devemos seguir em frente. Aposto que Casper Wyoming não está trabalhando sozinho.

O trem foi parando na estação. Eles saíram com os outros passageiros, que ficaram procurando seus equipamentos de esqui e bagagem.

— Não há carros em Zermatt — explicou Fiske. — Há taxis elétricos, trens funiculares e um bonde. Além dos bondinhos do teleférico, é claro. Mandei um e-mail para *Frau* Weiser. E ela disse que o chalé estará pronto para nós.

A cidade turística de Zermatt estava repleta de esquiadores e pessoas fazendo compras. Muitos pedestres caminhavam com suas botas de esquiar e alguns carregavam esquis. Na rua principal a Bahnhofstrasse, alinhavam-se lojas elegantes de roupas de grife para esqui, joalherias com grossos e pesados relógios de ouro e confeitarias com as vitrines repleta de doces.

— Podemos subir no trem funicular — propôs Fiske. — Da estação para o chalé é uma caminhada curta.

O trem os deixou na entrada de uma trilha ascendente. Fiske apontou para a esquerda.

— Estão vendo ali? Dá para ir esquiando do chalé até a parada do bondinho que leva ao alto da montanha.

Eles caminharam com dificuldade pela neve, felizes por terem calçados suas botas de inverno. Um pequeno chalé surgiu diante deles, cercado por pinheiros cobertos de neves. Todos bateram os pés com força no chão para remover a neve antes de entrar.

O interior da casa estava frio e silencioso.

— Acho que ainda não deu tempo de o sistema de aquecimento esquentar a casa — comentou Fiske. — Ela esta vazia há muito tempo.

Uma lareira maciça ocupava uma boa parte de uma parede. Os móveis eram gastos mais confortáveis, e a vista espetacular. Os telhados de Zermatt se estendiam lá embaixo, enquanto as montanhas se erguiam ao redor deles.

— Santa *Frau* Weiser! — Dan exclamou da cozinha. — Ela deixou chocolate para a gente.

Fiske e Amy estavam do lado da lareira. Dan se juntou a eles, mastigando um chocolate. Eles olharam fixamente para os tijolos enegrecidos, como que se esperasse que eles revelassem o seu segredo.

— Aniversários... — murmurou Amy. Ela as retirou as luvas e as enfiou no bolso, mas não tirou a parca. — O aniversário de Grace, o aniversário do tio Fiske... — Ajoelhou-se do lado da lareira. — Se estivéssemos assando batatas, estaríamos bem aqui... Olhe! — Disse, vibrando. — Há um risco neste tijolo. Parece um M!

Fiske e Dan se abaixaram para olhar.

— Madrigal! — Comentou Fiske.

Dan concordou com a cabeça.

— Então, aniversários...

— É isso! Grace disse para cima, depois para baixo — lembrou Amy. — Vamos pegar os números dos aniversários de vocês e contar os tijolos. Grace nasceu em dezembro, no dia 24. Então contamos 12 para cima e 24 para baixo. O ano fica de fora, senão teríamos que subir até a chaminé.

Amy começou a contar os tijolos.

— Agora vamos contar o seu aniversario, em agosto, no dia 9. Então são 8 para cimas e 9 para baixo...

Ela parou diante de um tijolo. Bateu levemente nele com uma unha e depois tentou puxá-lo.

— Está bem preso! Nós temos alguma ferramenta?

Dan pegou a chave que Fiske havia deixado em cima da mesa, ajoelhou-se ao lado de Amy, e usando a chave como alavanca, tentou retirar o tijolo.

— Precisamos de algo mais afiado. Vamos precisar raspar toda a argamassa.

Fiske sacudiu a cabeça.

— Não sei não... Para mim, o tijolo devia estar solto, para que fosse relativamente fácil puxá-lo.

— A não ser que estejamos totalmente equivocados sobre tudo — observou Dan.

Amy inclinou-se para trás, apoiada nos calcanhares.

— Esperem um pouco. Grace não disse “nossos aniversários europeus”, ou coisa assim?

— Ela disse “ nossos aniversários na Europa” — Dan a corrigiu.

— Nos Estados Unidos, nós colocamos o mês antes do dia. Na Europa as pessoas escrevem as datas de outro jeito — disse Amy. — Primeiro vem o dia e depois o mês. Então...

— Então Precisamos contar primeiro o dia do nascimento depois o mês — completou Fiske.

Amy voltou para o tijolo com a letra M. Mas desta vez contou 24 para cima e 12 para baixo, depois 9 para cima e 8 para baixo. Em seguida, pôs a mão no tijolo que resultou na contagem e ele se mexeu.

— Está solto! — Ela gritou.

— Tome — Dan lhe entregou a chave.

Ela deslizou a chave por um dos lados do tijolo.

— Acho que consigo...

O tijolo se soltou e Amy o tirou da parede. Segurando a respiração, pôs a mão no buraco e retirou dali uma minúscula bolsinha de seda.

Foi fácil desfazer o nó. Amy pôs a bolsinha de cabeça para baixo e sacudiu. O anel caiu na palma de sua mão.

Era velho; estava desgastado e sem brilho. Amy mal conseguia distinguir alguns caracteres ou símbolos. Ela o segurou no alto.

— Não parece grande coisa.

Ela o colocou no dedo do meio. Mas como era muito largo, o enfiou no polegar.

— Nós encontramos mesmo — Dan sacudiu a cabeça. — Obrigado, Grace.

Amy girou o anel em seu polegar. Grace tinha confiado a ela esta responsabilidade, e agora era necessário proteger o anel, mesmo sem saber o porquê. O que deveria fazer? Usar o anel? Levá-lo para um banco? Esconder em outro lugar seguro? Mas aonde? Ele tinha ficado atrás daquele tijolo por muito tempo. Talvez ela simplesmente devesse colocar ali de volta.

Quando seus olhos passaram de relance pelo chão, ela notou uma mancha saindo de debaixo de um dos armários e se espalhando pouco a pouco. Uma mancha vermelha-escura...

— Tio Fiske — sussurrou Amy. — Ali...

Fiske se voltou e ela o viu engolir em seco.

— Esperem na cozinha, vocês dois — ele disse

Mas eles ficaram onde estavam. Fiske foi até a porta do armário e a abriu.

Amy soltou um grito quando uma mulher caiu pesadamente ao chão. Sangue escorria do ferimento de sua testa.

Amy ia dar um passo para frente, quando um barulho a fez olhar para trás. Casper Wyoming estava descendo as escadas e indo na direção deles.

Fiske foi o primeiro a reagir. Deu um salto para frente, colocando-se entre Casper e os irmãos.

— Corram! — Gritou para os dois.

Dan não conseguiu se mexer. Sua mente ouviu o comando, mas seu corpo estava paralisado.

Fiske acertou um chute na região abdominal de Casper e depois girou o corpo, com a intenção de dar um soco no rosto, mas ele se desviou. Horrorizados, Dan e Amy o viram erguer Fiske como se ele fosse um graveto seco e atirá-lo contra a parede. Tudo aconteceu muito rápido. Dan ouviu Amy gritar "NÃO!", enquanto o tio se chocava contra a parede com um barulho pavoroso. Com o rosto contorcido de cor, ele desabou todo torto no chão.

Mas Casper não estava interessado em Fiske. Ele avançou na direção dos irmãos Cahill, os olhos fixos no polegar de Amy, que estava paralisada, observando o inimigo se aproximar.

A energia voltou a circular no corpo de Dan. Ele agarrou o braço de Amy e a puxou para longe, enquanto Fiske, ainda caído, fez um movimento repentino em direção a Casper, segurando com força seu tornozelo. Casper, porém, deu um chute violento em Fiske, que grunhiu de dor, mais não o largou.

— Corram! — Disse com os dentes cerrados.

Seus olhos azuis acinzentados estavam anuviados de dor, mais ainda cheios de força.

Isso deu tempo suficiente para os dois escaparem. Eles saíram correndo pelas portas do fundo e subiram uma rampa. *Dá para ir esquiando do chalé até a parada do bondinho,* Fiske dissera. Os irmãos correram pela encosta nevoada, esforçando-se para não escorregar. Casper saiu da casa, atrás deles, como uma bala.

— Crianças — berrou ele — entreguem o anel! É só o que eu quero, não vou machucar vocês!

— Será que ele pensa que somos idiotas? — Amy murmurou baixinho.

Pegando a mão de Dan, ela o puxou para fora do caminho. Dan entendeu imediatamente o que a irmã estava pensando. Eles poderiam ter uma vantagem: Casper talvez não soubesse onde era a parada do bondinho.

— Onde...? — Amy perguntou.

Dan se lembrava perfeitamente, como se existisse uma pintura do lugar em sua mente. Fiske apontando para a montanha, as linhas elevadas dos cabos, a estação do bondinho, uma estrutura moderna de concreto que se projetava da encosta. Sem dúvida haveria gente lá.

— É por aqui.

Ele assumiu a dianteira, e os dois correram encosta a baixo, desviando-se dos pinheiros. Começava a escurecer. Se conseguissem embarcar no bondinho, poderiam se misturar aos esquiadores que tentavam fazer a ultima descida do dia. Então poderiam descer a montanha em outro bondinho. Não era grande coisa, mas era a única opção que tinha.

Estavam quase chegando. Como Casper não usava botas de neve, não parava de escorregar, derrapar e xingar, enquanto avançava por entre as árvores.

— Ele não é exatamente uma esportista — comentou Dan.

Ele sentia os pulmões apertados, mas não queria que Amy percebesse que estava tendo dificuldade para respirar. Precisa de apenas uma última explosão de energia. Depois poderia usar a bombinha. A estação estava logo adiante. Um bondinho se aproximava, eles iriam conseguir.

Os dois chegaram correndo à estação. Um conjunto de catracas os separava do bondinho. Os esquiadores a frente deles tinham algum tipo de cartão eletrônico que lhes dava acesso. Alguns passavam o cartão diante de um sensor, outros apenas aproximavam os quadris das catracas, que com um bip liberava a entrada.

Amy e Dan trocaram olhares. Não havia tempo. Casper estava entrando na estação, com as calças jeans molhadas de neve. Eles pularam as catracas e se lançaram no bondinho bem no momento em que as portas se fecharam.

— Vocês precisam pagar! — Advertiu o operador do bondinho, enquanto o vagão começava a se movimentar.

Na plataforma, Casper deu um soco em uma coluna de concreto.

Amy estampou sua expressão mais arrependida.

— Nossos pais estão com os bilhetes — disse — nós nos perdemos deles. E estamos sem dinheiro! Mas eles estão lá em cima esperando nós.

Dan tirou a bombinha do bolso e respirou fundo. Sentiu os pulmões se expandindo e conseguiu respirar plenamente. Tentou parecer sincero e adoentado ao mesmo tempo.

— Está bem, está bem — disse o operador — mas vocês terão que encontrá-los e pagar quando chegarmos lá.

Eles se afastaram e tentaram se misturar aos cerca de dez esquiadores que subiam para a última descida.

— Você viu aquilo? — Disse Dan baixinho. — O sujeito deu um murro no concreto.

— Espero que Fiske esteja bem.

— Olhe o Casper lá embaixo.

Conseguiam vê-lo na encosta. Ele pegou um celular no bolso.

— Passamos a perna em você, seu idiota! — Disse Dan.

— Por enquanto — disse Amy. — Para quem será que ele esta ligando? Os Vesper devem saber sobre o chalé de Grace. Em Zurique tivemos certeza de que ninguém estava nos seguindo.

— Pelo menos vamos ter um tempo para pensar o que vamos fazer agora — comentou Dan. — Ele não tem como chegar lá em cima antes de nós.

O bondinho deslizava suavemente pela montanha cada vez mais alto. Em pouco tempo eles estavam a centenas de metros da neve. Os esquiadores batiam papo e riam em vários idiomas. Um homem apontou uma trilha de descida de esqui para a sua mulher.

Amy fechou os olhos.

— Eu não imaginava que fosse tão... tão... alto.

Dan contemplou a vista deslumbrante. As arvores já tinham ficado para trás. Ele conseguia divisar os esquiadores nas trilhas como minúsculos pontinhos ziguezagueantes.

Ainda bem que ele e Amy estava agasalhados com suas parcas. Fazia frio lá em cima e o vento balançava o bondinho.

— Deixamos Fiske e aquela pobre mulher lá em baixo. Você acha que ela está morta? — Sussurrou Amy com o rosto pálido.

— Não — respondeu Dan.

Mas a verdade é que ele não tinha certeza. Usou o inalador mais uma vez, discretamente. Seu coração já estava batendo quase na velocidade normal, mas ele tinha dificuldade em focar os olhos.

No começo parecia bem bacana estar fugindo novamente, levando o melhor sobre os vilões. Mas os Vesper... Dan não sabia nada sobre eles, e isso o assustava. Ainda ouvia o barulho da cabeça de Fiske batendo na parede, e ficava enjoado só de lembrar. Casper tinha tratado Fiske como se ele não passasse de um inseto, uma coisa para ser esmagada pela sola do sapato. Aquele olhar... como se Fiske fosse menos que um humano.

Dan não estava preparado para mergulhar em tudo aquilo de novo. Nem um pouco.

Mas não podia dizer isso a irmã. Ela ia se preocupar ainda mais.

Amy chegou mais perto do vidro e apontou para a montanha mais baixa.

— Dê uma olhada naquilo.

Um helicóptero cruzava o céu, lançando sombra na neve branquíssima.

A aeronave se aproximou deles, a hélice girando. Eles conseguiram ver o piloto e alguém ao lado dele.

— Estão discutindo — observou Amy.

— Veja, aquele helicóptero está chegando muito perto — disse uma das mulheres no bondinho, nervosa, a seu companheiro.

Outra pessoa fez outro comentário em francês. O operador do bondinho olhou para fora com a expressão preocupada e falou alguma coisa no microfone de seu fone de ouvido.

De repente o passageiro do helicóptero fez um movimento para frente, e eles viram o piloto se contrair violentamente.

— Ele está armado! — Gritou alguém.

O passageiro começou a empurrar o piloto para fora do assento. O helicóptero se desequilibrou e se inclinou perigosamente.

Um americano gritou.

— Chamem os responsáveis!

— Ele atirou no piloto! — Berrou a mulher dele.

O piloto, todos viram, lutava pela vida. Impotentes, eles observavam o passageiro dar coronhadas no piloto. Este se agarrava ao assento e resistia, enquanto o outro o empurrava para a porta aberta. Alguém ao lado de Dan bateu os punhos na parede de vidro do bondinho e berrou alguma coisa em alemão.

Então todos gritaram em uma só voz quando o passageiro, inclinando-se para trás, chutou sua vitima, quase lançando-a pela porta aberta. O piloto ainda se agarrou na lateral do helicóptero,

mas, com um empurrão brutal, o passageiro o jogou de vez no ar. Todos gritaram horrorizados quando viram o homem caindo, ganhando velocidade á medida que descia e se perdia de vista.

Alguém soluçou. O bondinho era um turbilhão de vozes gritando, angustiadas, em línguas diferentes.

Dan engoliu em seco. Sentia-se nauseado. O suor brotou em sua testa. Amy virou-se para ele com os olhos arregalados de pavor.

— Já chamei a policia — anunciou o operador.

Ele repetiu a frase em alemão e italiano.

Amy tinha se voltado para a janela outra vez.

— Não acabou — ela sussurrou.

Agora o passageiro pilotava o helicóptero e conduzia direto para o bondinho. Instintivamente, todo mundo deu um passo para trás, e o vagão oscilou para um lado, descontrolado. Varias pessoas gritaram.

— Fiquem calmos! — orientou o operador. — Mantenham o vagão estável! A policia já está a caminho!

Dan lançou um olhar rápido para o alto da montanha. Eles ainda estavam longe do pico, e a queda seria de centenas de metros. Agora era possível ver o rosto do passageiro. Com um choque, o reconheceu. Era o assistente do presidente do banco, aquele dos óculos prateados.

— É Bruno! — Ele disse a Amy. — O homem do banco que nos ridicularizou. Ele é um Vesper.

Amy estava pálida, com os olhos arregalados e apáticos.

— Ele vai cortar os cabos.

Alarmado, Dan olhou para a irmã e depois para o helicóptero, que estava em altitude superior à do bondinho e inclinado para um lado. As hélices chegavam cada vez mais perto. Tão perto que Dan podia ver a expressão concentrada no rosto do Vesper, que não afastava um instante o olhar dos cabos mais acima.

— Ele não pode... — Dan começou a dizer, mas então engoliu em seco de novo. Se o sujeito estava tentando assustá-los, estava muito perto de conseguir.

Gritos irromperam de todos os lados. Instintivamente, todos recuaram de novo, e o bondinho voltou a balançar. Dan se agarrou a Amy enquanto o helicóptero crescia em seu campo de visão, as mãos de Bruno, envoltas em luvas pretas, firmes sobre os controles.

Então um grito horripilante ressoou pelo bondinho e o cabo começou a ceder. O vagão se inclinou para um lado, alguns passageiros foram para o chão e começaram a escorregar em direção às portas fechadas. Dan e Amy mal se mantinham de pé. Os gritos tomaram conta do bondinho.

— O que está acontecendo? — alguém berrou aterrorizado.

— Está tudo bem! — O operador tentava se fazer acima dos gritos. — Não vamos cair! Ainda há mais um cabo. Está tudo bem, está tudo bem!

Ele repetia em inglês, depois em francês, em italiano e em alemão, como se o fato de dizer alguma coisa repetidas vezes a convertesse em realidade. Mas um brilho de suor empapava seu rosto, e Dan podia ver o medo em seus olhos.

— Ele está voltando! — alertou um homem.

Amy segurou a mão de Dan. Agora ele sabia o que a irmã já tinha imaginado. O Vesper não estava tentando assustá-los. Ele ia matá-los.

As lâminas giratórias se inclinaram para a esquerda, prontas para cortar o último cabo e fazê-los mergulhar para a morte.

***

Vai terminar aqui, deste jeito?

A fórmula estava em sua cabeça, a fórmula que poderia fazer dele a pessoa mais poderosa do planeta. Meses atrás, eles haviam chegado à conclusão de que o soro era perigoso demais para existir. Perigoso demais para ser ingerido.

Mas, se ele o tivesse feito, se tivesse bebido a fórmula, poderia ter eliminado Casper Wyoming no chalé? Ele teria então a força de um Tomas. Se tivesse tido a astúcia de um Lucian, poderia ter antevisto o que ia acontecer e preparar uma armadilha em vez de cair numa? Se tivesse pensado mais criativamente, como um Janus, poderia ter lhe ocorrido outra maneira de escapar, em vez de embarcar numa armadilha mortal? Se tivesse a inventividade de um Ekaterina, poderia encontrar um jeito de fazer o bondinho se mover e se afastar daquele louco no helicóptero?

Se eu tivesse tudo, todos os poderes, poderia ter evitado este momento?

Dan olhou o helicóptero de frente. Ele não tinha aprendido a não ter medo, mas aprendera que fugir não era uma opção. Queria que sua última visão fosse o rosto daquele sujeito, para que os Vesper soubessem que Dan Cahill não sentiu medo. Seu inimigo não veria o pavor que o dominava.

— *Polizia!* — gritou alguém.

Uma pessoa soluçava enquanto o helicóptero da polícia seguia em alta velocidade na direção do criminoso. Dan viu o rosto colérico de Bruno quando foi obrigado a dar uma guinada à direita com o helicóptero e se afastar, tendo a polícia em seu encalço.

Algumas pessoas choravam. Um americano embalava sua mulher nos braços. Um alto esquiador alemão deu uma risada curta, entrecortada. Por um momento, o alívio deixou todos tontos. Até se lembrarem de que ainda estavam suspensos acima de uma fenda assombrosa, presos apenas por um cabo.

— O helicóptero de resgate já está vindo — disse o operador. — Vamos vê-lo num instante.

— E quando ele chegar? — perguntou Amy. — Como vão consertar o cabo?

O operador olhou para ela com uma expressão bondosa.

— Eles não podem consertar o cabo — explicou. — Vão fazer um resgate aéreo.

— R-resgate aéreo?

— Um homem do resgate vai descer de um helicóptero por um cabo e tirar um grupo por vez. Não se preocupe, eles são muito bons nisso — garantiu o operador.

Dan percebeu de repente que ele estava gelado. O bondinho não tinha aquecimento, e a condensação nas janelas já começava a congelar. Enxergar do lado de fora ficava cada vez mais difícil. Isso provavelmente era uma boa coisa, já que Amy vacilava em lugares altos.

— Capturaram o piloto do helicóptero? — ele perguntou ao operador.

Ele balançou a cabeça.

— Ainda não. Mas vão prendê-lo.

Não demorou muito, eles ouviram o barulho de uma hélice e tiveram um vislumbre rápido do helicóptero que se aproximava. Um homem usando uma parca vermelha estava pendurado na ponta de um cabo comprido. O helicóptero subiu um pouco mais, e eles sentiram um ligeiro impacto quando o homem do resgate pousou sobre o bondinho. Um segundo depois as portas se abriram, ele tomou impulso e se lançou para dentro.

O barulho era ensurdecedor. O socorrista fez um gesto para o casal mais próximo dele e depois para Dan e Amy. Havia cordas com ganchos presas ao cabo, e o homem e sua mulher já se ajeitavam naquela espécie de tipoia.

— Vou ter que sentar nisso e ser puxada no meio do nada? — indagou Amy. Seu rosto estava dominado pelo terror. — Dan, eu não consigo.

— Você está brincando? É claro que consegue. Você já esteve no topo do Monte Everest! Isso aqui vai ser moleza.

Dan não gostou da expressão que viu em Amy. Sua irmã era insanamente corajosa quando enfrentava um perigo, mas a espera acabava com ela.

— Vamos lá — ele a levou para a frente. — Por acaso isso vai ser pior do que quando obriguei você a pular da sacada daquele museu no Cairo?

Amy deu uma risada fraca, mas avançou e se sentou, hesitante, na geringonça. O socorrista prendeu o cinto.

Dan se instalou na tipoia.

— Prontos? — gritou o homem do resgate.

Todos concordaram, e a resposta de Amy, “Na verdade, não”, com voz fraca, foi engolida pela rajada de vento assim que eles desceram do bondinho para o meio do nada.

Dan sentiu o puxão forte do cabo e o jato de ar gelado no rosto. Camadas de nuvens se acumulavam em volta da montanha e os floquinhos de neve que batiam em seu rosto pareciam pedras de gelo. Eles balançaram na ponta do cabo quando o helicóptero começou a descer. Dan olhou para baixo e engoliu em seco. Amy manteve os olhos fechados.

Eles devem ter permanecido no ar por mais ou menos cinco minutos, porém a sensação foi de muito mais tempo. Finalmente, muito abaixo deles, Dan divisou o agrupamento de resgate, homens e mulheres de parca vermelha, reunidos em uma clareira ao lado de uma cabana alpina. O helicóptero descia cada vez mais, e ele viu os socorristas aguardando, de braços estendidos. O helicóptero pairou no ar e, em questão de segundos, um deles já tinha agarrado as pernas de Dan, que quase desabou sobre o homem. Agora que a sensação de alívio percorria seu corpo, seus músculos pareciam ter se amolecido por completo.

— Você está bem? — perguntou um dos homens do resgate.

Dan assentiu com a cabeça, embora não soubesse ao certo. Será que o sujeito ia pensar que ele era louco se beijasse o chão? Ele decidiu pular essa parte.

Agora ele via como a cabana era maior do que ele tinha pensado. Era um pequeno restaurante. Esquiadores estavam lá dentro assistindo à operação de resgate, a maioria bebendo alguma coisa quente. Alguns tinham apenas meias nos pés. Era estranho voltar a um mundo em que as pessoas se sentavam aquecidas e confortáveis em volta das mesas, tomando sopa, os pés aquecidos por meias, enquanto ele quase tinha virado geleia de Dan, uma meleca na encosta da montanha.

Com as pernas ainda bambas, ele caminhou até Amy, que estava sentada num banco com uma caneca de sopa nas mãos. Ao lado dela, esquis espetados na neve se projetavam para cima, formando como que uma pequena floresta. Botas para neve estavam empilhadas num capacho e numa cesta havia uma profusão de óculos de esqui.

Dan aceitou a caneca que um homem do resgate lhe ofereceu e saboreou a melhor sopa de sua vida. Tudo parecia muito nítido e claro: as sombras azuladas na neve, as nuvens esquisitas, o brilho cremoso na superfície da caneca de cerâmica.

— Entrem para se aquecer, se quiserem — disse o homem do resgate. — Estão vendo aquele homem conversando com o casal ali? Ele vai falar com vocês também. É um paramédico. Vocês não parecem estar em choque, mas temos que examiná-los. Depois vocês podem descer a montanha de bonde. Mandaremos alguém acompanhá-los.

— Obrigado — Dan se deixou cair ao lado de Amy no banco. — Essa foi por pouco.

Amy se virou para eles.

— Nós quase morremos, Dan. Desta vez quase morremos mesmo — ela sacudiu a cabeça. — Pensei que tudo isso tivesse acabado. Será que algum dia vai parar?

Dan não queria responder à pergunta. Ambos sabiam que a resposta era *não*.

— Precisamos telefonar para Fiske. Mas aqui não tem sinal — disse Amy, fechando o celular com um clique. Ela percorreu a área com os olhos. — Casper Wyoming pode estar por aqui. Sem falar no outro sujeito. Temos que descer a montanha. O sujeito não falou que alguém ia nos acompanhar até lá embaixo? É a nossa melhor chance.

Dan não respondeu. Ele analisava o homem do resgate que aguardava, paciente, ao lado da estação do bondinho. Ele usava o mesmo casaco vermelho que os demais socorristas, um boné de pele puxado até as sobrancelhas e óculos de esqui que cobriam a maior parte de seu rosto. Alguma coisa nele parecia desagradavelmente familiar.

Por um instante, o homem apalpou o bolso de sua parca, como se para se assegurar da existência de alguma coisa lá dentro. Alguma coisa como uma *arma*.

Dan se virou e falou com Amy rapidamente.

— Não olhe, mas aquele homem esperando ao lado do bonde é o nosso amigo Casper.

Amy arregalou os olhos.

— O que vamos fazer? Será que devemos contar a alguém?

— Contar o quê? Que estamos protegendo um anel antigo? Que existe uma sociedade secreta chamada Vesper?

— Acho que não. Mas temos que descer desta montanha. — Amy olhou para os esquis. — E só há um jeito.

***

Em poucos momentos eles já deslizavam montanhas abaixo. As nuvens estavam mais densas e a neve caía com força. Amy e Dan não eram especialistas, mas por sorte iam por uma encosta não muito íngreme... Eles desciam a uma velocidade boa. Lá embaixo, muito ao longe, era possível ver as luzes de Zermatt começando a brilhar.

A única coisa que ouviam era o *schuss, schuss* dos esquis. De vez em quando um esquiador os ultrapassava, descendo rápido e em linha reta.

Amy deu uma olhada rápida para trás. Seu coração parou quando ela viu um esquiador de parca vermelha partindo da cabana. E, para aumentar sua inquietação, um esquiador de roupa azul-marinho o acompanhava.

— Má notícia: os dois estão atrás de nós — ela disse a Dan. — Bruno deve ter conseguido fugir. E outra má notícia: eles dão a impressão de serem esquiadores experientes.

— É... Parece que Casper é, *sim*, um esportista — resmungou Dan.

— Temos que sair desta trilha. Se descermos direto por ela, a vantagem vai ser deles. Eles são muito mais velozes que nós.

— Eu sigo você — disse Dan.

Amy saiu da trilha. A neve estava gelada e irregular. Ela segurou firme os bastões. Seria um desastre se um deles caísse. Tentou não se lembrar dos avisos que tinha lido sobre aquela montanha, aconselhando as pessoas a se manterem na trilha, informando sobre as fendas traiçoeiras que podia haver fora delas, prontas para engolir esquiadores incautos. O vento cortante fustigou seu rosto e ela abaixou um pouco a cabeça, procurando se concentrar no melhor caminho a seguir pela neve. Quanto ao sentido, não havia dúvida: morro abaixo.

A velocidade deles aumentou. Os Vesper tinham esquis mais longos, mais velozes para esquiar em trilhas, porém menos manobráveis que os esquis mais curtos de Dan e Amy. Eles foram serpenteando em pedras grandes. De um lado e de outro havia rochedos e penhascos.

Amy semicerrou os olhos por trás dos olhos de esqui que tomara emprestados. Ela antevia um problema. Havia duas divisões naturais no caminho que eles seguiam. À direita, um grupinho de árvores. Á esquerda, grandes pedras se elevavam da neve, e o terreno se tornava mais e mais rochoso, terminando no que parecia ser um rochedo enorme, que poderia muito bem se candidatar a plataforma de salto olímpico de esqui.

Amy seguiu pela direita. Ela ouvia Dan perto fazendo força para respirar, enquanto os dois iam de lá pra cá, procurando um caminho por entre as árvores. Isso deveria ter lhes garantido uma boa dianteira, mas não foi o que aconteceu. Quando eles emergiram das árvores, Amy olhou rápido para trás. Os dois Vesper estavam próximos, e os alcançariam em poucos segundos.

Ela pressentiu o fim inevitável daquela caçada e resistiu ao pânico que queria dominá-la.

Amy sentiu os braços e as pernas doloridos. Seus músculos ardiam, seu peito doía. E ouviu o som que tanto temia: Dan tinha começado a chiar; sua respiração fraquejava. Os músculos dela

estremeceram. Amy agarrou os bastões e olhou para a frente, decidida, dizendo a si mesma que não podia desistir. Quando é que ela havia desistido na vida, mesmo nas vezes em que se sentiu exausta, desanimada e certa de que não sairia vitoriosa? Essa determinação a fizera seguir em frente, mantivera o irmão e ela firmes ao longo da caça às pistas. Dan também a possuía.

Amy olhou para trás. Os dois esquiadores avançavam depressa. Já estavam tão perto que ela conseguia ouvir o som que seus esquis faziam na neve. Eles não eram desajeitados, como ela e Dan. Pareciam máquinas.

Os músculos de suas pernas tinham passado do ponto de arder; agora tremiam de forma incontrolável. O dia tinha sido horrível: a noite sem dormir, os sustos, a experiência de quase morte. Amy sentiu as lágrimas se acumulando e começando a cair.

Eles não iam conseguir.

Ela tinha feito a escolha errada ao sair da trilha principal. Com outra olhada rápida para trás, viu que os Vesper estavam quase chegando.

À frente deles, ela viu que um afloramento de neve crescia, devia ser um pequeno rochedo, mas a manobra lhes custou caro: eles caíram e os Vesper os alcançaram. Estava acabado.

Os Vesper pararam à frente deles, provocando uma chuva de neve. Amy e Dan se levantaram. O único som era da respiração ofegante dos dois irmãos e do assobio do vento. Amy notou como tinha escurecido e como as luzes do vilarejo pareciam distantes lá embaixo. E como estavam sozinhos. À esquerda ela viu o rochedo que evitaram antes. À direita mais floresta. A neve se estendia ampla e deserta adiante, mas os Vesper bloqueavam seu acesso.

Casper falou.

— O anel. É só o que queremos.

Será que ele estava dizendo a verdade? Um pouquinho antes eles se mostraram dispostos a fazê-los despencar para a morte.

Amy agarrou seus bastões de esqui. Sua cabeça funcionava a mil. Será que ela estava num beco sem saída? Se entregasse o anel, haveria alguma chance para eles? Ela não podia deixar que nada acontecesse a Dan. Era sua irmã mais velha, sua protetora. Ela odiava isso, mas era verdade.

— Nem pense nisso — murmurou Dan.

Como sempre, ele sabia o que Amy estava pretendendo: ela iria sacrificar o anel por ele.

Amy sentiu a joia em seu polegar, dentro da luva. De repente no meio daquele terror, teve um acesso de lembranças. Uma após outra, elas se derramaram sobre ela: Grace, com um olhar atento, entregando-lhe um novo livro de sua biblioteca. Grace, deitava no divã junto a janela, perto do fim, a dor gravada em cada traço de seu rosto, mas se voltando para Amy e invocando alguma chama interior que a transformou de novo em uma pessoa com vida. Protegendo Amy de sua dor, protegendo os dois da terrível consciência de que a morte estava em seus ossos e chegaria em breve.

Isso era coragem. Isso era força.

Como ela poderia responder com qualquer coisa menor do que isso?

— Está preso — ela disse a Casper. — Não consigo tirá-lo do dedo.

Casper sacou uma faca comprida e reluzente.

— Minha querida, isso não será problema.

De repente, um vulto escuro surgiu do nada, voando por cima do afloramento à direita deles, tão rápido que, num primeiro instante, Amy pensou ser uma ave de rapina, não um esquiador.

Quando ele atingiu o chão em meio a uma chuva de neve, Amy pressentiu um movimento do outro lado. Um *snowboarder* saltou do penhasco rochoso à esquerda, girando e parecendo ficar suspenso no ar por algum tempo. Casper quase caiu para trás, tentando agarrar seus bastões de esqui.

O *snowboarder* aterrissou a centímetros de Bruno, desequilibrando-o. Bruno caiu de costas e começou a escorregar.

— Uau — Dan falou baixinho.

Casper Wyoming enfiou seus bastões na neve e deslanchou. O esquiador mudou de direção e o seguiu, quase voando. Amy viu cabelos grisalhos saindo do gorro justo de lã. O esquiador fantástico era Fiske!

Enquanto isso, mais a frente de Wyoming, Bruno continuava escorregando. Ele parecia ter atingido um trecho de neve congelada. O *snowboarder* misterioso estava quase se aproximando dele, quando Bruno sumiu de repente. Um segundo antes ele estava lá e depois... não mais. O *snowboarder* imediatamente deu uma guinada e parou.

Para Wyoming também foi tarde demais. Ele estava indo tão rápido no gelo que subiu ao ar por um instante e em seguida também desapareceu. Fiske freou, com nuvens de neve espirrando de cada lado dos esquis. Ficou parado um instante, olhando para baixo.

Amy piscou. O que tinha acontecido?

Amy e Dan foram esquiando devagar até lá. Fiske ergueu uma mão para que eles parassem a alguns centímetros dele e do *snowboarder*.

O *snowboarder* virou e disse apenas uma palavra:

— Fenda.

Era Erasmus.

***

Os dois seguiram Erasmus e Fiske montanha abaixo, esquiando devagar enquanto a luz do dia desaparecia por completo. Os músculos de Amy estavam tão cansados que ela precisou recorrer a toda sua concentração para descer a montanha sem cair.

Eles esquiaram direto até a entrada dos fundos do chalé. Os dedos de Amy tremiam enquanto ela tentava tirar as botas. Fiske se inclinou e gentilmente a ajudou, e depois a Dan, enquanto Erasmus olhava a noite que caía.

— Cara — disse Dan exausto, a Erasmus. — Uma manobra McTwisti 720, e você conseguiu. Irado!

Erasmus deu sorrisinho com o canto da boca.

— Obrigado... cara.

Amy olhou para a cabeça grisalha do tio. Ele tirou a outra bota de Amy e pousou a mão sobre o pé dela, de meia. Quando olhou para cima, ela agradeceu com um sorriso. Ele sorriu de volta, mas com um semblante cheio de preocupação. Fiske sabia, tanto quanto ela, como eles tinham chegado perto de uma tragédia.

Mas, por trás da preocupação dele, Amy enxergou algo profundo e constante, firme como uma rocha. Amor.

Ela se levantou ao mesmo tempo que Fiske, e ele a abraçou. Amy sentiu a força surpreendente de seus braços. Fiske pôs uma mão sobre sua cabeça e a segurou contra o peito.

Ele olhou por cima da cabeça de Amy e estendeu o outro braço para Dan. Para a surpresa de Amy, seu irmão não deu de ombros nem levou na brincadeira. Foi até eles e se deixou envolver pelo abraço. Os três ficaram assim um tempo, abraçando-se forte.

Amy fechou os olhos e inspirou o cheiro da noite, dos pinheiros e da neve. Ela esperava por um momento como esse desde que eles tinham retornado da caça às pistas. Haviam estado juntos no Dia de Ação de Graças, no Natal, em muitas manhãs bem cedo, em muitas noites bem tarde, mas de algum modo os sentimentos sempre ficaram um pouco de lado.

Agora esse instante tinha chegado e ele bateu em seu coração de forma cristalina e perfeita. Isso é *família.*

— Vamos entrar e ficar bem quentinhos — propôs Fiske.

Amy se virou para agradecer a Erasmus, mas ele tinha desaparecido.

— Ele vai vigiar a casa esta noite — disse Fiske. — Por precaução. Vamos partir no próximo trem, mas ainda temos algum tempo para descansar.

Um fogo ardia forte na lareira, e havia uma garrafa térmica com chocolate quente e um prato de sanduíche à espera deles.

— Como vai *Frau* Weiser? — Amy quis saber.

— Ele já recebeu alta da clínica — disse Fiske. — Sofreu um leve ferimento na cabeça e uma concussão. Vai ficar bem. A filha dela veio aqui e preparou isto para nós.

Eles beberam xícaras de chocolate quente e devoraram os sanduíches. A noite tinha caído rápido, e a neve voltara a sussurrar nas vidraças.

— Andei pensando... — disse Fiske. — Precisamos nos livrar do anel. Quem sabe um banco em Londres...

— Também estive pensando nisso — Amy o interrompeu. — Chega de bancos. É isso que eles vão imaginar que faremos.

Fiske já tinha começado a sacudir a cabeça numa negativa.

— Sei o que está pensando. Você não pode usar o anel, Amy. Viraria um alvo.

— Já sou um alvo — ela argumentou. — Vamos encarar a verdade. Grace me escolheu para proteger o anel. "Guarde-o bem perto", ela disse. Talvez a melhor maneira de fazer isso seja escondê-lo à vista de todos.

Dan e Fiske olharam para ela curiosos.

— Como? — perguntou Dan.

Amy olhou através da janela para a noite escura, para os pontinhos radiantes das estrelas, para o leve véu de luzes douradas, nas encostas mais baixas da montanha.

— Bem — ela disse — estamos na Suíça, afinal...

***

A noite começara a cair na noite anterior e vinha caindo o dia inteiro. Até que enfim havia nevado num dia de aula. Mesmo Boston, que normalmente não parava por causa disso, havia se rendido. Escolas e empresas fecharam as portas. O vento uivara a noite inteira, formando montes altos de neve.

Da janela de seu quarto, Amy olhou para fora. O lindo prado de Grace tinha se transformado em um campo completamente branco. Cada arbusto e cada árvore exibiam uma pesada camada de neve; os galhos sobrecarregados se arrastavam pelo chão, como que agradecendo, numa reverência, os aplausos que tinham recebido por estarem tão bonitos.

A noite caía rapidamente, como sempre acontecia em Massachusetts. Amy sentia o cheiro de alguma coisa sendo preparada na cozinha. Fiske lhes prometera um banquete, uma vez que a neve os isolara.

Ela olhou para seu relógio de pulso. Era quase hora do jantar. Seus dedos acariciaram o valioso relógio suíço. Cada segundo avançava em um movimento minúsculo e preciso. Antes de voltarem para a casa, eles tinham ido ao melhor relojoeiro de Genebra.

O anel agora era parte dela, um círculo de ouro no relógio de face preta.

Amy tinha protegido o anel e o conservaria em segurança.

Eles haviam derrotado os Vesper. Erasmus transmitira a Fiske a mensagem de que os Vesper tinham voltado à clandestinidade... por enquanto.

Havia evidências de que Casper Wyoming tinha escapado do destino reservado a seu companheiro. Ele ainda estava vivo em algum lugar.

Amy havia aprendido muito naquela viagem. O mais importante: ela e Dan não sabiam o suficiente. Eles quase tinham morrido duas vezes, naquela montanha, uma por terem tomado a decisão errada e outra por terem superestimado a própria força.

O sucesso deles tinha sido resultado de muita sorte e pouca habilidade.

Eles precisavam ser mais rápidos, mais espertos, melhores. Precisavam saber mais. Precisavam ser bons em mais coisas. Precisavam treinar. Ela se lembrou de como seus músculos e pulmões arderam naquela montanha, da sensação de que seu corpo não suportaria fazer o que ela precisasse que ele fizesse.

Isso jamais poderia acontecer de novo.

Naquela noite, depois do jantar, ela diria a Fiske, Nellie e Dan o que vinha pensando sobre a mansão de Grace.

Ela se lembrou de como Dan tinha zombado do bilhete de Grace no banco suíço. Ele estava certo: Grace nunca fora sentimental. Reformar a casa para que ficasse exatamente igual ao que era quando ela estava viva não fazia sentido. Grace não aprovaria. Iria rir da tolice deles.

Eles precisavam jogar fora todas aquelas plantas nas quais Fiske tanto trabalhara. Deveriam recriar a mansão de Grace para ser a casa deles. Um lar, sim. Mas também um lugar para aprender. Um lugar de treinamento. Um lugar para se prepararem.

Amy sentiu o contorno do tampo do relógio, o anel que circundava a passagem do tempo. Lembrou-se do rosto de Dan no bondinho, dos pensamentos que povoavam a cabeça dele e que apenas Amy conseguia ler. O soro. Ele tinha pensado nisso. O soro estava correndo na cabeça de seu irmão, e ele nunca, nunca deveria voltar a tentá-lo. Ele precisava se sentir forte *sem* o soro. Os dois precisavam.

Precisariam de força, habilidades, tecnologia, treinamento. Tudo o que não soubessem poderia se voltar contra eles. Ela faria disso um jogo para Dan. Não falaria sobre seus receios. Ela lhe daria o maior número possível de anos de infância.

Mas então o dia do acerto de contas chegaria. Os Vesper estavam lá fora. E, na próxima vez em que se encontrassem, Amy jurou, ela e Dan estariam preparados.